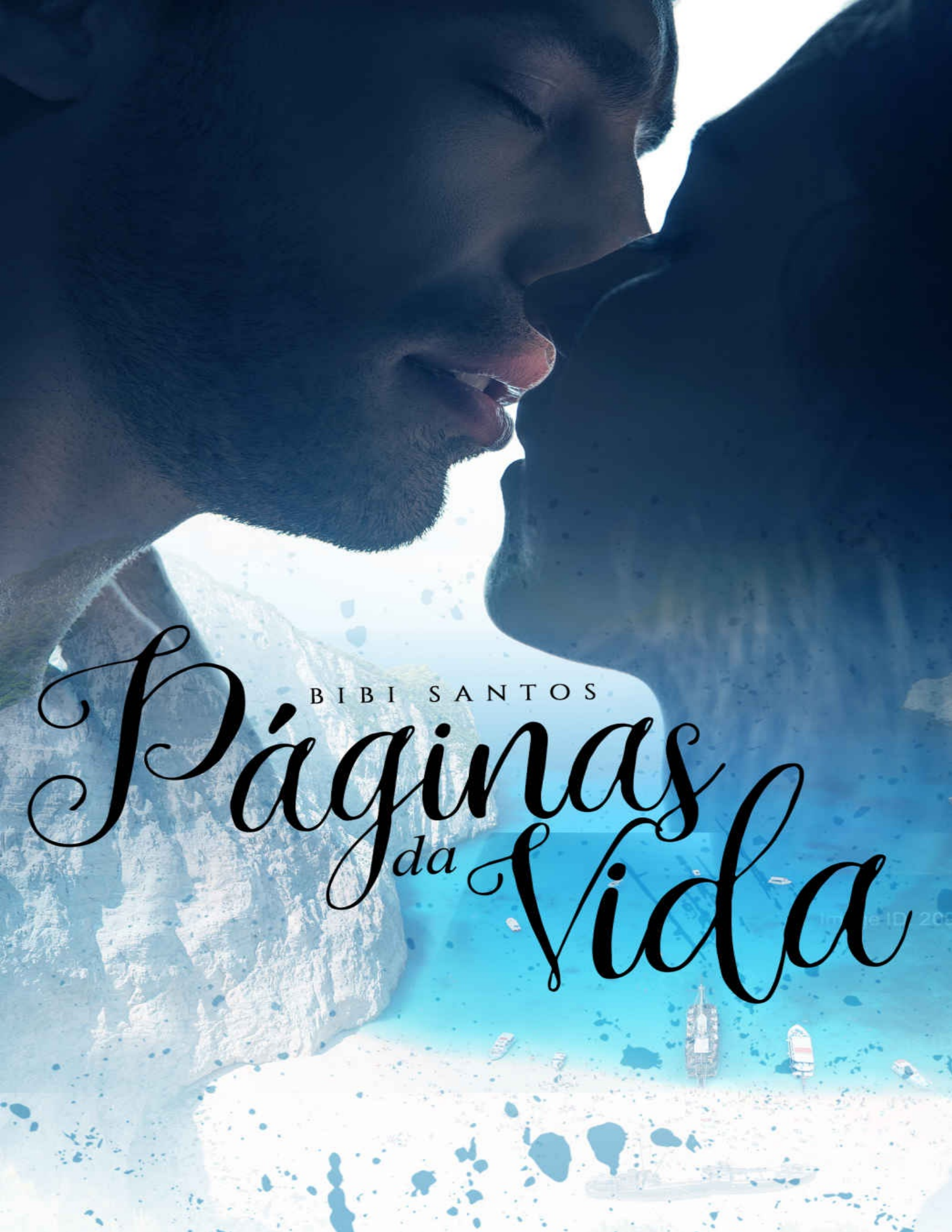




BIBI SANTOS

Páginas da Vida

Imagem ID: 203



PERIGOSAS NACIONAIS

B I B I S A N T O S

*Páginas
da Vida*

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 – Bibi Santos

Capa: **TG Design**

Revisão: **Hellen Caroline**

Diagramação: **Denilia Carneiro – DC**

Diagramações

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

PÁGINAS DA VIDA

1ª Edição

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o PERIGOSAS ACHERON

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo
184 do Código Penal.

Wenceslau Guimarães - BA
Bibi Santos
2019

A palavra grega para "retorno" é
"nostos". "Algos" significa
"sofrimento". A nostalgia é, portanto, o
sofrimento causado pelo desejo
irrealizado de retornar.

Sinopse

Um homem e seus demônios...

Uma mulher e sua luta...

A grega Iris Callas perdeu seus pais em uma acidente de barco, virando tutora dos seus irmãos menores, a vida era dura com Iris, mas ela acreditava e tinha gratidão pela vida.

O grego e escritor Arthur Marlus não tinha mais nenhum motivo para viver ou sorrir, para ele tudo acabou com a morte de sua esposa Rachel.

Na ilha de Kato as duas histórias se encontram, ela como um raio de sol na vida do

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur.

Os dois tinha uma dura estrada para seguir,
mas o amor vence todas as barreiras.

Duas almas sofrida...

Duas vidas marcadas...

E uma história de amor.

PERIGOSAS ACHERON

Notas da Autora

Como algumas leitoras já sabem, comecei minha vida de leitora lendo livros de banca de jornal, e como escritora sempre foi um sonho escrever algo parecido, com um grego igual os livros que li na adolescência.

Páginas da Vida é a realização de um sonho.

Foram meses de pesquisa e confesso que me apaixonei pela Grécia e seu povo.

Quanta alegria, quanta resiliência!

A beleza desta terra tão encantadora adornará nossa história, a alegria do povo grego vem em forma de Íris nossa mocinha, ela é a típica grega;

PERIGOSAS NACIONAIS

Cada linha escrita aqui é um presente para você leitor que também amam romances de banca.

Agradeço imensamente as minhas Betas maravilhosas Stefany e Valquíria, elas ajudaram nas pesquisas abrandaram minha ansiedade e viajaram a Grécia junto comigo, para construir esse livro.

Obrigada meus amores!

Agradeço a Lily Freitas obrigada por segurar minha mão e acreditar quando pensei que nada poderia dá certo!

Espero que essa história arrebate o coração de vocês, assim como roubou o meu a cada linha escrita!

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Dois anos antes...

A noite estava belíssima, muitas luzes, repórteres, muita animação. Desci da limusine e a segurei pelas mãos para que saísse também.

Vestida de preto, com vários brilhos no vestido que a deixava mais bela ainda, seu cabelo loiro com um penteado cheio de pedrinhas.

Com um sorriso de felicidade ela tocou meu rosto e beijou meus lábios, fazendo com que vários repórteres se aproximassem, tentando obter nossa atenção.

Mas foram dispensados pelos seguranças e entrei na festa com minha mão em sua cintura, me sentindo o homem mais sortudo do mundo.

Minha mulher é linda, sou bem-sucedido, do que mais preciso?

— Um filho!

Sua voz disse, doce, como se lesse meu pensamento.

— O que disse? — Virei seu corpo para mim e um sorriso brilhante adornou seu rosto belíssimo, Rachel era linda, modelo famosa, e uma mulher incrível.

— Que vamos ter um filho!

— Sério?

— Sim. Soube hoje!

Meu coração tremeu de tanta felicidade, o garçom parou e peguei a taça de sua bandeja, e de

PERIGOSAS NACIONAIS

um gole só tomei o líquido que desceu molhando de forma suave minha garganta.

— Você me faz tão bem! — Segurando-a pela cintura, trouxe seus lábios para mim. — Te amo.

— Artur Marlus?

Virei para voz que me chamou.

— Estávamos aguardando sua chegada — disse a moça vestida como organizadora do evento.

— Sim. Vamos começar? — perguntei.

— Sim, vamos.

Os seguranças se colocaram ao meu lado e adentrei o espaço segurando a mão da Rachel. Todos aplaudiram na entrada, fiz sinal com as mãos para alguns conhecidos e segui até o palco.

— Arrasa, amor! — Rachel disse, piscando.

Beijei sua boca como um amuleto de boa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte e um vento frio passou por nós, como presságio, mas não me importei. Me sentia invencível demais para me importar com qualquer outra coisa que não fosse aquele momento.

— Com vocês, o autor Artur Marlus Sanna!
— Foi anunciado pelo mestre de cerimônia.

Subi ao palco e dei a mão para todos que aplaudiam e gritavam meu nome. Era a melhor fase da minha carreira, e meu livro, “*O segredo*”, virou filme e hoje era o grande dia de comemorar o sucesso de bilheteria.

— Boa noite a todos. Obrigado por estarem aqui comigo — falei com voz firme. — Estou muito feliz pelo sucesso do filme e do livro ao qual fui o roteirista, mas estou mais feliz ainda porque descobri que o grande amor da minha vida vai me dar um filho...

Os gritos pipocaram de todos os lados. Olhei

PERIGOSAS ACHERON

para o meu lado direito e os olhos da Rachel estavam em mim, e lágrimas brilhavam nele. Com um sopro soltou um beijo que o vento trouxe ao meu rosto.

Fez “eu te amo ” com os lábios silenciosos.

— Sou um homem de muita sorte.

Capítulo 01

A coluna reclamou da caminhada, parecia que ia quebrar ao meio com o peso do balde de roupa.

Mas precisava entregar para dona Sofia no horário que prometi. Esse dinheiro me ajudaria bastante a comprar a comida, pois o que tinha só dava para aquele dia.

Um gemido me chamou atenção, segui o barulho e um homem estava caído perto da estrada, seu rosto sujo de sangue, como se tivesse caído e batido a cabeça.

Precisava de ajuda, então segurei sua cabeça e pus no meu colo.

— Calma, moço. Vou conseguir ajudar — disse baixinho.

Seus olhos se abriram e eram de um azul de tirar o fôlego. Parecia ser um homem belíssimo.

— Rachel? — Tentou tocar meu rosto, mas apagou antes de conseguir levantar a mão.

Sua voz tinha agonia, medo, pesar... ele estava sofrendo.

Quem era Rachel?

Uma poeira da estrada era o sinal que precisava. Coloquei a cabeça dele na terra e corri para conseguir ajuda.

Agitei a mão e uma carrocinha parou. Era o senhor Alcides, pescador que morava perto da minha casa.

— Iris? O que faz nesta estrada, menina? — falou gritando e descendo da carroça. — *κύριε!*

— Ele precisa de ajuda.

Voltei para junto do desconhecido e o senhor Alcides me seguiu.

— *κόριε!* Parece bêbado.

Realmente o cheiro de álcool estava forte, mas ele não era um bêbado qualquer. Apesar da roupa suja, se via que era de qualidade e as botas não eram de um pescador, a barba estava espessa, mas se via requinte em seu rosto.

Não era da ilha, mas possivelmente um viajante que bebeu demais e acabou se acidentando.

— Vamos colocá-lo na carroça e entregar no postinho.

Na ilha de Kato não tinha hospital, só um posto médico. Se alguma coisa grave viesse a acontecer, seria necessário chamar um barco-ambulância para levar o paciente à ilha Koufonisa.

Éramos um povoado pequeno, tínhamos só
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pescadores e boa vontade de sobreviver por ali. Poucos turistas apareciam na ilha, a não ser os ricos e famosos que possuíam casas ao pé do morro e não desciam de seus castelos para ver o sofrimento do nosso povo.

Suspirei, ajudando o senhor a colocar o moço na carroça. Ele era grande e muito pesado, os cabelos oleosos, mas cheirava bem.

Com muito esforço conseguimos pôr o corpo dele dentro da carroça, peguei o balde e sentei ao fundo para segurá-lo, caso caísse.

— *Éleos!* Menina Iris sempre salvando alguém! — gritou sobre o barulho do vento e eu sorri. — Você é um anjo.

— Como sempre um cavalheiro, *Sas efcharistó!* — agradei a gentileza de suas palavras.

Virei para o moço que abriu seus olhos azuis lindos e os fixou em mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Rachel! — gemeu.

A Rachel era uma moça de sorte em ter um príncipe daqueles, e eu não tinha tempo para o amor. Ali não existiam muitas opções de príncipes, infelizmente meu futuro não era ser uma Rachel de um príncipe de olhos azuis.

Tinha muitos deveres, responsabilidades e sonhar com contos de fada não eram para mim.



Terminei a entrega das roupas e, feliz, fui à quitanda comprar comida. O dia estava quente e muito ensolarado, meu pensamento seguiu o caminho do moço que encontramos na estrada.

Será que ficou tudo bem?

Quando terminasse, iria ao postinho a fim de saber.

— Bom dia!

PERIGOSAS NACIONAIS

Disse, seguindo meu caminho com as compras na mão. Sempre gostei de cumprimentar as pessoas ao meu redor, era conhecida por ali, lavava roupas de muitas mulheres da vila, assim como de muitos ricos do pé do morro.

— E as crianças, Íris? — gritou uma conhecida.

— Na escola. Tenho que correr, pois ainda vou preparar o almoço.

Sorri, acenando e seguindo o meu caminho. Foi assim até o postinho, Todos sempre falando comigo. Gostava de ser solícita com todos, afinal, eles foram minha família quando meus pais morreram.

Fiquei sozinha com dois irmãos pequenos, sem saber como alimentá-los, mas recebi apoio de todos da ilha e não passei fome e nem frio com meus irmãos graças ao povo daquele lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Sou muito grata!

— Oi — falei para Yannis, atendente do postinho. — Como vai o moço?

Era um rapaz bonito, que devia ter a minha idade mais ou menos. Sempre simpático, se formou em enfermagem e voltou para a ilha a fim de ajudar o nosso povo. O achava surpreendente por isso, apesar de ele ficar vermelho todas as vezes que me encontrava.

Meus irmãos ficavam dizendo que ele era apaixonado por mim, mas não tinha tempo para amor e nem sentia nada por Yannis, só admiração.

— Oi, Iris. Foi você que o encontrou? — perguntou, desviando o olhar.

— Sim. Estava caído na estrada.

— Bêbado, você quer dizer? — Riu do comentário e não foi correspondido por mim. — Já foi transferido para *Koufonisa*. Veio um moço rico

PERIGOSAS NACIONAIS

e o levou.

— Mas estava bem?

— Pelos insultos e gritos que ele deu, estava sim — falou, sem graça. — Graças a Deus que foi embora.

— Graças a Deus! Obrigada por me informar — disse, tocando sua mão.

— Você sempre doce e solícita, Iris. — Seu sorriso era amoroso.

Afastei-me e balancei a mão, sem graça, deixando o local e seguindo meu caminho para casa.

Ainda bem que o moço dos olhos bonitos ficou bem, pensei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02

Arion sorriu, aceitando a xícara de café que ofereci. Era um homem bonito com sua pele morena, o pai era grego, mas sua mãe era brasileira. A mistura o deixou exótico. Um colírio para os olhos, como dizia minha irmã.

Ele era o “agente” como era chamado na ilha. Conseguia trabalhos quando algum rico ou famoso vinha para a ilha veraneiar ou um barco atracava por aqui.

Isso ajudava na renda de muitos dos morados. A pesca era nosso sustento, mas com algumas proibições ficou um pouco difícil a sobrevivência por ali.

— Como vão as coisas, Iris?

Sua voz era doce. Arion era um homem fino, educado, sua casa era a mais linda da ilha e ficava no fim da rua de pedras. Sempre fomos amigos, desde a infância, e apesar de ter se mudado para o Brasil para fazer faculdade, nunca deixou de me escrever. Com a morte do pai ele voltou para a ilha.

Sempre limpava sua casa e lavava suas roupas. Era um bom amigo.

Tinhas seus segredos e por isso se escondia na vila. Ali era muito pequeno para sua inteligência, mas ele preferia dizer que sua paz estava na ilha. Que o mundo era muito cruel com homens como ele.

— Tudo bem, amigo. — Sorri, sentando-me a sua frente. — Como foi a viagem?

Arion passou uns dias fora da ilha a negócios. Ele não falava muito sobre sua renda e eu nunca

perguntava. Preferia sua amizade. O seu coração era incrível.

— E o Klaus? — Sorriu, já imaginando a resposta.

— Selvagem e com raiva do mundo.

Klaus era meu irmão. Ele estava com doze anos, na fase rebelde da vida, e tinha raiva do mundo. Vivia dizendo que um dia seria rico e fugiria daquela miséria de ilha.

— Já fui como ele. Tenha calma. — Bateu em minha mão com carinho. — Essa raiva vai passar.

— Contando com isso todos os dias, pois temos novas discussões.

Eram cansativas suas reclamações, sempre a mesma coisa. Nada estava bom.

— Vou falar com ele — disse, pondo a xícara ao lado da mesa. — Tenho serviço para você.

Bati palmas, feliz. Estava mesmo precisando. Tinha que trocar os uniformes das crianças.

— Sério?

— Menina, sua energia é tão linda. Fico com raiva de mim por agradecer tão pouco pela vida que tenho.

— Por que não ser feliz com o que se tem? Você *tá* vivo. — Rodopiei, feliz. — *Evgnomosýni!*

— Quanta pureza! — Sorriu. — Não sei se vai querer o trabalho.

— Preciso de trabalho, amigo. Só o aluguel do barco e as roupas que lavo para fora não estão ajudando nas despesas — resmunguei, tensa. — Qual a proposta?

— Sabe que posso ajudar você, Iris — disse ele, chateado. — Posso arrumar um emprego para você fora de *Kato*.

— Eu sei. — Ajoelhei aos seus pés e pus
PERIGOSAS ACHERON

minha cabeça em seu colo. — Mas as crianças precisam de mim e eu amo esse lugar.

Fez carinho em mim. Ele era um excelente amigo e vivia tentando me ajudar. Não conseguia aceitar as minhas responsabilidades.

— Você só tem 24 anos, *agápi*! — falou, chateado, mas ainda fazendo carinho em minha cabeça. — Já com um fardo tão duro. Nem faculdade você fez, não saiu além das águas desta ilha.

— Eu sei. — Sorri com tristeza por toda situação. — Mas no momento é o que tenho e juro que sou feliz.

— Tudo bem, tudo bem — bradou, chateado. — O trabalho é duro e o patrão é uma fera.

— Quem?

— Arthur Marlus Sanna, viúvo, autor famoso, metido à besta, mal educado, grosseiro e

PERIGOSAS NACIONAIS

vive trancado em sua casa, odeia estranhos.

— Aquele do livro que você me deu no último verão? — Estava chocada. Era fã daquele homem. — Quero esse emprego!

— Estou avisando, *agápi*. Ele não é um homem fácil. — Suspirou. — Temo por você e sua pureza.

— Posso dar conta, Arion. Prometo.

Era fã do Sanna. Seus livros de mistérios eram maravilhosos. Passei dias dormindo tarde lendo suas histórias, era muito fã dele e nem acreditava que poderia dizer isso pessoalmente.

— Ele é amargurado, Iris. Cuidado! Aquele homem é ruim.

Senti um calafrio de presságio.

— Mas o dinheiro é bom e você não vai passar mais necessidades. — Sorriu ele, tocando meu rosto carinhosamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele falou o valor e quase caí sentada. Era muito bom, com ele iria conseguir pagar todas as contas e ainda sobraria para sapatos e roupas novas para as crianças, quem sabe até um sorvete na ilha *Koufonisia*... Era meu sonho levar as crianças para passar uma tarde lá.

— Pelo visto, já está fazendo planos com o dinheiro, não?

— Sim!

Sorri e levantei, dançando feliz pela sala. Ele também sorriu da minha alegria.



Cibele estava feliz com a notícia de que havia conseguido um emprego em tempo integral.

Klaus comeu e deixou a mesa, se trancando no quarto. Dei de ombro e fui lavar a louça com Cibele, que não parava de fazer perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

— Iris, ele é muito rico?

Era uma menina doce em seus dez anos de vida. Sempre ajudando, sempre com palavras de carinho, ao contrário do Klaus.

Parecia uma princesa. Morena de olhos negros iguais a noite, cabelos lisos que escorriam por suas costas e que eu amava pentear e fazer coroas de flores.

Todos na ilha eram apaixonados por Cibele.

— Parece que sim, mas também muito duro e exigente — expliquei, guardando a louça.

— Parece ruim. — Fez um bico. — Mas você vai conseguir, Iris. Você consegue sempre.

Sorri do seu otimismo. Não enlouqueci na morte dos nossos pais por conta daqueles dois, não me permiti sofrer ou me afogar em tristeza, pois precisava criá-los e os amava tanto...

— Prometo dar o meu melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu e me abraçou pela cintura, me deixando a certeza de que iria conseguir. Por eles.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 03

A casa era encantadora.

Oito horas da manhã me apresentei na casa do pé do morro, a qual era isolada e por isso tive que sair bem cedo. Deixei o café pronto e todos arrumados para a escola.

Fui de bicicleta no trajeto de mais de 30 minutos pela estrada, mas o visual era de tirar o fôlego. Nunca tinha ido para aqueles lados e percebi que o azul do mar ficava mais bonito dali. Parei para olhar as águas e abrir os braços para agradecer.

— *Sas efcharistó!* — Sorrindo para o sol, segui o meu caminho.

Tinha uma moça me esperando e um rapaz que parecia ter minha idade. Todos me receberam carinhosamente.

Estava de boca aberta olhando o local, que era lindo, com um jardim cheio de *bouganvilles* de várias cores. Parecia uma imensidão. Uma escada dava para o mar e ao lado havia uma piscina de um azul suave.

A casa era diferente das nossas costumeiras construções gregas. Parecia casa de filme americano, belíssima.

Até heliporto tinha e um helicóptero estava parado. Nunca tinha visto um de perto, a não ser sobrevoando a ilha.

— Lindo! — Não consegui esconder o contentamento.

— Fico feliz que tenha gostado, senhorita Iris — o rapaz disse, rindo do meu encantamento. —

Flávio.

Estendeu sua mão que era suave em comparação a minha, cheia de calos do trabalho diário.

— Iris Callas!

— Feliz que tenha aceitado nossa proposta.
— Sorriu, o que o deixava mais bonito. — Aryon deu excelentes referências da senhorita.

— Obrigada. Gosto de trabalhar — afirmei, nervosa.

— Sim. Essa aqui é dona Julia, nossa Governanta. — A mulher assentiu sem delongas ou contato. — Ela vem duas vezes na semana aqui só para verificação e abastecer a dispensa. Irá lhe informar sobre suas obrigações.

— Obrigada. — Acompanhei a mulher até dentro da casa.

— Iris? — Virei para o Flávio, que me
PERIGOSAS ACHERON

chamou. — Ele não morde, só grita. É um animal ferido, mas não faz mal a ninguém.

Anuí e entrei na casa com dona Julia.

Queria saber por que todos falavam isso sobre o Arthur Marlus. Alguém que escrevia tão bem, com uma alma de artista, não poderia ser alguém tão ruim.

Seria?

Uma semana depois...

Mais uma vez copos quebrados, garrafas de bebidas espalhadas pela casa, mas nada do bagunceiro que fez isso.

Ele nunca saía do quarto ou escritório enquanto eu estava ali. Me evitava como se eu tivesse a peste.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca o vi, apesar de ouvir conversas soltas entre ele e o Flávio, e seus gritos quebrando alguma coisa.

Sua voz sempre estava alta, sentia calafrios ao ouvir seus berros. O rapaz passava por mim sempre sorrindo, nem parecia que havia acabado de tomar esculacho do chefe. Era muito paciente.

Vinha a cada dois dias e se trancava com o ogro.

Parecia que era um vampiro. Só saía à noite, pois sempre tinha lixo de garrafas quebradas e a comida que eu deixava sumia do micro-ondas.

— Não se preocupe, Iris. Continue seu trabalho — dona Julia pedia quando ele começava a gritar. — Deixe-o com os demônios. É melhor.

Sentia pena do homem. A casa era pura riqueza, mas sem um pinga de amor, sem quadros de família, sem calor... Ali não existia vida.

PERIGOSAS ACHERON

No primeiro dia de trabalho, colhi rosas e pus nos vasos da casa. No dia seguinte, fui avisada para não fazer isso, pois o senhor Arthur não havia gostado.

Senti tristeza por ele.



— Como vai o trabalho, Iris? — Yannis perguntou quando passei na praça para comprar pão.

— Bem, estou gostando. Tem pouco trabalho e é só manter tudo arrumado — expliquei, empurrando a bicicleta velha.

— Soube que o homem é uma fera — comentou com um sorriso debochado.

— Ainda não o conheci. — Senti vontade de defender o Arthur, mas preferi me calar.

— Trabalha para ele e não o vê? — Parecia

PERIGOSAS ACHERON

chocado.

— Sim, não o encontro. Ele é muito ocupado — expus.

— Entendo. Dizem que ele é famoso, mas não me lembro dele — falou, pensativo. — Nunca li seus livros.

— Já li e são ótimos, mas nunca vi nenhuma foto dele a não ser uma pequena que fica na biografia do livro.

— Suspense, não é?

— Sim, com policial. É maravilhoso. Tenho quase todos, que o Aryon me deu de presente.

Contei, feliz, mas ele fechou a cara com minha revelação. Parecia chateado.

— Aceita um sorvete? — perguntou, mudando de assunto.

— Obrigada, Yannis, mas preciso chegar

logo em casa. As crianças ficaram com a vizinha hoje.

Não queria dar esperança. Via nos olhos dele que tinha sentimentos por mim, mas não tinha nada em meu coração para corresponder suas investidas.

Capítulo 04

A casa tinha dez quartos e todos com banheiro. Era dia de faxina geral, então aproveitei para lavar todos os recantos dos quartos. Parecia casa de cinema, de tanto luxo.

Às vezes achava que tinha alguém me observando, como se nas sombras houvesse um fantasma me vendo trabalhar.

Olhei a porta do quarto do senhor Marlus e pensei em bater, mas desisti. Não tinha autorização para entrar. Só a senhora Julia fazia isso quando estava na casa.

Tentava sempre conter minha curiosidade. Queria poder vê-lo, saber mais de sua vida, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a minha situação precária, não tinha um celular descente para pesquisar e nem computador para isso.

Já tinha visto um no escritório, mas não sabia se poderia mexer e também não tinha habilidades para tanto.

Precisava encontrar uma forma de saber sobre ele, pois a curiosidade me corroía.

Terminei a limpeza do andar de cima, descendo para área da piscina. O trabalho era duro, mas edificava e pagava bem. Podia comer por lá, assim economizava o de casa. Até meu primeiro pagamento, precisava controlar os gastos.

Um beija-flor sentou na árvore, fiquei observando e comecei a cantar. Era um presságio de coisas boas chegando.

Girei meu corpo com as mãos para o ar.

A dança e a música eram alimentos para

PERIGOSAS ACHERON

minha alma, suavizava a dureza da vida.

Senti um olhar sobre mim, e levantando o rosto percebi o vulto se afastar da janela. Ele estava me observando.

O meu rosto ficou vermelho de vergonha. Afastei para longe de seus olhos observadores, indo para o outro lado da área.

Ele era tão estranho!



— Como é ele?

Cibele também estava curiosa.

— Fica sempre trancado, parece que trabalhando. — Dei de ombros, entregando o prato para ela enxugar e guardar. — É escritor, então deve ter muitos livros para escrever.

— Verdade. Queria poder ver seu rosto — disse com pesar. — Deve ser feio para se esconder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Achei graça de seu comentário.

— Deve ser ocupado demais, só isso — defendi.

— Você me leva para ver a casa? — pediu ela, com olhos cheios de expectativas.

— Sim. No dia que a Dona Julia não for, eu levo você.

— Oba!

— Não sei para que você queira ir lá — Klaus resmungou, entrando na cozinha.

— Para conhecer, oras! — resmungou Cibeles de volta.

— Ele é rico, nunca iria querer encontrar uma pobretona em sua casa — avacalhou com maldade.

— Vai fazer a Íris perder o emprego.

— Não vou, não,. Só quero ver — disse com tristeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem problema em ela ir, Klaus —
intercedi. — O senhor Marlus não vai perceber.

Fechando a cara para nós duas, ele deixou a
cozinha e só ouvimos a porta do quarto bater com
força.

— Não quero que você perca o emprego —
Cibele me assegurou com voz tristonha.

— Eu sei, minha princesa, fica tranquila.

Klaus sempre tentava diminuir os interesses
da Cibele. Dizia para ela não ter expectativas de
vida, pois seria mulher de pescador fedorento,
como se isso fosse uma vergonha.

— Amanhã você vai comigo — falei,
tentando animá-la.

Pulou feliz e me abraçou.

— Você é a melhor, Íris.

Ver seu sorriso fazia tudo valer a pena.

PERIGOSAS ACHERON



— É lindo! — minha irmã disse, maravilhada com a visão do mar dali de cima.

— Também acho. Parece que fica mais azul daqui.

— Que lugar incrível! Parece que até os castelos dos contos de fadas.

Pedalei mais de meia hora com a Cibeles na garupa de minha bicicleta para chegar ao trabalho. Estava cansada pelo trajeto, mas seus olhos maravilhados e felizes fizeram tudo valer a pena.



— Cibeles? — chamei.

Passamos o dia limpando a dispensa. Minha irmã estava empolgada por estar ali e falava o tempo todo, até o momento que levantou para beber

PERIGOSAS NACIONAIS

água e não voltou.

— Cibeles?

Um grito chamou minha atenção no andar de cima.

Era Cibeles quem gritava.

Não sei em quantos minutos consegui subir toda a escadaria correndo.

No quarto estava ela, com a mão no rosto, chorando, e um homem com o rosto tomado por uma barba espessa, que deixava em evidência seus olhos azuis como a cor do mar da Grécia.

O bêbado acidentado na estrada!

— Cibeles?

— Desculpa, Íris, não queria quebrar nada!
— ela choramingava e a seus pés tinha um copo quebrado. — Desculpa!

— Tira ela do vidro!

PERIGOSAS ACHERON

Ele gritou, nervoso, e atravessando o quarto segurou a menina no colo, levando-a para longe dos cacos de vidros.

— Eu...

— Faça alguma coisa, sua lerda! - A voz dele era ativa e cheia de raiva.

Senti lágrimas nublarem meus olhos e ajoelhei para pegar os cacos e nem percebi que havia furado minha mão, até o sangue atingir o tapete.

— Droga! Você se machucou. Nem um caco de vidro consegue juntar?

— Íris? — Cibeles choramingou com os olhos enormes e sua mão segurando a daquele homem frio, que mais parecia um monstro.

— Leve-a lá para baixo e veja essa mão.

Percebi que estava no limite de sua raiva, então acatei sua ordem e segurando Cibeles em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus braços, saí do quarto dele com a certeza de que havia perdido o emprego.

Lágrimas nublavam minha visão e o medo de perder meu sustento comprimia meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 05

Lágrimas grossas saltavam dos olhos da Cibeles enquanto eu lavava minha mão na pia do banheiro.

Meu corpo estava trêmulo, o medo me assolava, mas não podia deixar transparecer para minha irmã.

— Desculpa, Íris, não deveria ter subido lá —
pedia entre as lágrimas. — Foi errado.

— Foi errado, minha princesa, mas agora já passou.

Enrolei minha mão no pano e voltei para perto dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai ficar tudo bem.

Tentei acalmá-la.

— Ele vai mandar você embora.

— Não sabemos. Vamos arrumar as coisas para voltar para casa. — Beije seu rosto. — Vou dar um jeito.

Ela concordou, balançando a cabeça, mas ainda chorando.

— Vou limpar os restos do vidro e você fica aqui — solicitei. — Promete?

— Eu juro que vou sentar ali e não vou sair.
— Fez o dedo cruzado para mim.

— Ok!



Subi as escadas com balde, pá de lixo e saco para pôr os cacos do vidro quebrados. Bati, mas

PERIGOSAS ACHERON

ninguém respondeu lá de dentro.

Empurrei a porta e o senhor Marlus não se encontrava à vista. Os vidros estavam no mesmo lugar, então agachei, começando a limpar.

A mancha do tapete seria mais difícil para tirar, mas tinha uma receita para macha de sangue, que no dia seguinte faria, a fim de limpar o local onde havia pingado do meu corte da mão.

— No seu contrato não constava que tinha filhos. — A voz grossa me assustou.

Levantei rápido e o vi saindo do banheiro com uma toalha ao redor da cintura e outra enxugando os cabelos molhados.

Era um homem belíssimo. Não estava preparada para tanta beleza.

Na realidade, nunca tinha visto um moço tão bonito.

— Peço desculpas pela minha irmã — pedi,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

torcendo a mão, nervosa. — Juro que não vai mais acontecer.

— Irmã?

— Sim. Cibele é minha irmã caçula — disse sem saber o que fazer naquele momento. — Ela é só uma criança curiosa. Vou pagar pelo copo que ela quebrou, eu juro.

— Você fala demais! — gritou. — Não pedi para pagar o copo e a menina não tem culpa!

Baixei o olhar, me sentindo inadequada e humilhada.

— A culpa é sua que a trouxe. — Apontou o dedo para mim. — Foi irresponsabilidade!

— Desculpa, senhor! — Não iria chorar, não iria chorar. — Não vai acontecer de novo.

— Espero que não. Aqui não é parque, senhorita Íris — disse alto. — Meu quarto é limite rígido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, senhor.

— Vá! Suma da minha frente!

Mais uma vez corri escadas abaixo, mas dessa vez me sentia humilhada, rebaixada a nada.

— Vamos!

Segurei a mão da Cibele, que estava sentada no mesmo lugar, com olhos lacrimejando, e saí daquela casa. Precisava de ar, precisava sair daquele local opressivo, doente, e cheio de maldades. Bem que o Arion havia dito que Arthur era um monstro. A partir daquele dia ficaria longe dele. Faria meu trabalho sem atravessar seu caminho.



— Tudo bem, Íris? — Arion perguntou, entrando na área de serviço onde eu lavava suas roupas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou bem — respondi.

— Não parece. Desde a hora que você chegou que se encontra calada — resmungou, me olhando sério. — Não deveria vir hoje, é sua folga, precisa descansar.

— E você iria andar nu por aí — respondi de volta. — Seu cesto de roupa está lotado.

Ele riu, concordando.

— Vai ser rápido — prometi. — Tenho que fazer o almoço de amanhã.

— Você trabalha demais, minha amiga — reclamou. — Vai acabar adoecendo.

— Está tudo bem — falei, olhando minhas mãos. — Conheci seu Marlus.

— Ele fez alguma coisa com você? — perguntou, nervoso.

— Não. Apenas o vi, só isso — menti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah! Fica longe dele, Íris. É amargurado e o tanto que tem de dinheiro tem de maldade.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Ele é assim.

Pensativo, olhou para o sol acima de nós e depois voltou seu olhar para mim.

— Depois que a esposa morreu ele ficou assim — contou. — Tem dois anos que ela faleceu e tem dois anos que ele vive afastado de todos.

— Que triste! — Devia sofrer de saudades da esposa. — Deve ser difícil perder quem se ama.

— Já começou a sentir pena dele! — Revirou os olhos. — Você não existe, menina.

Dei de ombros e, sorrindo, voltei a lavar suas roupas e ele entrou na casa.

Arthur, então, era um homem ferido, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofria o luto pela morte de sua esposa.

Mas como ela morreu?, pensei comigo mesma.

Terminado de lavar as roupas do Arion, ele me pagou — como sempre me dando dinheiro a mais — e me deu mais livros de presente. Eu amava ler e ele sabia disso.

Agradei. Ele era um amigo incrível.

Segui para casa apressada, mas antes passei na quitanda e comprei jujubas para as crianças.

Cibele andava triste pelo que havia acontecido e Klaus não ajudava em nada com suas piadas.

Tentaria adoçar o dia deles. Pelo menos naquele dia.

Olhei o saco de doces e sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06

Um mês depois...

— Todas as compras estão arrumadas, Íris — dona Julia falou, deixando a dispensa da casa e limpando as mãos em um pano. — Tudo que você solicitou.

— Certo. Tem como a senhora trazer mais toalhas de banho? As daqui estão puídas.

— Ah, sim, bom você lembrar. — Tirou a caderneta do bolso e anotou. — Quando vier no fim da semana eu trago.

— Tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vem fazendo um excelente trabalho, menina — elogiou. — As outras não suportaram nem uma semana.

— Teve outras? — A curiosidade venceu.

— Sim, algumas. Digamos que o senhor Marlus não gostou do comportamento delas.

— Nem o vejo — respondi de cabeça baixa.

— Eu sei, é muito bom. A maioria delas aceitava o emprego achando que poderia ser a próxima senhora Sanna.

Olhei para ela, chocada, de boca aberta ao imaginar a situação.

— Você é doce, Íris. O mundo lá fora é muito ruim — falou com pesar, alisando minha mão em cima da bancada. — Esse homem só deseja solidão e paga bem para isso. Quem somos nós para discordar?

— Sim, quem somos nós?

PERIGOSAS ACHERON

— Faça seu trabalho e continue longe do caminho dele. Vai ser melhor para você.

Concordei, balançando a cabeça. Que mundo esquisito desses ricos e famosos. Queria continuar no meu, no qual as dificuldades eram grandes, mas o amor reinava.

— Seu pagamento. — Me entregou o dinheiro com um sorriso.



— Que delícia! — Cibeles estava feliz, vestida com seu vestido novo e tomando sorvete na praça. — Obrigada, Íris.

Eles tinham tão pouco. Mereciam esse mimo da minha parte, então aproveitei meu pagamento para mimá-los com sorvete.

Klaus estava logo adiante, olhando os meninos brincarem de “TA MILA”, tomando

sorvete. Parecia relaxado, chegando até a sorrir quando alguém perdia a brincadeira e o próximo tomava seu lugar.

O senhor Deodoro havia passado lá em casa, deixando peixe e pagando o aluguel do barco. Ele reclamou das dificuldades na pesca e de suas dores nas pernas.

Era um homem bom. Quando meus pais morrerem, aluguei o barco do papai, e não era muito dinheiro, mas ajudava bastante nas despesas da casa.

Sempre trazia peixes ou mariscos para nós.

E sua mulher mandava sempre que podia *Avgolemono*. Os meninos amavam essa sopa feita por ela.

Todos ali se ajudavam com o pouco que tinha. Éramos uma verdadeira família.

— Você não vai tomar sorvete, Íris? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Cibele indagou.

— Hoje não. Prefiro tomar um solzinho. —
Fiz cócegas nela, que correu de mim.

— Tudo bem, Íris? — Yannis fez sombra a
minha frente.

— Oi, tudo bem. — Sentei ereta, olhando
para ele.

— Feliz em ver você dando uma pausa —
disse com um sorriso genuíno.

— Obrigada. Saí mais cedo e trouxe as
crianças para se divertirem.

Expliquei, feliz em poder fazer isso por eles.

— Posso sentar ao seu lado?

— Ah! Claro.

Afastei-me e ele sentou, pondo seus braços
atrás de minhas costas, me deixando incomodada
com a situação. Mas não iria ferir seus sentimentos

PERIGOSAS ACHERON

pedindo para tirar.



Desde o dia que o senhor Marlus brigou comigo, fazia de tudo para ficar longe dele. Preferia não estar em seu caminho, fazendo todo o serviço da casa em silêncio, sem cantar ou dançar, tentando ser o mais discreta possível.

Só via seu vulto pela casa ou atrás das cortinas do seu quarto. Seus olhos maldosos ainda me assustavam.

Apesar de sua beleza me atrair, sua bronquidão era assustadora. Precisava do emprego, então fazia de tudo para não encontrar com ele e deixar as coisas a seu gosto.

— O que faz aí? — Dei um pulo ao som da sua voz.

— Desculpa!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vive pedindo desculpas — falou, grosseiro.

Contei até dez e virei para olhá-lo.

Estava vestido em um short puído e camisa xadrez aberta na frente, que o fazia parecer um mendigo.

Cheirava a bebida e a desespero.

— Deseja alguma coisa, senhor?

— Arthur!

— Humm?

— Meu nome é Arthur. Senhor é muito submisso — resmungou, indo até o armário. — Tem o que para ressaca?

— Nada, senhor. Mas posso fazer um suco que minha mãe fazia para meu pai quando bebia muito.

— Arthur. Meu nome é Arthur, ratinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Arthur. — Respirei fundo para não retrucar ao apelido.

— Quero esse suco, então. Estarei no escritório.

Deixou a cozinha cambaleando com a mão na cabeça.

— Ufa!

Um homem tão bonito e tão ruim, mal educado e bêbado. Deus me livre! *Como alguém tão desnortado poderia escrever tão bem?*

Fiz o suco com os ingredientes que mamãe me ensinou. Sentia tanta falta dela. Foi uma mulher incrível, de coração enorme e vivia dizendo que um dia um homem maravilhoso me levaria dela, mas seria por amor.

Sorri com essas lembranças.

Pena que foi a morte que a tirou de nós.

PERIGOSAS ACHERON



Bati à porta do escritório e nem um som saiu de lá. Virando a maçaneta, notei que o ambiente era bolorento, empoeirado, chegava a arder meu nariz com o cheiro.

Ele adoeceria ficando ali.

Senhor Marlus encontrava-se deitado no sofá com a mão no rosto e várias garrafas espalhadas ao redor.

Papéis rasgados e espalhados para todos os lados, o local era uma nojeira, um caos.

Deixei o copo com o suco na mesa e voltei para a cozinha, pegando o material necessário.

Artur encontrava-se no mesmo lugar quando voltei. Joguei as garrafas no lixo e comecei a limpar o lugar.

Já estava quase terminando quando ele abriu

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos, pareciam duas lagoas azuis. Ele transparecia estar assustado, olhando para todos os lados até que seus olhos focaram em mim.

— Rachel? — Lembrei-me da estrada quando o encontrei ferido, também chamou por aquele nome.

— Não, Íris...

— O que faz aqui?

Levantou com dificuldade e parecia chateado.

— Quem te autorizou a entrar e limpar?

Bradou, enraivado.

— O senhor pediu o suco, eu trouxe e vi tudo sujo.

Falei com voz baixa e ele parecia que me via naquele momento, olhando para mim com intensidade.

— O suco?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mostrei na mesa e fiquei longe dele.

Bebeu todo o líquido e voltou seu olhar para mim.

— Horrível! Tomara que faça efeito, pois minha cabeça parece que vai explodir.

Deu vontade de dizer “depois de beber tanto, queria o quê?”

Mas me calei.

— Vou sair para você terminar de limpar.

Ele saiu do escritório parecendo que não tinha acontecido nada, que não tinha reclamando de nada antes.

— Homem doido!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 07

Um mês depois...

Ficava sempre longe do Arthur, mas ele parecia que tinha outros planos. Sempre estava de longe me observando, não escondia mais sua presença.

Mas também não se aproximava. Todas as manhãs, deixava sempre o suco de curar ressaca em sua mesa do escritório e recolhia o copo vazio mais tarde.

Seu olhar parecia me vigiar e até o Flávio comentou da última vez que veio, que o patrão

andava mais calmo.

Se coloquei algum calmante na comida? Só fiz sorrir e negar com a cabeça.

Preferi guardar para mim os comentários grosseiros dele da última vez que falou comigo.

Para mim estava tudo bem, contanto que ele ficasse longe com suas palavras duras que machucavam.

— Íris?

Flávio chamou, vindo de algum lugar da sala.

— Sim, senhor...

Corri ao seu encontro e acabamos esbarrando no meio do caminho.

Ele me segurou antes que caísse.

— Tudo bem? — perguntou, preocupado.

Era um rapaz muito bonito, educado e de bom humor sempre. Contraste gritante com o chefe.

— Estou bem. — Sorri de volta para ele. — Estava me procurando?

— Sim. Trouxe um presente para você.

Entregou para mim um pacote embrulhado com papel de presente branco e amarrado com fita azul.

— Não precisava, senhor Flávio. — Estava encantada com a delicadeza do papel. — Não precisa me dar presentes.

— Não se preocupe. Só receba com carinho, você merece. — Estava sem graça pela gentileza dele. — É uma menina muito especial, Íris.

— Obrigada!

O abracei pela cintura e encostei minha cabeça em seu peito, feliz pelo primeiro presente que ganhei depois que fiz maior idade.

— Flávio! — O grito do senhor Marlus abalou as estruturas da casa.

Acabei me afastando do Flávio com pressa e viramos para onde o chefe se encontrava.

— Não pago você para ter caso com minhas funcionárias! — gritou o homem, batendo na parede em seguida. — Veio vadiar na minha casa?

Seus olhos estavam injetados e vermelhos de raiva, suas mãos abriam e fechavam como se fosse agredir o Flávio.

— No meu escritório agora! E você, sua sonsa, não tem o que fazer, não?

Fiquei sem reação e o momento de grande alegria virou cinzas com tanta maldade vinda daquele homem.

Corri para a cozinha, levando o pacote comigo.

E chorei pela vergonha do momento.

Com lágrimas caindo dos olhos, abri o pacote e nele continha um casaco branco bem quentinho e

PERIGOSAS ACHERON

macio.

Levei ao meu rosto e o senti, fazendo carinho na minha pele, esquecendo-me dos gritos vindo do escritório do ogro do Arthur.

Nunca tive uma peça tão delicada e linda na minha vida.



— Não fique assustada — Flávio falou, entrando na cozinha. — Ele parece um monstro, mas não é.

— Como consegue suportar? — perguntei, enxugando a mão no pano.

— Trabalho com ele desde os meus 18 anos, Íris — explicou, encostando-se ao armário. — Conheço bem o Arthur e posso dizer que nem sempre foi assim.

— Gosto tanto dos livros dele. Não consigo

PERIGOSAS NACIONAIS

imaginar a mesma pessoa escrevendo aqueles livros. — Balancei a cabeça, chocada. — Já li todos.

— Olha aí! Não sabia que curtia ler — disse, sorrindo. — Tem muitos livros nesta casa. Pegue alguns para ler.

— Ah, obrigada! — agradei, com as bochechas vermelhas. — Obrigada pelo presente, é lindo.

— Você merece. É uma menina de força e merecia uma vida melhor. — Seus olhos brilharam. — Obrigado por continuar aqui com ele.

— Minha vida é boa, e mais uma vez obrigada pelo presente.

— Íris, ele vai gritar, tentar te magoar com palavras, vai fazer o possível para você partir. — Descruzou os braços e falou, pensativo e sério: — Não se sente digno de nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas por quê?

— Depois que Rachel morreu, para ele a vida perdeu o sentido. Ela era o amor da vida dele — proferiu, pensativo. — E ainda estava grávida.

— Ohh, Meu Deus! — Meu coração chorou a dor dele. — Não sabia.

— Penso que já passou da hora de sair desta concha de dor e tristeza — disse. — Minha irmã não iria querer isso.

— Ah, você é cunhado dele? — Estava chocada com tantas revelações.

— Sim, por isso ainda fico. Porque conheço sua dor e sei que não foi sua culpa tudo que aconteceu. — Tinha tristeza em suas palavras. — Sinto muito pelas palavras duras que ouviu.

— Não, tudo bem...

— Não baixe a cabeça. Ele deseja te amedrontar para fazer você partir — explicou, já PERIGOSAS ACHERON

saindo da cozinha. — Seja doce, mas não baixe a cabeça para a dureza dele. Nenhum dos dois precisam disso.

— Como ela morreu? — perguntei antes que ele se fosse.

— Foi assassinada.

Disse, já longe de mim.



Já estava acabando o meu horário quando ouvi o barulho do helicóptero partindo. Flávio nem se despediu depois de nossa conversa.

Devia ser duro para ele perder a irmã e ainda ver o cunhado desse jeito pela morte dela. A vida é bem estranha, nos coloca em situações extremas para testar nossa força e fé.

Sei bem como isso funciona, pois passei por momentos de teste quando meus pais foram tirados

de mim de forma tão brusca.

Olhei os livros na biblioteca que tinha na casa, todos arrumados por ordem alfabética. Haviam vários títulos ali e sempre que entrava ficava encantada com a beleza de tanto conhecimento. Pena que estava abandonada, sem leitores ativos.

Suspirei e olhei os títulos. Levaria um para casa, e assim que terminasse devolveria ao seu lugar.

— Gosta de ler? — Pulei com o susto e pondo a mão no peito para ver se acalmava. — Vive se assustando.

A voz de Arthur era enigmática. Ele colocou um livro que segurava na bancada e se aproximou.

Seu andar era de um tigre pronto para dar o bote.

Usando calças rasgadas e camisa aberta, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo magro, mas belo, seu olhar era de um predador.

— Quantos anos você tem? — questionou, tocando meu rosto com as pontas dos dedos.

Fiquei parada, com medo de me mexer e quebrar aquele momento tão raro.

— 24 anos, senhor. — Seus dedos passeavam por meu rosto com delicadeza e seus olhos não deixaram os meus em nenhum momento.

— Na flor da idade, menina, cuidado. O Flávio é um mulherengo.

Não entendi porque dizia aquilo.

— Ele é meu amigo — argumentei, baixando a cabeça.

— Medrosa igual um ratinho, forte como uma águia, e feliz como um beija-flor — disse com voz suave. — Quem é você de verdade, Íris?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu...

Soltou meu rosto e se afastou.

— Pegue o livro que deseja e saia!

Virou-se para a janela, quebrando o encanto do momento.

Deixei o local sem levar nenhum livro, não querendo depois ser acusada de roubo por alguém com uma personalidade tão maldosa como ele.

Lembrei-me das palavras do Flávio, mas no momento preferi me calar, afinal, para que discutir com um cão ferido? Preferia não ser mordida e ficar longe de toda sua dor.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 08

Resolvi fazer um *moussaka* para deixar para o jantar, uma receita que aprendi a fazer com minha mãe. Era seu prato preferido para o fim de semana. Sempre que sobrava carne moída, preparava para Klaus, que era apaixonado por lasanha e nunca rejeitava um *moussaka*.

Até então não havia recebido reclamações da comida que fazia para senhor Arthur. Pelo jeito ele gostava, pois não sobrava nada, comia tudo.

Alimentava-se bem. Pelo tanto que bebia, precisava de comida, e eu fazia questão de deixar tudo arrumadinho para ele comer, assim não cairia doente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não levou o livro. — Cada dia que passava ele me assustava menos.

Aparecia nos locais que me encontrava e deixava suas grosserias, depois partia. Aprendi a não me importar, canalizei a energia em fazer meu trabalho.

Suspendi a cabeça e continuei cobrindo a travessa com a comida.

— Não precisa se preocupar. — Levei a travessa para o forno.

— Pode pegar o livro para ler — falou, com olhos inexpressivos, do outro lado da bancada. — Não é proibido.

— Prefiro não mexer — resmunguei e liguei o forno.

— Por quê? — Hoje ele estava para diálogo.

— Por nada. — De dei de ombros e comecei a guardar as berinjelas que haviam sobrado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que fui grosseiro com você? — Ele deu uma risada sem graça. — Não sei ser doce.

— Não pedi isso. — Continuei de costas para ele.

— Vire-se para mim! — ordenou e eu cumpri.

Olhei em seus olhos em silêncio.

— Apesar de doce você é forte — resmungou, batendo com os dedos no balcão. — Como vai sua irmã?

Achei estranho sua mudança de assunto.

— Vai bem. Foi para a escola — contei sem sorrir. — Peço desculpas mais uma vez por tê-la trazido.

— Não, traga mais vezes. — Fiquei chocada e acho que ele percebeu. — Não vou machucá-la.

— Eu...

PERIGOSAS ACHERON

— Traga amanhã. Vou limpar a piscina para Cibebe tomar banho.

Deixou o ambiente e minha boca aberta com suas palavras. Ele lembrava o nome dela.

O que havia acontecido com ele?



Minha irmã se encontrava eufórica, usando seu biquíni desgastado, era o retrato da alegria. Passou o caminho inteiro falando como pediria desculpas por invadir o quarto dele e quebrar o copo.

Klaus parecia nervoso, mas nos acompanhou em silêncio. Não brigou ou protestou com a Cibebe em nenhum momento.

O que era bem estranho vindo dele.

Quando a casa apareceu no nosso campo de visão, a boca de Klaus se abriu em um “*uau*”

baixo. Não tinha como não se encantar com a beleza dela pela primeira vez. Já não via mais assim, sabendo dos clamores de dor que ia pelos corredores.

Era um lugar vazio de amor.

— Linda, não é? — Cibeles perguntou, com a mão no queixo. — Parece de contos de fadas.

— Parece de um cara cheio de grana — ele rebateu, olhando o espaço. — Ele deve ser muito rico.

O fanatismo de Klaus por dinheiro era assustador para uma criança da idade dele. Às vezes não sabia como ajudar meu irmão em sua concha de insatisfação pela vida que tinha.

A piscina estava limpa, o que deve ter sido feito à noite. A água bem azul e o local organizado, até um escorregador de plástico que nunca tinha visto antes, estava alojado no local estratégico ao

lado da piscina.

Da onde veio aquilo? E que horas tudo isso aconteceu?

— Cibeles?

Arthur chamou da porta da casa e ela foi ao seu encontro de cabeça baixa, estava com vergonha, desconcertada.

— Oi — disse, com voz doce.

Ele era um colírio para os olhos, vestia bermuda velha e camiseta, sua barba continuava enorme, mas alguma coisa em seus olhos, ao olhar minha irmã, me fez ver onde estava a diferença nele daquele outro dia.

Era afeto. Pela primeira vez senti afeto vindo dele, e não era por mim, e sim por Cibeles.

— Tudo bem? — perguntou, se ajoelhado à frente dela. — Veio tomar banho de piscina?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, e também quero pedir desculpas pelo que fiz. — Continuei em pé, afastada, com Klaus ouvindo o diálogo dos dois. — Juro que não vou fazer de novo!

— Tudo bem. Sei que não foi sua culpa. — Alisou seu rosto e um sorriso genuíno brilhou em seus lábios, suavizando a dureza que era costumeira. — Limpei a piscina.

— Obrigada por me convidar para vir até sua casa.

— Seja sempre bem-vinda, princesa Cibeles.

Ela o pegou de surpresa, jogando os braços em seu ombro para um abraço. Apesar do susto pelo contato, ele retribuiu.

Meus olhos marejaram de lágrimas em ver uma cena tão simples e com muitos significados.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai entrar na piscina? — Mais uma vez ele chegava sorrateiramente.

— Não, tenho muitas coisas para fazer — respondi sem virar para olhá-lo.

— Mas quero que você entre na piscina. — Sua voz continha birra. — Sou seu chefe.

— Eu sei, peço perdão, mas tenho muita coisa para organizar.

— Seus irmãos estão sozinhos, pode acontecer um acidente. — Ele cruzou os braços, me encarando. — Quero que deixe tudo aí e vá lá para fora. Pelo menos por hoje, descanse.

Suspirei, pedindo paciência a Deus.

— Não trouxe roupa de banho e não fui contratada para tomar banho de piscina.

— Tem muitas roupas de banho lá em cima. Pegue uma e eu mando nesta casa, você vai cuidar dos seus irmãos e tomar banho de piscina hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Resmungou, chateado.

— Tudo bem... — Larguei as roupas. — Vou lá para fora.

— Pegue um biquíni e tome um pouco de sol. Está muito branquela.

Saiu andando pelo corredor com calma.

— Olha quem fala! — resmunguei.

— Eu ouvi isso, Íris!

Arregalei os olhos com suas palavras e segui para o outro lado, para longe dele. Ficava muito confusa perto de Artur, isso era estranho.



Tinha muitas roupas de banho em um dos armários de hóspedes.

Usados ou com etiquetas, uma peça mais linda que a outra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca usei nada tão bonito e caro, provavelmente seria a última vez que usaria algo assim.

Escolhi um usado, verde exército, de corte simples. Meus seios eram um pouco grandes, achava desproporcional para meu corpo, mas era o que eu tinha, precisava aceitar.

Enrolei uma toalha no corpo, não queria encontrar senhor Marlus no caminho. Seria constrangedor.

— Íris, vai tomar banho com a gente? — Cibeles bateu palmas, feliz.

— Não seria certo, Íris. Você é empregada da casa — Klaus falou, olhando para os lados. — Ele pode demitir você.

Tirei a toalha e corri para cair na piscina. Nunca tinha entrado em uma, a água morna tocou meu corpo e eu me senti feliz demais por obedecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

às ordens do chefe.

— Íris? — Klaus resmungou, sentando na borda.

— O chefe que mandou. — Dei língua para ele, que fechou a cara. — Ainda me emprestou o biquíni.

— Estranho! — O garoto resmungou.

— Que bom que você vai poder ficar com a gente — Cibeles gritou, feliz.

A abracei e joguei no meio da piscina, a mesma gargalhou de alegria.

O dia foi espetacular, graças ao senhor Arthur, que não apareceu mais, mas alguma coisa me dizia que nos observava de algum local da casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 09

Fiz um *Frappé* em agradecimento pelo dia maravilhoso que o senhor Marlus havia nos proporcionado. Meus irmãos quase não conseguiram dormir de tanta euforia pelo dia que tiveram.

Acho que ficou marcado para sempre na mente deles.

Tinha camarão fresco, iria fazer um almoço especial, também. Ele merecia por ser um homem de coração bom com minha família.

Sorri com as lembranças e bati à porta do escritório.

PERIGOSAS NACIONAIS

O barulho do helicóptero chegando me assustou, devia ser o senhor Flávio que fazia um tempo que não aparecia.

— Entre. — Voz firme falou vindo do lado de dentro.

Girei a fechadura e nada me preparou para a cena a minha frente. Arthur estava sem camisa e com um short de malhar, fazendo flexão no chão, suado e muito bonito.

— Desculpa interromper. Vim avisar que fiz frappé para o senhor.

Coloquei, com a mão trêmula, a travessa na bancada da mesa, e ele parou o que fazia e continuou deitado no chão, me olhando.

— Obrigada por ontem — disse, abanando a mão, nervosa.

— Você ficou linda com aquele biquíni. — Sua voz era mel. — Leve para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu...

— É uma ordem!

— Tudo bem...

— Você é linda, Íris, e isso mexe comigo.

Levantou de um salto e rapidamente estava perto de mim.

Sentia-me presa ao chão, incapaz de deixar o lugar. Suas palavras me puxavam e me faziam desejar coisas que não eram possíveis para uma garota como eu.

— Sua boca é convidativa, seu jeito doce, calmo, é um ímã para homens quebrados como eu.
— Um dedo tocou minha boca e eu a abri automaticamente. — Fuja! Não sou uma pessoa boa, não mereço uma mulher como você.

Minha respiração acelerou, os olhos dele eram de predador, sexuais, e meu corpo respondia. Me senti úmida com suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu...

Antes que pudesse dizer alguma coisa, alguém bateu à porta.

— Arthur?

A voz era de uma mulher, então me afastei dele, que continuou no mesmo lugar, olhando para mim em toda sua glória suada.

A moça abriu a porta e entrou. Era loira, linda, parecia uma boneca de porcelana frágil.

Seu olhar era duro quando me viu, se transformando de doce para maldoso.

— Quem é ela? — perguntou com rancor. — Se esconde aqui fugindo de todos para ficar com as nativas?

Falou com raiva, me encarando.

— Desculpa! — pedi, indo à porta.

— Não se desculpe, Íris — ele pediu,

PERIGOSAS ACHERON

resmungando.

Mas não dei importância à conversa. Não era da minha conta o que eles tinham e ela combinava bem com o ambiente.

Fria igual aquela casa.

— Quem é ela, Arthur? — exigiu saber assim que deixei a sala.

— Empregada da casa. — O ouvi dizer.

Era isso mesmo que eu era. Uma empregada. Era isso que eu precisava lembrar quando ele viesse com seus olhares intensos para o meu lado.



Fiz o almoço chateada. Não devia, mas estava. Saber que ele estava com outra mulher no escritório me deixava enraivecida, louca de ódio.

Joguei o pano na pia com raiva.

Nunca havia me sentido tão enraivecida, humilhada.

— Prevejo que conheceu a Lídia. — Virei e na porta estava o Flávio com a mão no bolso.

— Sim.

Resmunguei, chateada.

— Ela pensa que manda no Arthur. — Ele riu, indo até a bancada e sentando-se no banco. — Tem o que para comer?

— Fiz camarão à grega — contei, ganhando um sorriso dele. — Vou pôr a mesa para o almoço.

— Íris, não ligue para Lídia. Ela é assessora jurídica do Arthur, mas nada que isso. — Suspirou. — O resto é ilusão da cabeça dela.

— Não é da minha conta. Sou só a empregada. — Pisquei para ele.

— Tudo bem. Mas trouxe outro presente para

PERIGOSAS NACIONAIS

você.

Tirou do casaco uma caixa média, me entregando.

— Será que com isso consigo uma merenda antes do almoço?

Gargalhei, pegando o pacote de sua mão. Outro presente.

— Não precisava. Já disse para não gastar dinheiro comigo.

Segurei a caixa e levei ao peito, feliz.

— O brilho do seu olhar é genuíno, Íris. Você merece o mundo.

Disse, me encarando com intensidade. Fiquei desconcertada.

— De novo dando em cima de minha funcionária! — Arthur resmungou da porta. — O que é isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntou, olhando a caixa em minha mão.

— Um presente que trouxe para Íris —
Flávio explicou sem se abalar. — Abra, princesa.

Fiquei sem saber como reagir, Arthur revirou os olhos e cruzou os braços, esperando.

— Abra! — Flávio me incentivou.

Colocando a caixa no balcão, comecei a abrir com delicadeza para não rasgar o papel.

Era um celular.

— Um celular! Como você sabia que não tinha um? — Não me continha de tanta alegria.

— Só assim para obter seu número — Flávio disse, sorrindo, e eu fiquei vermelha de vergonha.

— Que horas é o almoço? — Lídia perguntou, abraçando o Arthur, que não se afastou de suas mãos. — Reunião na cozinha?

— Não! — resmungou o chefe, que não

PERIGOSAS ACHERON

parava de me encarar.

Seu olhar parecia que queria abrir um buraco em mim, contendo vários sentimentos que preferi não analisar.

— Continua dando em cima das empregadas, Flávio? — O brilho do momento se apagou com as palavras venenosas dela.

— Você não tem nada melhor a fazer, não?
— Flávio fechou a cara e passou por eles, zangado.

Ela riu e fixou seu olhar em mim.

— Vem, Arthur. A moça precisa pôr a mesa para que possamos almoçar — disse ,cheia de desdém.

— Você pode se retirar? — Não olhou para ela ao dizer isso. — Agora!

Mas seu olhar estava em mim.

Lídia me deu uma última olhada maldosa e se

retirou.

— Não quero você paquerando o Flávio — anunciou com voz forte. — Quero que pare de receber os presentes dele.

— Eu não estou paquerando ele — proferi, chateada. — Ele é meu amigo.

— Não! Ele não a vê como amiga. — Bateu no balcão com raiva. — Ele deseja você.

— Mas isso não é da sua conta! — falei e depois tapei a boca.

— É da minha conta.

Aproximou-se, me encostando à parede da cozinha, e como um animal me cheirou.

— Tudo que tem a ver com você é da minha conta. — Meus olhos deviam estar enormes. — Devolva o celular a ele.

— Não... não!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim...

E sua boca se aproximou e não fez nada para detê-lo.

— Arthur?

A voz da Lídia chamando o fez se afastar de mim.

— Não sei o que faço com você!

Dizendo isso, me largou e se afastou para fora da cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

O almoço foi um fiasco pelo menos para mim. Flávio elogiou a comida, Lídia desdenhou, dizendo que já havia comido melhor e o Arthur... Bem, esse passou o almoço inteiro calado.

Nunca tivemos visitas para almoçar, e sempre que alguém aparecia, voltava antes do horário de almoço. Nunca servi ninguém durante esse tempo em que trabalhava na casa, era tudo novo para mim, me senti um peixe fora d'água, mas tentei sorrir e ser otimista.

Logo acabaria e voltaria para casa. Era só mais um trabalho.

Minha mente vagava sobre o quase beijo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

troquei com o chefe. Era errado, mas não conseguia vencer a vontade que tinha dentro de mim de conhecer seus lábios.

Ele era tão lindo, másculo. Não tive namorados ou tempo para romance. Conhecia o sexo das páginas dos livros, nunca fui tocada ou olhada com tanto ardor como aconteceu com ele.

Queria saber como era, desejava experimentar o desejo que tanto se falava, o fervor do sexo carnal. Já não tinha mais idade para ser virgem, mas a vida não me deu alternativas diferentes e então veio o senhor Arthur, mudando toda a programação.

Tinha medo, mas também tinha uma ansiedade, um desejo, cada vez que o olhava desejava o proibido, o queria. Era errado, mas não sei se seria forte para dizer não.

Suspirei, voltando ao momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ficou vermelha de repente, Íris —
Flávio sinalizou. — Tudo bem?

— Será virose? Nativos vivem tendo viroses,
Jesus! — Lídia e sua antipatia.

— Tudo bem, senhor Flávio, é o calor —
declarei, apaziguando a situação.

— Arthur, meu querido, quando volta à
civilização? — disse com voz azeda. — Já passou
da hora de deixar de ser monge.

— Não perdi nada na civilização como você
chama. — retrucou, azedo. — Viu a transação
bancária que pedi?

Ela sorriu, sem graça.

— Ah, sim, falta só sua assinatura.

— Você terá. Se já estão de saída, irei me
retirar.

Levantou, a deixando de boca aberta e

PERIGOSAS ACHERON

chateada pela frieza dele.

Sorri secretamente.



O domingo passou rápido, tinha tantas tarefas a fazer, limpei minha casa, lavei a roupa do senhor Deodoro. Sua esposa foi visitar à mãe em outra ilha, fiquei com pena dele e resolvi ajudar.

Estava exausta, mas tinha muita coisa para fazer ainda, sem contar a conversa que precisava tentar com o Klaus sobre o fato de vir faltando aulas sem motivos aparentes.

A professora mandou um bilhete por Cibeles e na segunda-feira ele só entraria com minha presença. Não sabia o que fazer com meu irmão, honestamente estava perdida com sua criação.

Suspirei, olhando a panela no fogo.

— Íris, vamos tomar banho de mar? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Cibele pediu.

— Tenho muita coisa para fazer, princesa. —
As coisas precisavam ser organizadas nos fins de semana para poder trabalhar tranquila. — Cadê o Klaus?

— No quarto — respondeu, triste.

Apesar de morar numa ilha, tinha pouco tempo para banhos de mar.

Fiz carinho no seu cabelo e bati à porta do quarto dele.

— Klaus?

Ele não respondeu, abri a porta e para meu espanto tinha um aparelho de som e no ouvido um fone.

De onde veio tudo aquilo?

— Como conseguiu isso? — perguntei, arrancando o fone do seu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me larga! — gritou, indo para o outro lado do quarto.

— Onde conseguiu isso, Klaus? — perguntei novamente.

— Um amigo me deu!

— Que amigo?

— Não é da sua conta! Estou de saco cheio. Passo a semana tomando conta dessa pirralha e no fim de semana nem posso ficar sozinho.

Era rancoroso. Senti um aperto no peito, uma saudade dos meus pais, o que eles fariam se estivessem vivos?

— Preciso trabalhar, Klaus. Como vou sustentar vocês sem trabalhar? — Suspendi os braços. — Não queria que fosse assim, mas é necessário.

— Um dia vou embora deste lugar e nunca mais vão ouvir falar de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Disse com voz raivosa.

— Klaus, a vida não é fácil. Também não escolhi tudo isso. — Tinha vontade de chorar.

— Você gosta desta porcaria de ilha, por que não vamos embora? Porque você ama ser a empregada dos outros, trabalhar para ganhar ninharia. — Me empurrou e deixou o quarto correndo. — Eu odeio você!

Sentando na cama dele, deixei as lágrimas lavarem meu rosto.



O dia começou meio nublado igual meu humor. Estava me sentindo arrasada com as palavras de Klaus, passei a noite o procurando, mas só pela manhã apareceu em casa sem dizer onde estava.

Negou-se em ir à escola, precisava de ajuda

PERIGOSAS NACIONAIS

na criação dele, mas quem poderia me ajudar?

Oh, mãe, você faz tanta falta!

Uma lágrima silenciosa caiu dos meus olhos.

Não tinha encontrando o Arthur e ainda precisava voltar mais cedo para casa, pois Cibeles havia ficado sozinha. Não encontrei ninguém que ficasse com ela quando voltasse da escola.

Não confiava no Klaus para isso.

Tinha que resolver essa situação também.

Bati à porta do escritório para deixar o suco cura-ressaca, uma voz rouca pediu que eu entrasse.

Arthur se encontrava deitado, enrolado em um cobertor, e parecia tremer de frio. Pus a mão em sua testa, estava queimando em febre.

— Rachel?

Levantou a mão para tocar meu rosto.

— Você voltou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não emití nenhum som. Uma lágrima desceu de seus olhos e o seu corpo tremeu. Ele tinha muita febre e estava delirando, me confundindo com sua falecida esposa.

Segurei meu rosto e encostei sua testa quente na minha, era a imagem da fragilidade, meu coração se partiu.

— Perdão, meu amor, perdão!

Seus lábios encontraram os meus como asas de borboletas.

— Íris? Tão linda, tão pura...

Falou, tocando meu rosto e beijando minha boca.

— Perdão, Rachel, perdão. Eu não sou digno dela...

Segurando sua cabeça em meu colo, embalei suas lágrimas e senti em mim sua dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo II

A febre do senhor Marlus não cedia e ele se encontrava delirando, falando vários nomes que não fazia ideia de a quem pertencia.

Chorei, vendo sua agonia pela morte da Rachel com quem me confundiu diversas vezes. Liguei para Yannis, que me explicou como agir com as compressas, mas também pedi ajuda ao Flávio. Ele me pediu calma, pois já estava a caminho com o socorro.

Yannis queria conversar, mas não tinha tempo, Arthur precisava de mim e não podia me desligar dele naquele momento.

Segurei ele em meus braços e o aqueci com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu corpo. Apesar dos cobertores, ele tremia de frio.

— Vai ficar tudo bem — falei, como um mantra.

— Rachel, perdoa, por favor, perdoa...

— Te perdoo. — Ele precisava se acalmar.

— Eu te amo, Rachel, eu te amo.

Lágrimas banharam meu rosto e senti ciúmes, inveja da Rachel, que era a dona do coração daquele homem. Já eu, nunca teria alguém assim, nunca ninguém me amaria daquele jeito.

A vida era injusta!

— Íris...

— Sim, vai ficar tudo bem...

— Você é linda, mas não posso...

— Eu sei, eu sei...

Seus lindos olhos se fixaram nos meus, e

PERIGOSAS ACHERON

tinha tanta dor, tanto sofrimento. Aquele homem era atormentado.

Tão lindo e tão infeliz.

O barulho do helicóptero me tirou dos devaneios e agradei aos céus. Ele ficaria bom. Com certeza ficaria bom.

— Íris?

A voz do Flávio me deu esperança.

— Ele vai ficar bem, deixa comigo.

Segurou meu braço de leve e tocou meu rosto.

— Você é um anjo, Íris.

Não consegui dizer nada, só chorar, quando Arthur foi retirado dos meus braços por alguns enfermeiros.

Dois dias depois...

PERIGOSAS NACIONAIS

O sol da Grécia era lindo, pedia praia e uma rede. Eu amava meu país e meu povo, mas nem mesmo a beleza da ilha estava me alegrando, afinal, não havia nenhuma notícia do Arthur.

Mandei mensagem para Flávio, que disse que estava tudo bem, mas não mais que isso. Sem nenhuma previsão de volta ou estado concreto da situação.

Sentia saudades dele, era loucura, mas sentia necessidade do Arthur e de seu mau humor.

Era um grego estranho, mas meu grego.

Pensamento estranho, mas era assim que me sentia em relação a ele.

— Íris?

— Arion?

Levantei da areia limpando o vestido, depois

PERIGOSAS ACHERON

da ida do meu chefe para a Capital, fiquei com os dias livres até sua volta. Aproveitei as crianças na escola e fui olhar o mar para calmar a ansiedade da minha alma.

— Que milagre você tomando brisa... — Arion comentou.

— Precisava pensar — expliquei sem detalhes.

Seus olhos procuraram respostas nos meus, mas me calei sobre o que sentia em relação ao meu coração. Não contaria que havia me apaixonado pelo meu chefe, que sentia falta dele.

Era meu segredo. Só meu.

Ninguém nunca saberia disso. Nunca! Nem Arion e nem Arthur Marlus.

— Preciso falar com você sobre o Klaus.

Meu coração se apertou, imaginando que alguma coisa ruim pudesse ter acontecido. Se não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu amigo não me procuraria ali na praia.

— O que aconteceu?

— Desculpe, minha amiga, perdão, mas o caso é grave.

— Diga, Arion, diga o que Klaus fez.

— Ele precisa sair da ilha, Íris, com urgência — disse, com a mão na cabeça, nervoso. — Se meteu com tráfico.

Minhas pernas cederam na areia da praia, meu coração chorou, o que faria?

— Vou perder a guarda dele, Arion! Meu Deus!

— Sim, Íris. Se a polícia descobrir, é isso que vai acontecer.

Chorei e gritei de raiva do mundo.

— Me ajuda, por favor, me ajuda?

Meu desespero era enorme, faria qualquer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa para ajudar meu irmão.

— Só tem uma solução, Íris.

— Faço qualquer coisa. Não posso perder meus irmãos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

O coração estava oprimido, o medo assolava meu corpo.

Mas não voltaria atrás. De jeito nenhum voltaria atrás na decisão que tomei, pois meus irmãos eram a única coisa que me importava, mas nada me pararia de guardar lembranças.

Não sei como faria isso, mas faria de qualquer jeito.

Entrei no quarto do senhor Marlus, a mão tremia, as pernas estavam pesadas, mas segui em frente.

Tinha dois dias que o mesmo tinha voltado, e

PERIGOSAS NACIONAIS

nestes dois dias aconteceram tantas coisas. Meu irmão deixou a ilha, tantas decisões tomei, e muitas lágrimas caíram por cada uma delas.

Minha casa, meu mar, minha ilha, minha família e meu amor.

— Tudo bem, Íris?

Da sua cama ele me olhou com aqueles belos olhos. Guardaria aquele momento para sempre, como se fosse um porta-retrato grudado em minha memória.

Estava recuperando-se da virose que desenvolveu, ficou internado por alguns dias, estava mais magro, a barba aparada, e seu olhar frágil. Imaginei se sentiria minha falta.

Creio que não, afinal, quem eu era?

Uma simples empregada.

Uma mulher sem estudos e sem cultura, que cheirava a água sanitária e desinfetante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sentou-se na cama como se previsse o que estava por trás do meu silêncio.

Diante dele tirei toda a roupa, ficando só de calcinha.

— Íris?

Seus olhos pareciam duas lagoas de desejo e dúvidas, mas não poderia deixá-lo pensar, se não meu plano não daria certo. Precisava daquilo, e seria o que me sustentaria nos tempos que viriam.

— *VISTA A ROUPA, AGORAAAAAAAAAAAAAAAAA!*

Gritou, levantando de sua cama e vindo até mim.

— Arthur?

— **VISTA-SE AGORAAAAAA!** Lembre-se, você não é uma meretriz para se oferecer assim.

— Me entregou o vestido. — Tenha respeito por você, Íris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu...

— Saia do meu quarto antes que eu faça uma besteira com você.

Empurrou-me para fora do seu quarto e bateu a porta na minha cara. Me senti pequena, humilhada, só queria perder minha virgindade com ele.

Mas supus demais. Quem eu era para achar que um homem como ele me tocaria ou me desejaria?

— Nunca mais você me verá!

Gritei para a porta fechada a minha frente.

Olhei a casa e vestindo meu vestido desgastado, montei na bicicleta e deixei para sempre aquele lugar e seu dono triste e infeliz.

— Íris!

Seu grito chegou a mim através do vento,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia agoniado, infeliz, mas o dano em minha alma já tinha sido feito, não dava mais para voltar atrás.

Segui meu caminho.



— Pronta?

Arion estava preocupado pelo estado que me apresentei para ele em sua casa, descabelada e com o vestido molhado.

— Pronta!

— Não vejo mais o brilho de sempre em seus olhos.

Disse, me acolhendo em seus braços de amigo.

— Morreu hoje. Não tenho nada mais para sorrir. — Uma lágrima silenciosa deixou meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para a cama da lancha onde Cibele dormia, me soltando dele sentei ao lado dela.

— Vamos, chegou a hora.

Não olhei para ele ao dizer isso, mas sua mão tocou meu rosto.

— Quero que saiba que sinto muito.

— Eu sei, também sinto, mas precisa ser feito.

— Vai ficar tudo bem, *ágape*. Vou cuidar de vocês.

Beijou minha testa e saiu do quarto depois de prometer.

— Eu sei, eu sei.

Repeti, abraçada a Cibele, e olhando as poucas coisas que levamos para nossa nova vida.

O barulho da lancha se afastando me fez querer ver pela última vez o lugar que nasci.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Subi para a proa e junto às lágrimas levantei a mão para me despedir de tudo que vivi ali, ajoelhando sobre o peso da dor deixei o lugar que me era tão caro e amado.

Ilha de *Kato*, rumo a uma nova vida no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

Parte 02

Capítulo 13

Brasil, um ano e meio depois...

Olhei para toda a casa, graças a Deus tudo limpo, cheirando a lavanda, assim como a cliente havia pedido.

— Graças a Deus, Íris, você veio.

— Não foi culpa sua culpa Simone ficar doente logo hoje. — Bati no ombro dela. — No fim deu tudo certo.

— Verdade. Sempre otimista.

Niza era uma mulher negra de cabelo *Black*, estava comigo desde que abri a empresa de

limpeza, era mais que funcionária, mas uma grande amiga.

Quantas vezes chorei de saudades de minha terra e ela me acolheu em seus braços?

Quantas vezes a saudade do Klaus me fez adoecer, mas ela estava comigo, dizendo que ficaria tudo bem.

Era uma mulher incrível, mãe solo, criando três filhos com a força de seu trabalho. Amava a Niza, ela era muito importante para mim e Cibele.

— Somos as melhores, não somos?

Ela gargalhou com minha pergunta.

— *A KATO TERCEIRIZAÇÃO, excelência e qualidade na prestação dos serviços de limpeza, é a melhor do mercado* — pontuou, sorrindo. — Aqui só temos mulheres fortes e guerreiras.

Sorrimos com a colocação dela. Nossa empresa tinha um ano no mercado, mas muitos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

clientes, graças ao meu amigo Arion.

No começo foi difícil, não sabia nada do português, mas meu amigo conseguiu uma professora, nos alimentou, nos acolheu em sua casa, e ainda financiou o meu negócio.

Tinha muita gratidão por ele. Não julgava a forma com que conseguia seu dinheiro. Devia muito a Arion.

Se meu irmão encontrava-se salvo, era graças ao meu amigo e sou muito grata por tudo.

Klaus poderia ser morto por traficantes ou eu perderia sua guarda, foi uma decisão difícil, mas a correta a ser feita.

Apesar de tudo, sentia falta do meu irmão. Sua decisão errada mudou o rumo de nossas vidas para sempre, e não sabia se um dia poderia voltar a *KATOS*, mas sentia muitas saudades de minha Grécia.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei ao lembrar de tudo.

— Vamos? — chamei a Niza.

Ela me seguiu para fora da casa, onde trancamos o local e entregamos a chave ao porteiro.

Apesar de tudo, a vida era boa.



— Como vai minha moça preferida? —
Arion era sempre carinhoso ao falar comigo.

— Com saudades do meu amigo.

Sabia que ele estava em *KATOS*, sempre viajava para lá, vivia na ponte área. Temia por ele, mas não podia mudar o seu destino.

— Volto ainda essa semana e preciso dos seus serviços. — Sua voz era doce.

— Mais uma festa? — indaguei.

— Sim, mas quando chegar conto mais sobre

o assunto.

Queria perguntar sobre a ilha, mas sabia que ele não falaria nada sobre o assunto. Tinha vontade de saber se o Arthur ainda vivia lá, se ainda sofria por sua esposa.

Era vergonhoso sentir saudades dele, mas eu sentia.

Nunca mais nos veríamos pessoalmente, isso estava longe de nossa realidade, e era melhor assim. Ele me humilhou e a garota que conheceu, não existia mais.

— Íris?

— Sim...

— Ele escreveu um livro novo.

Meu coração quase parou com essa notícia.

— Acho que você deveria ler.

Passei esse tempo procurando não saber

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre ele, fugia de redes sociais ou sites de fofoca, tentei de todas as formas apagar o senhor Marlus da minha vida.

— Não me interessa — resmunguei com o coração batendo forte.

— Tudo bem, mas acho que você deveria ler — disse com um suspiro. — Sei o que aconteceu, *ágape*. Sei como sofreu, mas ele voltou para o mundo depois de anos se escondendo.

— Não me interessa nada do que ele faz com a vida dele — falei, grossa. — Quero esquecer aquele homem!

— *Ágape*, seja forte. Mas ele vai lançar o livro no Brasil.

Quase meu coração parou, minhas pernas tremeram e precisei sentar no sofá, segurando forte o telefone.

— Por que aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, Flávio não quis contar nada.

— Não importa. Não o encontrarei, meu mundo continua longe do dele.

— Ok, ok... Só queria te avisar.

— Obrigada. Você é um grande amigo.

Desliguei o telefone e fui até a janela de minha casa. O mundo é tão grande, por que o Brasil?

— Íris?

Cibele entrou na sala com a mochila nas costas, estava ficando uma moça linda, que logo faria doze anos. Precisava pensar em seu presente.

— Estou com fome.

— Como foi a aula?

Perguntei, indo até ela. Era uma menina encantadora, continuava doce e fazia poucas perguntas sobre tudo que havia acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estudante dedicada, tinha amigos e uma vida melhor.

Sentia orgulho de tudo que conquistamos. Cibeles era uma princesa, sua doçura era o alimento para minha vida muitas vezes solitária e cheia de saudades.

— Tudo bem. A prova de inglês foi a treva.
— Riu e eu achei engraçado o dialeto que ela usou.

Cada dia mais brasileira, perdendo o jeito grego, mas não me incomodava. Era bom para ela, afinal, não sabia se um dia voltaríamos para casa.

— Vá tomar banho. Vou pôr o almoço.

Ela me beijou, deixando a sala em seguida, mas resolveu voltar no caminho.

— Já viu que o Arthur vem a São Paulo?

Nunca mais falamos sobre ele. Era um tabu para mim, a mágoa era fogueira acesa em meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

— Soube — disse sem mas.

— Ok.

Ela se virou com a cabeça baixa e foi para seu quarto.

Não encontraria com ele, e tudo não passava de passado. Arthur Marlus e sua grosseria ficaram no meu passado.

Não me importava mais. *Não era importante*, reafirmei para mim mesma, abraçando meu corpo que oscilou de saudades.

Mas a Íris daquela época havia morrido.

Capítulo 14

Uma semana depois.

— Íris? — Isabel chamou com o telefone na mão.

— Sim.

Desde que havia aberto a empresa, ela estava comigo. A levei assim que deixei a casa do Arion. Ela merecia uma nova chance, uma vida melhor, era inteligente, dedicada... Desde que contou seu sonho para mim, resolvi ajudá-la.

Meu amigo não gostou muito da minha intromissão em seus negócios, mas não resistiu aos meus argumentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabel era uma menina de ouro, nordestina, cheia de planos e sonhos, mas caiu em mãos erradas. Se tornou minha secretária e fiel administradora da minha empresa, já tinha seu canto e o pouco que possuía dividia com sua família, que havia ficado no Sertão. Admirável demais sua força e fé na vida.

— Chegou um pedido de urgência, mas não temos ninguém para o serviço.

— Onde?

— Na zona leste. Casa de bacana e paga o dobro.

— Já é cliente?

— Não. Pelo que entendi, mudou recentemente e precisa de ajuda urgente.

— Droga! Quem posso requisitar?

— Posso ir com você, acho que damos conta
— disse ela, animada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem fica aqui, mulher?

— Redireciono as ligações para meu celular.
Vai dar tudo certo.

— Bem, então junte tudo que for necessário e vamos.

Com isso segui para os fundos a fim de trocar de roupa.

Nunca me neguei a voltar para o trabalho pesado. Com três equipes de três pessoas cada, não precisava fazer o serviço como antes, mas quando surgia a oportunidade, não rejeitava. Foi das forças desta mão que havia conquistado tudo que tinha.

Trabalho era honra para mim, meu sustento vinha da vassoura e no detergente de limpeza. Sorri com o pensamento, pois foi assim que comecei.

Éramos Isabel, Niza e eu. Nós três, juntamente com nossos produtos de limpeza e toda nossa força e coragem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O carro estava na garagem do prédio, descemos pelo elevador e colocamos tudo no portamalas.

O Jardim Avelino era bem localizado, a empresa funcionava no segundo andar, e o prédio era do Arion, por isso não pagava aluguel, o que para mim foi uma benção. Um dia teremos nosso próprio prédio.

O endereço era Jardim Anália Franco, um dos bairros nobres de São Paulo.

Peguei o trânsito caótico de São Paulo, com Isabel não parando de contar sobre o curso que estava fazendo. Era estudante de administração e estava muito empolgada com essa nova etapa.

Ouvia tudo com calma, pois era muito prudente no trânsito. Havia tirado a carteira há pouco tempo e comprei um carro, que era minha aquisição mais cara.

PERIGOSAS ACHERON

E comprei com meu dinheiro. Faltava apenas quitar o meu apartamento, mas conseguiria. Com trabalho duro e sonhos conseguiríamos tudo.

Nos apresentamos no prédio que era muito luxuoso, protegido e bem localizado, no qual percebi vários seguranças espalhados pelo local. O segurança da portaria olhou nossos documentos e autorizou a entrada.

— Parece que tem um deus aí dentro — Isabel cochichou.

Ri do comentário dela e seguimos para o último andar do prédio, onde ficava a cobertura.

Já tinha uma moça nos aguardando e foi um susto reconhecê-la.

— Dona Julia? — Era assustador encontrá-la.

— Bem-vinda, menina Íris.

Respondeu com sua costumeira sinceridade e olhou para Isabel ao meu lado, que parecia alheia a

PERIGOSAS ACHERON

tudo que eu vivia.

— Isabel. — Ela estendeu a mão, que foi apertada pela senhora.

Se ela estava li, isso queria dizer que o senhor Marlus estava também. Não poderia ser isso. Era um pesadelo.

Estava atordoadada.

— Você está bem? — a senhora perguntou.

— Eu...

— Ele não se encontra, Íris. — Uma voz veio lá de dentro.

Pensei que tinha deixado todos para trás, mas o mundo era louco e pequeno.

— Flávio?

— Entrem.

Praticamente fui puxada para dentro do apartamento, percebendo que o local era mais como

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mansão, enorme, cheio de quadros e bem arejado, a cara do Arthur.

— Tudo bem, Íris? — Isabel olhava para Flávio, como se estivesse encantada.

— Flávio, prazer. — Ele apertou a mão da garota e a encarou.

Se não estivesse atordoada, diria que eles se encantaram um com o outro, mas no momento não conseguia nem respirar direito.

— Tragam água para ela — pediu ele, segurando minha mão e levando até o sofá.

Bebi toda a água do copo, minha mão tremia.

— Calma, *ángeles*. — Sua voz era suave como eu lembrava. — Você continua a mesma, Íris.

— Como?

— Contratei seus serviços? — perguntou

PERIGOSAS ACHERON

com um sorriso. — Precisava de limpeza e sua empresa é a melhor por aqui.

Diverti-me com sua alegria. Flávio continuava o mesmo, bonito com aqueles olhos azuis e felizes, um ser humano incrível. Um lado meu ficava feliz em vê-lo, mas o lado que lembrava quem era ele e para quem trabalhava deixava meu estômago embrulhado.

— Senti saudades, amigo. — Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Também senti, minha Íris. — Falamos em grego, o que só a senhora Júlia entendeu e enxugou uma lágrima furtiva ao ver nosso abraço. — Não tenha medo. Ele não se encontra no Brasil ainda.

— Ok, então vamos trabalhar? — perguntei, me soltando dele.

— Se prometer que sairá comigo essa noite... — solicitou. — Não conheço esse país, preciso de

sua ajuda.

Sei que era mentira, pois seu português, apesar do sotaque, era ótimo. Ele queria saber mais sobre mim e eu precisava saber mais sobre o homem que quebrou o meu mundo. Era loucura, mas ninguém manda nos sentimentos.

— Ok, vou te passar meu número — prometi.
— Não quero que ele saiba.

— Não vai saber por mim, mas creio que vá procurá-la. — Deu de ombros. — Ele sabe que se encontra nesta cidade.

— Não sou nada dele, não sei porque esse interesse.

— Menina ingênua. — Sorriu e beijou minha mão. — Você o tirou do inferno, Íris, e depois o mandou de volta para lá.

— Eu...

— Tudo bem, não falarei nada e dona Julia
PERIGOSAS ACHERON

também. Seu segredo está guardando conosco — disse, me acalmando. — Vamos conversar à noite.

Beijou minha testa e se retirou da sala.

O passado sempre volta!

Disse ele. . Arion e Flávio sempre tinham razão.

Capítulo 15

A limpeza foi rápida, na realidade me sentia presa em uma armadilha. Não eram necessários os meus serviços naquele local, tudo ali lembrava o Arthur e *KATOS*. Retratos só da ilha.

— Íris, essa é você? — Isabel perguntou, assustada.

— Vamos terminar para sair deste lugar.

Abracei meu corpo e olhei para a enorme foto que adornava a parede do quarto que, com certeza, era do Arthur. Pelos livros e roupas do closet, pude deduzir.

A foto era minha com os braços para cima, como se estivesse dançando, em minhas roupas

PERIGOSAS NACIONAIS

puídas de trabalho e o cavalo bagunçado pelo vento, mas que, ainda assim, tinha o sorriso de alegria e ingenuidade.

Aquela menina não existia mais.

Quando foi tirada? Por que ele tinha minha foto?

Deixei o quarto, indo para o corredor, precisando de ar, precisando ficar longe dele.

— Tudo bem com você? — Isabel me olhava preocupada.

— Só quero sair daqui logo — falei com voz de agonia.

— Sei que você não gosta desse assunto, mas foi por causa desse autor que você deixou a ilha? — perguntou ela, cruzando os braços. — Estranho ele ter uma foto sua daquele tamanho.

— Não, não foi por causa dele — resmunguei.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não era o culpado, o Klaus sim. Mas Arthur havia me marcado de outras formas, bem mais dolorosas. Por conta de ele não conseguir ser de mais ninguém, *eu* não conseguia amar mais ninguém.

Morreria amando aquele homem, mas sabia que ele não era para mim.

Sua rejeição e palavras duras ainda me assombravam à noite.

Deixei o corredor, indo para outra ala do apartamento. Queria só esquecer.



Fiquei feliz por Isabel não fazer mais nenhuma pergunta.

Deitei no meu sofá, estava emocionalmente cansada, queria esquecer tudo aquilo.

A Cibeles passou do banheiro para o quarto,
PERIGOSAS ACHERON

distraída, lendo um livro que a fez nem perceber minha presença.

— Cibeles?

Pulou, assustada, e escondeu o livro atrás das costas, como se fosse culpada de alguma coisa.

— Chegou mais cedo — disse com uma tosse discreta. — Tudo bem?

— O que está lendo?

Levantei, indo até ela e tomando o livro.

— Desculpa, Íris, só queria saber o que ele escreveu. — Ela baixou o olhar.

O livro era todo preto, capa grossa com o nome **PÁGINAS DA VIDA** em letras douradas, e tinha como autor, Arthur Malus Senna.

Meu coração disparou, virei para ler a sinopse que era bem curta e discreta, encontrando...

“Foi na ilha que encontrou a sereia, foi na

ilha que seu canto o chamou, foi na ilha que voltou à vida e conheceu o amor.

Puro, transcendente, forte, como as águas da Grécia eram seus olhos...

Respira, siga, e foi na ilha que ela o abandonou.”

Deixei o livro cair, diante das mãos trêmulas, lembrando, então, que foi sobre isso que Arion falou. Ele escreveu um livro sobre mim.

— Tudo bem, Íris? — Cibele perguntou. — O livro é lindo, conta a história de um homem que se apaixonou por uma nativa da ilha de *Katos*.

Disse, eufórica. Ela já tinha lido vários livros, era voraz por leitura, o que me dava orgulho de Cibele, mas não queria que ela me associasse à mulher daquele livro. Preferia que ninguém soubesse sobre o que aconteceu naquela noite.

— Tudo bem. — Baixei e peguei o livro,
PERIGOSAS ACHERON

dando-o para ela. — Vou sair hoje à noite.

— Que legal! É com tio Arion? — Ela amava quando eu saía de casa à noite. Dizia sempre que precisava me divertir mais.

— Não, com outro amigo. — Não dei mais explicações. — Vou verificar se a Bela pode ficar com você.

— Não precisa. Sou adolescente, irmã, não uma criança para ter uma babá. — Ficou emburrada.

— Ok, ok, mas não vou demorar.

Ela piscou e pulou, feliz. Em seguida beijou meu rosto e deixou a sala, levando seu livro.

Tinha curiosidade de ler o que tinha nele, mas seria doloroso lembrar. Há coisas que é melhor não mexer. Relembrar traria dores e mais mágoas.



Entrei no restaurante que o Flávio escolheu, estava bem vestida e maquiada, escolhi um vestido azul turquesa com sapatos nudes.

Preferia a discrição, mas aprendi a me vestir bem no período em que morei com meu amigo. As meninas me ensinaram a maquiar, andar e a comer em restaurantes caros.

Era muito grata a elas, mas, no fundo, continuei a mesma Íris da ilha de *KATOS*, sem classe, que não tinha medo do trabalho. Apesar das mágoas e medos, ainda era uma moça que via a vida com altruísmo.

Roupas caras não escondem caráter.

— Belíssima! — Flávio levantou para me receber, beijando minha mão com carinho. — Você está mais linda ainda, Íris.

— Obrigada. — Estava deslocada e sem graça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei na cadeira que o mesmo puxou para mim como um bom homem, era o Flávio que eu conhecia, sempre doce e com uma alegria contagiante. Estava feliz em vê-lo novamente, pois apesar de tudo, era uma pessoa que me trazia lembranças doces.

— Sua irmã? — perguntou assim que o garçom se afastou com nosso pedido.

— Ficou em casa. — Sorri. — Não quis a babá, acha que já é adolescente.

— Cibeles deve estar mais linda ainda. — Serviu o vinho. — E você, minha amada? Como vai?

— Creio que já saiba tudo sobre mim.

Ele sorriu.

— Touché! Vejo que criou garras, isso é bom. — Fizemos um brinde. — Realmente fiz uma pesquisa sobre você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê?

— Hum... digamos que o chefe não gostou de ser abandonado. Você deve serviços a ele e tal. — Deu de ombros e eu gelei. — Ele ficou muito abalado com seu sumiço.

— Não creio! — Tomei toda a bebida da taça. — Não fui mais que uma empregada.

Flávio me olhou com intensidade, como se fizesse uma análise minuciosa.

— Não sei o que aconteceu entre vocês, mas sei que ele ficou muito louco por alguns dias.

— Louco ele sempre foi — debochei para esconder as batidas do meu coração.

— Verdade. — Ele sorriu. — Mas dessa vez não era tristeza, era raiva. Ele e Arion tiveram uma briga feia, quase foram parar no hospital das trocas de socos.

Não sabia disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Continuo sem entender.

— Você não foi embora da ilha obrigada, não é, Íris?

Sabia o que ele queria dizer.

— Não. Arion nunca faria isso comigo, pelo contrário. Ele nos salvou. — Segurei sua mão. — Deixei o passado para trás, construí uma nova vida aqui, amigo. O passado ficou na Grécia e é lá que ele precisa estar.

— Eu sei, eu sei, mas ele vai te procurar. Ele não superou e vem atrás de você. — Tremi. — Aviso de amigo, Íris. O homem que você conheceu não existe mais.

— A menina que ele conheceu também não.

Pontuei, o encarando.

— Vou comprar ingresso para assistir esse embate, vai ser épico!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspendeu sua taça para um brinde, seu sorriso era enorme e bem feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Estava a todo custo me segurando para não olhar nada na internet sobre a vida do Arthur, queria ser forte, precisava esquecer. Mas era difícil com amigas tão curiosas.

— Menina ele comprou aquela cobertura? — Isabel falava, olhando a revista. — O homem é muito rico.

— Sério? — Eduardo indagou, curioso. — Ele tem mesmo uma foto sua gigante, mona?

— Isabel! — reclamei.

— Não sabia que era segredo. — Ela deu de ombros. — Minha Íris, você parecia um passarinho de tão feliz e livre.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos vieram para os meus, sonhadores, Eduardo me abraçou.

— Você o conhece? Namorou com ele?

— Não, não namorei. Eu trabalhei na casa dele na ilha. Você adora um romance. — Revirei os olhos para não dar importância.

— Então o cara tem um retrato seu do nada?
— Parecia chocado com a ideia.

— Por favor, esqueçam-se disso! — pedi, cruzando os braços. — Nada de falar sobre isso por aí, entendeu, Isabel?

— Tudo bem! Não está mais aqui quem falou
— disse, emburrada.

— É privacidade do cliente, você sabe bem disso!

Baixando a cabeça, falou sem graça:

— Tudo bem, desculpa, estou errada.

PERIGOSAS ACHERON

— Nada deste assunto vai sair daqui.
Assinamos contrato com o cliente.

— Tudo bem.

Isabel disse, arrasada, e Eduardo assentiu.

Amava minha equipe, eram todos discretos, tinham suas histórias e segredos, e todos se respeitavam. Creio que se empolgaram por ser minha foto na história e eu falava pouco sobre mim, então estavam curiosos.

Uma semana depois...

Falava todos os dias com o Flávio, foi ele quem me contou como as pessoas da ilha estavam, me trouxe também notícias de Yannis, que deixou a ilha e ninguém sabia para onde havia ido. Fiquei triste pelo povo de lá, ele ajudava muito no postinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava preocupada com ele e esse sumiço, imaginando a família como devia estar sofrendo com a situação. Mas também foi ele quem me disse que uma nova enfermeira havia sido contratada pelo seu chefe.

Não queria ter simpatia por ele, mas sabia que meu povo precisava, mas também não perguntei porque ele fez isso.

Evitava sempre o assunto Arthur em nossas conversas.

Olhava sobre a mesa da Cibeles o livro dele, mas nunca abria.

Não sabia porque o destino havia resolvido fazer isso comigo, não sabia o que havia feito para merecer o passado batendo à minha porta.

Aquele era dia de falar com Klaus.

— Estou com ele na linha — Cibeles falou, vindo do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Klaus? — eu disse, pegando o telefone.

— Oi.

Apesar de tudo que passamos, nunca consegui ser amiga do Klaus. Ele era alegre quando o assunto era com nossa irmã, mas comigo se fechava em conchas.

Sentia que havia perdido meu irmão e nunca o encontraria de novo.

— Tudo bem? — Sempre me emocionava em falar com ele. Poderia ter morrido e nunca mais ouviria sua voz. — Comendo direitinho?

— Estou bem, Íris, aqui vai tudo bem, não precisa se preocupar. — Sua voz era distante e fria.

— Mandei mais casacos para o frio, você recebeu?

— Sim, recebi todos, muito obrigada. Posso falar com Cibele de novo? — pediu, a voz sumida.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, sim, claro. Fica com *Theó*, meu irmão.

Passei o aparelho para Cibeles, que já aguardava e me olhava com pesar. Ela sabia que minha comunicação com Klaus era horrível, e depois de tudo que aconteceu, ficou pior.

Minha irmã se retirou para o quarto, já sorrindo de alguma coisa que ele disse.

Pelo menos eles dois eram amigos.

Klaus ia fazer quinze anos, era uma criança ainda e pagava um alto preço por seus erros, e se culpava por trazer sua família com ele. Mas erros não se apagam e nada mudaria o que ele fez.

Suspirei e fui fazer um café.

Iria tomar sorvete com Flávio mais tarde e levaria Cibeles comigo.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Que mocinha linda! — A voz dele era feliz ao nos ver. — Tudo bem, minha Íris?

Beijou nosso rosto e minha irmã engrenou uma conversa sobre o mundo artístico com ele. Eu não entendia nada do que eles falavam.

— Você acha que a Íris do livro é a minha irmã?

Estava olhando as pessoas passarem pelo local quando esse assunto me levou de volta ao presente.

— O que tem eu? — Mas já sabia o que era.

— Desculpa. Sei que você não gosta de falar disso — ela pediu, se voltando para o sorvete. — Mas a moça descrita parece você e tem seu nome.

Olhei para Flávio, que deu de ombros e tentou tomar o sorvete da Cibele.

— Flávio? — chamei, chateada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cibeles toca no assunto e eu sou o culpado? — brincou, fazendo a garota sorrir. — Não tenho nada com isso.

— Leia o livro, Íris. Não entendo sua raiva por ele — a menina insistiu. — Ele me deixou tomar banho na piscina.

— Interesseira!

Ela e Flávio riram alto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Um mês depois...

Ainda estava em dúvidas de toda a produção exigida por Arion.

— Linda, Íris! — Cibeles bateu palmas, feliz.
— Parece uma rainha.

— Não sei por que ele insistiu nesta superprodução — resmunguei.

O maquiador sorriu, me virando para olhar seu trabalho.

— Belíssima! Esse rosto é muito exótico.

Resumindo: sem graça!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma obra-prima. Esse vestido caiu muito bem. Arion, como sempre, tem excelente bom gosto.

Sempre que meu amigo ia a festas, fazia questão de me levar com ele. Seu meio exigia discrição, pois era amigo de homens poderosos, ricos e transitava no meio deles com toda pompa que lhe era devido. A maioria tinha dedo podre e muitos segredos.

Assim como eu, que devia vários favores a ele, alguns deviam a vida e seus segredos bem guardados.

Era seu par em quase todas os eventos, aproveitava para falar sobre meu negócio. As pessoas me olhavam como inferior por isso, mas sempre trazia novos negócios fechados, por isso não me importava com o que elas falavam pelas minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sabia onde era a festa da vez. Ele mandou o vestido junto com o maquiador, e disse que me pegaria às sete da noite, que eu estivesse pronta.

— Deve ser uma festa muito chique.

Cibele falou e lembrei que nessa semana era o lançamento do Arthur no Brasil. Já havia olhado o livro diversas vezes, mas a coragem faltava, vivia na agonia de poder encontrá-lo a qualquer momento, torcendo que sua permanência no Brasil fosse rápida, e que nossos caminhos não se cruzassem nunca mais.

Ele deveria chegar ainda naquela semana, com isso iria ficar longe do Flávio. As faxinas em sua casa eram feitas por minha equipe, que fazia questão de falar para mim tudo que via ou ouvia, mas fingia demência, fingia não ver ou perceber as tramas que a vida ou alguém tecia ao meu redor.

PERIGOSAS ACHERON

Orava para consegui ficar longe dele.

— O Arion chegou.

Cibele avisou, largando o interfone.

Despedi-me e saí de casa com uma sensação estranha oprimindo meu peito.



— Cada dia mais bela! — Arion beijou minha mão assim que deixamos o carro na frente de um teatro. — O vestido ficou perfeito em você.

— Obrigada. Você me mima demais — agradei, segurando seu braço. — Que lugar é esse?

— Ah, aqui é o Teatro Municipal — contou. — Teremos uma distribuição de champanhe na sala VIP para comemorar a vinda da atriz grega Lara Sophia.

Abri a boca em um enorme
PERIGOSAS ACHERON

“OOOOHHHHH”. Eu amava a atriz, era minha favorita. Um dia falei isso para ele, depois de assistir à peça dela no teatro, encantada com sua atuação.

— Arion? — Minhas mãos tremiam.

— Sabia que gostaria da surpresa. — Ele sorriu, tocando meu rosto. — Você merece todas as alegrias do mundo.

Como não amar aquele homem tão peculiar? Poderia ser ruim em seus negócios, mas era tão humano comigo... Era meu irmão.

Especial demais.

— Não chore, minha Íris. A surpresa era para fazer você feliz. — Levando a minha mão aos lábios, beijou com carinho. — Quero um belo sorriso neste rosto. A noite é para aproveitar.

— Obrigada!

Várias mulheres belíssimas ostentando joias

PERIGOSAS ACHERON

caríssimas transitavam por ali, bem como homens bem vestidos. Se via a riqueza em todos os lugares.

— Nada de trabalho, hoje é diversão. — Assenti, feliz. — Lara?

Ele chamou e a mulher bem vestida se virou para mim. Era mais linda de perto, e nada me preparou para o homem que ela segurava o braço.

Arthur Marlus, mais do lindo do que imaginei.

Acho que minhas pernas iam ceder se não fosse amparada firmemente por meu amigo, que apertou minha mão discretamente.

Eu conseguiria.

— Arion, meu amigo querido, que prazer — a mulher o cumprimentou, soltando Arthur, que não tirou os olhos de mim. — Quem é a belíssima moça?

— Essa é Íris Callas, sua fã. — Respirei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fundo e vesti uma máscara feliz.

— Prazer. — Beijei o rosto dela. — Assisti *Ametista* aqui em São Paulo e fiquei mais fã ainda.

— Grega? Que beleza! Fico feliz demais. Venha, vamos tomar uma taça de champanhe para comemorar.

Era expansiva com sua longa cabeleira negra, mas seus olhos eram agitados, parecia drogada.

Passou uma taça para minha mão e tomou a sua toda de uma vez.

— Vivaaaaa!

Arthur continuava calado, me olhando, seu olhar parecia enviar flechas, cheios de acusações.

— Olha minha nova amiga Arthur.

— Conheço a Íris. Como vai fujona?

Rangi o dente.

— Diria que estava bem melhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso dele escorria sarcasmo, fez questão de ignorar meu amigo, que também não o cumprimentou.

— Então vamos piorar um pouco.

Pegando o braço da Lara, a levou com ele para o outro lado.

Abracei meu corpo, sentindo frio de apreensão pelo que viria.

— Não sabia que ele tinha chegado — Arion falou ao meu lado. — Tudo bem? Se quiser vamos embora.

Não era justo ele estragar minha noite.

— Não, tudo bem, uma hora ou outra isso iria acontecer. — Beijei o rosto de Arion, que estava sisudo ao meu lado. — Vou ficar bem.

— Ok, mas se ele fizer uma gracinha quebro a cara dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Depois precisa me contar porque vocês dois brigaram. — Sorri.

— Porque ele é um imbecil e pensa que pode comprar todo mundo com seu dinheiro e suas influências. — Deu de ombros Arion. — Nossa amizade não tem preço.

— Você é um anjo.

— Demônio mesmo!

Bati de leve no seu braço e acabei rindo da piada dele, que também riu.



A noite poderia ser boa, se o imbecil do Arthur não a passasse olhando para mim e suspendendo a taça numa ameaça clara, ou olhando com olhos mortais para Arion quando me tocava.

Sem contar a aniversariante, que já estava bêbada e dando vexame. Esse meio dela é bem
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

louco, as pessoas fingindo que ela não estava chapada, rindo como se nada ao redor estivesse acontecendo.

Acabei sentindo pena quando a mesma caiu.

Cheguei perto dela e a suspendi.

— Hora de ir para casa? — falei em grego, seu olhar era de agradecimento. — Melhor se poupar.

— Tem razão. Odeio tudo isso e todos esses mentirosos, bajuladores. Estou tão cansada, Íris.

Que vida ingrata. Tinha tanto aquela mulher, mas não era feliz. Vi o mesmo desespero que vi assim que conheci o Arthur, uma alma quebrada.

— Vou para o hotel.

Com ajuda dos seguranças, a retirei da festa, e assim que consegui colocá-la no carro, voltei. Ia chamar o Arion para ir embora, mas uma mão segurou meu braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sempre ajudando alguém.

— Me solte!

Falei com firmeza, mas Arthur não se importou, continuando a me olhar e tocando de leve meu rosto.

— Por que fugiu? — perguntou baixinho. — Por que seguiu aquele homem?

— O que deseja comigo? — Puxei o braço, me soltando.

— Temos assuntos inacabados, Íris. — Sua voz era doce. — Seus olhos assombram meus sonhos.

— Não tenho nada a dizer a você.

Saí quase correndo do local, mas sua voz me acompanhou.

— Enganou-se, ratinha. Temos vários assuntos e vou querer muitas respostas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não virei para olhá-lo, mas senti seu olhar me seguindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Não consegui dormir pensando no meu encontro com Arthur Marlus. Estava belíssimo, não tinha mais a barba espessa, bem vestido, e seus olhos mais azuis.

Era um homem de tirar o fôlego, e pelo tanto que as mulheres o olhavam, concordavam comigo.

Levantei e fui ao quarto da Cibele, que estava dormindo. Olhei na cabeceira e o livro estava lá. Sentando na poltrona, abri o livro e a primeira página era uma foto desenhada da ilha, com uma mulher ao fundo. Era o contorno do meu rosto.

O coração disparou e a mão ficou suada.

Comecei a ler. O romance de um simples

escritor e uma nativa...

Fechei o livro e respirei fundo.

Ele não fez isso, ele não retratou minha vida naquelas páginas. Como teve coragem de me expor assim?

Peguei minha bolsa e a chave do meu carro.



— Como se atreve? — Meu sangue grego estava ativo.

Fiz um escândalo na portaria do prédio e logo ele me mandou subir.

Ainda de pijama e com olheiras, trouxe uma xícara fumegante e sentou a minha frente como se nada estivesse ocorrendo ali.

Flávio sorria e recebeu um olhar fulminante, o fazendo deixar a sala e todos os empregados sumiram na mesma hora junto com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdeu o sono? São cinco da manhã — respondeu tranquilo.

— Como teve coragem de escrever um livro sobre mim? — gritei, jogando minha bolsa no sofá. — Me humilhou e ainda deseja pisar no cadáver?

— Humilhei? — perguntou e bebeu um gole do café. — Quando?

— Não se faça de sonso. — Cruzei os braços.

Tinha vontade de jogar a xícara na cara dele. Sentia falta do seu gênio ruim, porque teria motivo para bater nele.

Não sabia como lidar com aquele homem cínico e calmo a minha frente.

— Sente-se e tome um café comigo — pediu calmante.

— Não, só quero que me diga por que fez isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escrevi um livro, Íris, só isso. — Fez pouco caso. — Achei você uma doce inspiração.

— Tira meu nome dessa história. Quer atormentar minha vida? — Bati o pé, nervosa. — O que fiz a você?

— Além de largar seu trabalho, além de me deixar no meio da noite como uma ladra, uma mulher qualquer? Além de fugir com aquele imbecil? — Levantou, perdendo a máscara de homem calmo. — Passei meses procurando você.

— Não sou nada sua! — rebati. — Você me rejeitou, você deixou claro que sou uma rameira oferecida!

— Íris...

— Cala a boca! — Fui para cima dele. — Você pensa que é quem? Saia da minha vida e acabe com a ideia deste livro idiota.

— Não posso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falou, sentando no sofá e cruzando a pernas.
Seu olhar era cínico e sagaz.

— Vai virar um filme.

— O QUEEEEEEEEEEEÊ? — Ele só podia
esta brincando.

— Como vai Cibebe? — mudou de assunto.
— Continua doce?

— Que mal eu te fiz?

Sentei no sofá porque minhas pernas não me
sustentariam de tão trêmulas, devido ao impacto da
revelação dele.

— Pensei que ajudaria doando parte da venda
dos livros para a construção de um hospital da ilha.
— Deu de ombros. — Sei que era seu sonho o
melhor para seu povo.

— Como? — Tudo era um turbilhão, parecia
uma roda gigante e eu no meio girando feito uma
louca. — Não entendo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você não entende?

— O que você deseja com isso tudo?

— Não sabe, Íris?

— Não sei. Só quero que me deixe em paz, por favor.

As lágrimas vertiam dos meus olhos.

— Por que eu?

— Não chore. O que aconteceu com você? — Estava nervoso. — Pensei que gostaria da minha ideia.

Olhei para ele, era lindo, parecia um ator de cinema, mesmo com cara de sono e olheiras.

— Só quero paz — falei. — Fico feliz pela ilha, juro, mas quero meu nome fora de tudo isso.

— Não! É aquele idiota do Arion? Ele te submeteu às suas imundices? — gritou ele, jogando a xícara longe. — Vou matá-lo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Tira o nome dele disso. Foi ele quem me salvou quando você me renegou!

— Salvou de quê? Fale!

Veio para perto com ódio no olhar.

— Tocou em você? Alguém tocou em você? Diga! Vou acabar com a vida de todos eles.

— Você não é meu dono, pare!

Segurando meu rosto, o trouxe para ele.

— Quem disse isso?

— Arthur...

Sua boca desceu sobre a minha como um trovão, suas mãos passearam sobre meu corpo, sua língua abria passagem selvagemmente. Minhas pernas eram duas gelatinas, acabei segurando seu pescoço para me apoiar e sentir toda a glória de sua boca.

Era dominador, selvagem, impuro e perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu corpo correspondeu aos seus beijos como abelha atraída ao mel.

Encharcando a calcinha de desejo, meus seios endureceram.

Queria que tocasse ali e quase pedi quando me soltou.

— Seus beijos são meus, seu corpo é meu. — Ele passou os dedos por meus lábios dilatados dos seus beijos. — Sua boca nega, mas seu corpo a contradiz.

Afastei-me, sentindo vergonha. Mais uma vez ele me humilhava.

Peguei minha bolsa e corri para a porta.

— Não adianta fugir, Íris. Desta vez vim para ficar e ocupar o lugar que é meu.

Virei para ele, glorioso no meio de sua sala, de braços cruzados e olhos determinados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho dono!

Falei, deixando sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

A sensação em casa é que fui à guerra, o corpo quebrado depois da discussão com Arthur.

Sentei no sofá e olhei para a janela. Gostava daquela cidade, mas sentia falta de minha terra, das danças, da fogueira e das festas nas casas dos vizinhos.

Do mar azul. Já não sabia mais o que era fome, mas o meu coração sentia tristeza por estar longe de casa. Compreendia que havia tomado a decisão certa, pois teria feito tudo novamente.

Ainda lembrava-me da expressão assustada do Klaus quando o encontrei em *Koufonisa*. Estava apavorado, tremia e chorava, foi a única vez que

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi o seu pedido de perdão.

Um garoto de quase treze anos que fez escolhas erradas, roubando o maior traficante da ilha e fugindo, pois para sua cabeça jovem e ambiciosa, acreditava que seria o mais coerente a fazer, onde sua atitude lhe traria uma vida melhor, longe daquela pobreza. Entretanto, nunca imaginou que seu ato implicaria em consequências terríveis nas vidas de suas irmãs.

Não sentia raiva dele ,e sim, pena, porque vivia com a culpa, com o rancor, escolheu ficar longe de nós, e naquele porto nosso destino foi decidido. Preferiu ir para longe, e eu e Cibeles seguimos para o Brasil.

Gritei, chorei, pedi para que não fizesse aquilo, que nossos pais queriam todos juntos, que o protegeria com minha vida, mas suas palavras foram incisivas: *Não, Íris, é minha vida e eu*

PERIGOSAS ACHERON

escolho. Não quero acabar como nossos pais, não quero ser um pescador, mas também não quero ser um bandido. Se essa é a oportunidade que tenho de crescer, vou abraçar. Vou ficar bem!

Seguiu sem um abraço ou um olhar para trás, para ao menos um adeus.

Estava despedaçada. Arthur me rejeitou e então meu irmão partia sem se importar com nada.

Lembrava-me do meu corpo dobrado e minhas lágrimas derramadas sobre o cais, e Arion me segurando, Cibele gritando pelo nome do irmão.

Quando pensei que havia deixado tudo para trás, veio o Arthur para lembrar todo meu drama, mostrar que ainda era falha, que ele ainda mexia comigo.

Pensei que tinha endurecido o meu coração, que o amor não faria mais parte de minha vida, mas em um segundo do nosso encontro, aquele homem

sem coração ou escrúpulos colocou todas as minhas convicções abaixo.

— Você está chorando, Íris? — Cibeles já estava de farda.

— Não.

Enxuguei uma lágrima furtiva que caiu e virei o rosto para o outro lado.

— O que aconteceu? Conta para mim, sou uma adolescente, já. — Sorri com seu comentário. — Você saiu cedo.

— Precisei resolver um problema, mas está tudo bem — falei, a levando para meu colo. — Você é meu orgulho, irmã.

— Te amo, Íris. — Beijou meu rosto. — Posso dormir na casa da Arlica? Ela vai fazer uma noite das garotas hoje.

Mudou de conversa, deixando meu colo e pegando a mochila.

— Peça para a mãe dela me ligar — solicitei e ela assentiu.

Beijou minha bochecha, de novo, e saiu do apartamento.

Torci que nada daquilo mudasse nossas vidas ou atrapalhasse a vida dela.

Precisava ficar longe do Arthur, precisava esquecer aquele homem para sempre.



Não consegui me concentrar no trabalho.

Olhei diversas contas a minha frente, e os cálculos não eram assimilados por meu cérebro. Não conseguiria fazer isso, e empurrando os papéis para frente, levantei da minha cadeira, resolvendo tomar um café.

— Íris? — Pela porta João colocou a cabeça para dentro da minha sala. — Aceita um café?

PERIGOSAS NACIONAIS

Era um rapaz que trabalhava na contabilidade ao lado, sempre simpático, volta e meia estava por ali me convidando para alguma coisa.

Já havíamos jantado juntos algumas vezes, com ele conheci o teatro, recitais e fui ao cinema.

Era um homem culto e educado, nunca tentou nada a mais comigo, apesar de seus olhos dizerem o contrário sempre que me olhava.

Tecia elogios, mas meu coração não sentia o frio ou desejo que sentia pelo autor. Não tinha mãos trêmulas ou suadas toda vez que o via, e talvez fosse esse o real sentimento, não aquilo que meu corpo dizia ser amor pelo Arthur.

Talvez devesse dar uma chance ao João, passar a olhá-lo com outros olhos. Seria que o melhor a fazer?

— Aceito. Só um minuto. — O sorriso dele se iluminou.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que poderia tentar.



Voltando para o escritório, levei café para Isabel, sabendo que ela amava esses mimos, apesar de andar me evitando pelo esculacho que levou. Niza disse que ela mereceu, que deveria ter tomado suspensão pela intromissão.

As duas também estavam chateadas uma com a outra por conta disso.

— Café. — Coloquei à frente dela na mesa e me virei para João. — Obrigada, João, você como sempre sendo providencial para alegrar meu dia.

— Sempre à disposição, minha princesa. — Isabel me olhou de lado e desviou para a porta da minha sala. — Topa um cinema no sábado?

Os olhos dela estavam enormes, quase saindo da caixa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — perguntei a encarando.

— Acho que sábado Íris tem compromisso.

Virei, seguindo o som da voz. Na porta da minha sala se encontrava Arthur Marlus, totalmente vestido de preto e com um sorriso cínico nos lábios.

— Isso aconteceu! — Isabel falou baixo.

— O que faz aqui? — perguntei assustada por sua presença.

— Arthur! — Ele não se importou com minha pergunta e estendeu a mão para João.

— João. Você não é aquele autor famoso? — Meu amigo estava encantado, dava para ver.

— Ele mesmo — Isabel falou por entre seus lábios.

— Sim, prazer.

— O prazer é meu, cara. Já falei à princesa aqui que curto muito seus livros. — Arthur rangeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os dentes. — E ela nem me disse que te conhecia.

Revirei os olhos na força do rancor e raiva.
Homens idiotas!

— Que pena! É um prazer conhecer os amigos da Íris. — Sorriu, mas eu sabia que estava chateado. — Bem, preciso falar com ela.

— Ah, ok. Depois vou dar meus livros para ela levar para você autografar.

Totalmente feliz, João saiu da sala.

— Vai sonhando! — resmungou e se virou para mim. — Podemos conversar?

— O que você deseja me perseguindo? — reclamei.

— Posso falar aqui? — Olhei para Isabel, que deu um sorriso amarelo.

— Vamos para a minha sala.

— Aquele ovo mal me cabe dentro —

PERIGOSAS ACHERON

resmungou Arthur, me acompanhando.

— Problema seu.

Capítulo 20

Sentei na minha cadeira, ali era meu território, quem mandava era eu, me sentia fortalecida.

— O que deseja? — perguntei.

Ele não respondeu, olhando portas retratos espalhados pelo local, tinha diversas fotos minhas com Cibeles, com Arion e com o pessoal que trabalhava comigo.

E uma foto de Klaus na neve.

— Como vai Cibeles? — perguntou ainda olhando as fotos.

— Vai bem, cresceu bastante — respondi, lembrando a alegria de minha irmã.

— Imagino. Queria vê-la. — Ele pegou a foto do Klaus. — Cresceu muito.

— Sim, cresceu bastante. — Não queria falar sobre isso. — Mas a que deve a sua visita?

— Fico feliz em ver que você está bem, *ángelos*. — Continuou ignorando minha pergunta. — Tem um belo negócio aqui.

Disse, pensativo.

— Passei esses anos com medo do que poderia ter acontecido com você. — ele resmungou, ficando à frente da minha mesa. — Está uma mulher diferente, madura, elegante, mas seu olhar ainda é doce e puro.

Encarei seus olhos que eram duas fagulhas de admiração, um aquecimento estranho apertou meu peito. A opinião dele não devia me importar, mas importava.

— Você é resiliente, *ángelos*. — Passou a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão na cabeça. — Tenho inveja de sua força.

Deu um pequeno sorriso e nunca o tinha visto sorrir antes, nunca destinou nenhum sorriso ou palavras de carinho a mim, então tudo só podia ser uma armadilha.

— O que deseja, Arthur, ou só veio tecer elogios?

— Criou garras também, isso é bom. — Ele sentou e cruzou as pernas. — Arion foi bom professor.

Suas palavras eram mordazes e venenosas.

— Quero você, Íris!

Arregalei os olhos e quase caí da cadeira.

— Como?

— Isso mesmo que ouviu. Pelo jeito que tentou me seduzir anos atrás, me leva a crer que sabe muito bem o que um homem e uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazem — declarou, mordaz. — Quero você em minha cama, como minha amante.

— Ficou louco?

Levantei, chateada. Irada, por assim dizer.

— Como se atreve?

— Você, há exatamente um ano e meio, não pensava assim quando invadiu minha casa na calada da noite.

— Era louca na época. Ponha falta de discernimento de minha parte.

— Não creio. Tenho certeza que você também sente essa força que nos atrai.

— E Rachel? — perguntei, indo para longe da mesa e dele.

— Minha mulher não tem nada a ver com isso. — Ele fechou o semblante e as mãos. — Não toque no nome dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saia da minha sala e da minha vida. —
mostrei a porta. — Nunca vou ser sua amante,
nunca vou ser a substituta de um fantasma.

— Você não sabe nada da Rachel, não se
atreva a falar dela.

— Não se atreva você, a invadir minha vida,
a minha sala, para jogar suas merdas em mim. —
Abri a porta. — Você continua um azedo e mal
amado, jamais faria sexo com um homem mal
educado. Não sou suas putas, nem suas vadias,
creio que deva ter um monte de mulher por aí
desejando isso.

— Você não sabe com quem está brincando
— ameaçou.

— Sei. Passei meses com esse homem
amargurado que acha que o mundo precisa pagar
pelo que aconteceu a ele, e para meu inferno astral,
me escolheu com saco de pancada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Íris...

— Não! Não sou sua funcionária, não preciso ouvir suas grosserias e falta de educação.

Seguiu até a porta e a segurou, ficando a minha frente.

Seus olhos estavam tristes.

— Desculpa, não queria ser grosseiro.

— Agora não importa mais, já aconteceu. — Não olhei para ele. — Saia da minha sala.

Parecendo um cachorro sem dono, ele saiu de cabeça baixa e nem falou com a Isabel no caminho.

— Uau! Você pisou na ferida e ainda chutou a bunda — minha secretária falou, sorrindo. — Mulher, que arraso! Esse aí está no papo.

— Acho que dessa vez ele entendeu.

— Duvido. Vai voltar com nova estratégia. Ele quer você, só não sabe como fazer isso

PERIGOSAS ACHERON

acontecer.

Respirei fundo, pois era muito atrevimento ele me propor ser sua amante.



Retornei a minha sala, tentando organizar na minha mente os acontecimentos ocorridos no dia. Após me sentar, escutei o bip de mensagens do meu celular, vendo em seguida do que se tratava.

***Perdão!**

Respondi logo.

***Quem é?**

Perguntei, já suspeitando da resposta.

***roubei seu número no celular do Flávio.**

***perseguição!**

***pode ser, mas não desisti, Íris.**

Não respondi e desliguei o celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um buquê de rosas vermelhas chegou depois do almoço.

***Não vou desistir! A M S**

Estava escrito no cartão.

— Eu disse que ele está determinado. —
Isabel soltou uma gargalhada, saindo a minha sala.

— Inferno!

***Para de me perseguir!**

Mandei como mensagem para ele.

***Nunca! :)**

Respondeu de volta e ainda colocou uma carinha sorrindo.



— Íris? — A voz de Cibeles era alta e feliz. —
Advinha quem veio nos visitar?

Ah, não!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur encontrava-se sentando no meu sofá, bem à vontade, e minha irmã saltitando de felicidade por isso.

Fiz uma cara mortal para ele, que sorriu de volta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Arthur estava me cercado de todos os lados, minha irmã amou sua visita, já eu passei a maior parte do tempo com cara fechada.

Os dois foram passear e pareciam amigos de longa data.

— Golpe baixo! — Abri e fechei a mão, chateada com tudo aquilo.

— Chateada? — Flávio perguntou.

— Um pouco. A que devo essa visita? — perguntei, sorrindo ao vê-lo entrar em minha sala.

— Imaginei que precisasse conversar depois de saber que certa pessoa te procurou.

— Ah, amigo!

PERIGOSAS NACIONAIS

Joguei-me na cadeira, pondo a mão no rosto.

— O que ele deseja comigo? Está me deixando louca!

Olhei para ele por entre os dedos e o mesmo sorria de leve.

— Até minha irmã ele envolveu. Foi passear com ele ontem — contei, nervosa, mordendo a ponta do meu dedo. — Estou sem entender esse interesse repentino.

— Humm, você sabe que a esposa dele, minha irmã, foi assassinada, não é?

Fiz que sim com a cabeça. Confesso que nunca pesquisei nada sobre ele e nem sobre isso, tentei deixar tudo no passado.

— Estava grávida de seis meses, era a pessoa mais incrível e feliz que já conheci, sempre sorridente. Cibeles seria a realização do sonho dos dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cibeles? O que tem ela?

— Sim, pois o bebê que esperavam era menina e se chamaria Cibeles.

— JESUS!

Estava impactada com essa explicação, as peças se juntavam, entendia a fixação dele por minha irmã.

— Ele gosta de sua irmã.

— Como ela foi assassinada? Desculpa, não sei se você deseja falar disso.

— Alguém queria se vingar do Arthur, o rapaz foi preso e condenado.

Seu semblante era de tristeza, sua mão tremeu.

— Desculpa por fazer você lembrar.

— Não, tudo bem, só quero que entenda que nem sempre Arthur foi assim. Ele sofreu muito e se

PERIGOSAS ACHERON

culpa muito até hoje pela morte da Rachel. Foi ele quem achou o corpo, depois disso nunca mais voltou a ser o mesmo.

Imaginei sua dor, afinal, achar a mulher morta e saber que alguém fez isso de propósito, o quebrou de diversas formas, e pelo jeito não tinha mais nenhum conserto.

— Mas o que ele fez para merecer isso?

— Fixação de um fã. Ele recriou a cena de um livro do Arthur matando a esposa dele. — Respirou fundo. — Foi horrível! Vamos tomar um café?

Mudou o assunto e percebi que aquilo não fazia bem a ele.

— Vamos. Mas quero te fazer um convite. Teatro comigo?

— Humm... deixa pensar aqui.

— Não pense muito porque estou muito
PERIGOSAS ACHERON

requisitado. — Gargalhou.

— Aceito!

Bateu na minha mão suspensa em forma de cumprimento e caímos na risada.



“Esse homem é tão lindo”, “fico babando nele”...

Já estava cansada de ouvir Isabel dizer isso depois que Flávio havia saído.

— Você é muito assanhada! — gritei da minha sala.

— Americano, fofo, com aquele sorrisinho sacana...

— Jesus! Para com isso!

Não aguentei e comecei a rir.

— Estou sem sexo há dias, deve ser isso —

resmungou. — Nunca que um homem daqueles iria me dar bola.

Saí da minha sala e fui até ela.

— Para com isso. Você é linda, inteligente, então não fica se depreciando.

— Mas você sabe, ele pode até querer sexo, mas nada sério depois de saber do meu passado. — Deu de ombros, triste.

— Você fez o que achou necessário para sobreviver. *Ai ai ai*, nada de ficar moribunda. — Balancei o dedo em riste para ela. — Vamos ver o que temos de material no depósito?

— Vamos. Preciso de uma cerveja gelada, vamos mais tarde?

— Ok, vamos.

Aprendi a gostar da cerveja, as meninas me ensinaram a beber, mas ainda fazia bem pouco. Não havia tido uma bebedeira, mas às vezes tinha

PERIGOSAS ACHERON

vontade.

Principalmente esses dias, com essa tensão do Arthur.



O local estava lotado. Era uma casa de festas, como as pessoas chamavam no Brasil.

Muitos jovens, várias pessoas dançando na pista, e ainda bem que naquele dia tinha a festa do pijama para Cibeles, pois não tinha necessidade de chegar cedo em casa.

Olhei para Isabel e Eduardo, que já se balançavam ao som da música. Não gostava muito desta batida, sentia falta das danças da minha terra. Lá não tinha necessidade de corpos juntos, suados, parecendo acasalamento.

Amava dançar, mas não aquele ritmo sexy. Achava legal a felicidade das pessoas ao se

PERIGOSAS NACIONAIS

movimentar, observar era bom, exalavam energia. Dava para sentir o desejo deles. Era sexual, interessante.

— Vamos tomar tequila? — Eduardo perguntou.

— Não! — Isabel e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Que tédio vocês duas!

Ele revirou os olhos e mirou as unhas, chateado.

— Nós ainda lembramos seu estado da última vez.

Bufando, ele seguiu para o bar.

Isabel olhou para mim e caímos na risada.

— Cerveja? — ela indagou.

— Sim. Vou conseguir uma mesa para nós.

Era bom poder fazer essas coisas, sair e ter

PERIGOSAS ACHERON

dinheiro para me dar a tal luxo.

Encontrei uma mesa mais afastada da pista e sentei para aguardar meus amigos.

— Senhora? — Virei para um rapaz todo de preto, parecendo segurança.

— Sim.

— Poderia me acompanhar? Minha chefe quer falar com você — falou ele, totalmente sem graça.

— Quem? — Não fazia ideia do que ele estava falando.

— Lara Sophia — esclareceu, me analisando.

— Ah, sim. Acontece que estou aguardando meus amigos. — Assim que terminei de dizer isso, os dois chegaram à mesa olhando de mim para o segurança. — Tem uma amiga que deseja falar comigo.

— Creio que ela não se importe que todos a acompanhem. Se encontra numa área VIP.

Cortou minha desculpa o rapaz.

E dando de ombros seguimos ele até uma escada que dava para o lado de cima da casa, era um espaço escuro, tinha várias pessoas dançando e bebendo, numa poltrona reservada estava a Lara, totalmente linda, vestida de preto com um batom vermelho, sentada com um copo de bebida não mão.

Parecia uma princesa entediada.

— Íris! Você aceitou meu convite, que felicidade! — gritou em grego para mim. — Estava morrendo de tédio.

Sorri, dando a mão para ela e um abraço apertado.

— Meus amigos.

Apresentei todos e ela foi simpática,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mandando que nos servissem bebidas.

Era festeira, mas escondia tristeza no olhar.

— Arion? — perguntou, curiosa.

— Creio que viajando — respondi e aceitei a taça que o rapaz me entregou.

— Sempre assim, sempre nômade.

Parecia saudosa como se o conhecesse há bastante tempo.

— Lara?

Não acreditei quando percebi que Arthur também estava ali.

— Íris, que prazer encontrá-la.

Não respondi e me afastei para perto dos meus amigos, que dançavam deslumbrados por estarem na área Vip.

Uma mão rodeou minha cintura com força e senti seu corpo moldando o meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos sair daqui. Preciso falar com você.

— Não!

— Agora!

Olhei para Isabel, que me olhava com um sorriso engraçado no rosto.

Tentei virar, mas fui impedida.

— Vamos sair discretamente, pois temos jornalistas por aqui.

Ele segurou minha mão e saímos por uma porta lateral. O vento gelado da noite beijou minha pele, a arrepiando, mas foi rápido. Logo já me encontravam em outro local fechado, com as costas na parede e o corpo de Arthur imprensando o meu.

Engoli em seco e tremi de antecipação. Os olhos dele eram como de um predador, uma fera pronta para o ataque.

Segurando meu corpo junto ao seu, o volume

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da sua calça não deixava dúvidas de seu desejo.

— Sente? Entende o que faz comigo?

— Arthur...

— Xiiiiiii! — Ele pôs os dedos nos meus lábios para me calar.

E me beijou. Um beijou selvagem no qual sua língua brincava com a minha, mordida meus lábios, sugava minha boca, bailava selvagem e eu estava perdendo a força de negar o que sentia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Meu corpo respondia a todas as investidas do Arthur. A sua mão subiu por minhas pernas e minha calcinha virou fiapos em suas mãos, senti o vento sobre minhas partes íntimas arrepiando meu corpo.

Sem soltar meus lábios, continuava fazendo carícias em minha vagina, e acho que molhei seus dedos, uma sensação de pertencer a tudo aquilo se apossou de mim.

Eram sensações novas, nunca tinha sentido nada igual, mas queria, queria muito. Algo crescia como um vulcão pegando fogo nos meus orgasmos, minhas pernas tremeram. Era estranho, mas era

bom.

Meus seios foram desnudos por suas mãos, e sua boca brincou de leve com eles, gemi, prendendo sua cabeça ali, enquanto outra mão suspendeu mais o vestido e minha bunda foi presa por essa mão. Não conseguia pensar, raciocinar direito. Eram muitas sensações, muitos sentimentos desconhecidos. Passou a chupar e lambe, se alternando entre os dois seios, e com a mão me suspendeu, friccionando no seu pênis por cima da calça.

Líquido escorria, estava molhada, cheia de luxúria e desejo. Sonhei tanto com aquele momento, quis tanto todo esse tempo.

Entregaria ali a minha virgindade ao único homem que tive desejo de fazer isso.

— Arthur... — gemi com uma necessidade até então desconhecida. — Arthur...

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos de tempestade focaram nos meus, devia esta descabelada, com os lábios inchados dos seus beijos, aberta e totalmente a mercê dele.

Introduziu de leve um dedo em mim e eu gemi, então me soltou e ajoelhou. Acompanhei sua descida e suspensão do meu vestido, sua boca entre minhas pernas.

— Perfeita para mim.

Foram as suas únicas palavras.

Abriu minhas carnes e passou a ponta da língua. Iria me desintegrar, se continuasse.

Devia ser isso que os autores descreviam nos livros. Já havia me tocado, mas nada me preparou para o oral de Arthur.

Chupou, lambeu, investiu pesado na minha boceta e eu tremi, pedi clemência e gozei.

Ficando em pé a minha frente, fitou meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Belíssima quando goza. — Ele suspendeu a alça do meu vestido, escondendo meus seios dos seus olhos. — Nega que seremos bons amantes?

Foi como um tabefe em mim. Falei que jamais me submeteria a ele, a um homem como ele, e me encontrava na letargia de um orgasmo causado por ele.

Fiquei louca, esqueci tudo em minutos em seus braços.

Afastei-me, sentindo fria e triste.

— Feliz?

Perguntei, olhando para a parede.

— Você é minha. Nega, mas me quer. — Ele segurou a ponta do meu cabelo. — Seu corpo te trai sempre.

— Sim, você tem razão, quero você. — Para que negar? — Mas você não tem nada a me oferecer a não ser prazer em lugares como esse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele continuou segurando a ponta do meu cabelo.

— Vai ser quando me chamar? Quando tiver vontade? De acordo com o desejo do nobre senhor? — indaguei, debochada.

— Íris...

— Não, não precisa dizer nada, mas sinto muito, Arthur. Eu não vou ser sua amante. — Ele ia falar, mas toquei seus lábios. — Eu desejo você, sim. Desde o primeiro dia que o vi, mas também no mesmo dia percebi que nossos caminhos seguem linhas diferentes.

— Não precisa ser assim. — Ele pôs a mão no bolso, se afastando.

— Você já amou, já foi amado, já teve alguém, e eu nunca tive nada disso — argumentei, abrindo os braços. — Preciso de alguém só meu, viver tudo que o amor pode trazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou falando de amor, estou falando disso, sexo, luxúria — pontuou, sendo sincero. — Não tenho amor para dar.

— Eu sei, e como eu sei, mas eu mereço amor. — Bati na parede, com raiva. — E eu não me contento com migalhas.

— A vida não é fácil, Íris — disse ele, com o semblante se fechando. — Você deseja um sentimento que pode nos matar mesmo estando vivo.

Ele virou para a parede, com o corpo reteso de raiva.

Fiz a única pergunta que me veio à cabeça no momento.

— Você trocaria o amor que viveu com Rachel para se proteger de toda essa dor?

Virou e me encostou à parede com raiva.

— Não fale dela! — sibilou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Responda! — Não recuei.

E a dor transpareceu em seu rosto, levando a máscara de arrogância por alguns minutos.

— Não!

Afastou-se, abraçando o próprio corpo.

— Não, não, nunca! — gritou, batendo com raiva na parede. — Sai!

Não esperei que me expulsasse de novo e deixei o local, com a certeza de que Rachel foi e sempre seria o amor da vida dele.

O que só provou que não tinha lugar para mim.

Consegui voltar para a casa de festas, encontrei os meus amigos e eles foram até mim com semblante preocupado.

Lara também foi e me abraçou com carinho.

— Ele vai te quebrar, Íris! — disse em grego.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deixe.

— Ele já fez isso, agora deseja pisar nos restos. — Sorri por entre as lágrimas.

— Oh amiga! — Ela beijou meu rosto. — Venha passar o sábado comigo?

Fiquei na dúvida.

— Venha — insistiu, — Acho que podemos ser grandes amigas. — Sorriu ela, pondo uma taça em minha mão. — Mascare essa dor e beba tudo.

Sorri e agradei.

Arthur não apareceu e pela primeira vez na vida tive um orgasmo com um homem e também o meu primeiro pileque.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Acordei com o coração doendo e a cabeça pelo mesmo caminho. Vomitei diversas vezes, estava me sentindo péssima, tanto no corpo como na alma.

Lembrei-me do que aconteceu na noite anterior, todo prazer seguido de humilhação.

O Arthur voltou determinado a acabar comigo, ele me odiava, só podia ser, tinha alguma coisa errada nesta obsessão em me tornar sua amante.

Naquele dia seria o lançamento de seu livro, mas não queria saber mais nada sobre ele, desejava só esquecer que um dia nos encontramos.

Apaguei seu número do telefone, mas antes bloqueei para não receber mais nenhuma ligação ou mensagem sua.

Precisa esquecer, necessitava ficar longe dele.

Tentei levantar, mas a cabeça estava zonza, caí no travesseiro novamente.



De óculos escuros cheguei ao hotel da Lara, querendo saber o que aquela mulher usava para beber tanto e se encontrar maravilhosa no outro dia.

Recebeu-me feliz, toda maquiada, vestida de pantalonas verde, parecia uma rainha de tão bela.

— Você parece um lixo! — Riu do que disse, me abraçando. — Tadinha! Não é familiar com bebidas.

— Estou me sentindo atropelada por vários

PERIGOSAS ACHERON

cavalos.

Era bom falar com alguém em grego, ter alguém de minha terra por perto, poder voltar às minhas raízes. Pelo menos falando em minha língua natal.

— Um momento que vou preparar uma coisa que vai te ajudar — disse ela, saindo da grande sala e entrando por um aporta logo à frente.

Torci que ajudasse, porque me sentia péssima.

Usando um vestido de verão floral e sandálias de tira rasteira, era o look do meu sábado.

— Tome! — Me ofereceu um copo com um líquido escuro.

Segurei e bebi tudo.

— Parece a bebida cura ressaca que minha mãe fazia para meu pai. — Lembrei-me do Arthur quando estávamos na ilha, e sorri sem humor. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não achei os ingredientes para fazer em casa.

— Depois quero a receita. Sempre é bom ter um segundo plano — brincou

Era horrível o líquido, mas bebi tudo fazendo careta.

— Vamos fazer compras? — Ela bateu palmas, feliz. — É bom para curar coração partido.

Piscou para mim.

— O Arthur descobriu que você estava lá ontem e foi te procurar — contou. — Me convidou para ir, mas eu não sabia que desejava te encontrar.

Como ele sabia? Tinha acabado de entrar na casa de festa.

— Descobri na hora que vi você e seus amigos — ela continuou contando, alheia à minha tortura em ouvir aquilo. — Íris, conheço ele há anos e conheci a Rachel também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tenho nada com ele, só fui sua funcionária — expliquei, tensa. — Não sei porque essa obsessão.

— Entendo, mas a mídia pode descobrir que você é a garota do livro e aí sua vida se complica.

Não tinha pensando nisso.

— Não sou a garota do livro — menti.

— Você sabe que é! Escreveu sobre vocês dois e não sei se tudo ali foi verdade, mas vai virar filme e vão querer saber quem é a moça que gerou a história, depois de tempos ele longe da escrita.

Meu coração bateu rápido e o medo me assolou.

— Não sou eu. Não quero nada com essa história — resmunguei. — Quero ficar em paz.

— Você é uma moça batalhadora, linda, cativante, acho seu espírito lindo. — Ela tocou meu rosto. — Esse meio destrói a gente, tenha cuidado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não desejo fazer parte de nada — falei, chateada.

Não queria holofotes sobre mim, não desejava nada da vida deste povo, só queria viver a minha e criar meus irmãos.

— Arthur se encantou contigo e não sabe como vai resolver tudo isso. Foi trágica a perda da esposa. — Suspirou. — Mas ele ainda sente culpa e vai ser complicado voltar a amar. Tenho medo que se machuque, Íris.

— Não vai acontecer nada, pois não quero nada com ele.

— Ingênua, criança. Seu coração já é dele. — Ela voltou seu olhar para mim. — Vocês são lindos e têm longo caminho. Se estiver escrito, nada poderá fazer.

— Prefiro fazer compras e esquecer esse assunto.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito bem.

Abraçou-me.

— Você pode contar com essa amiga aqui para tudo. — Beijou meu rosto. — Você é especial, sinto isso.

Não respondi, só correspondi ao seu carinho a abraçando forte também. A certeza de que precisava ficar longe dele cada vez ficava mais forte e assertiva dentro de mim.



O resto da tarde foi marcante, Lara nos fazia sentir especial. As pessoas abriam as portas para ela, tratando-a como se fosse uma rainha, e ela as fazia se sentir especiais.

Era um ser cativante por natureza, mas parecia tão necessitada de algo, que ainda não sabia dizer. Toda vez que falava do Arion ela queria

PERIGOSAS NACIONAIS

saber mais, então parei de tocar no assunto, pois sentia que entre eles tinha alguma coisa e era caro a amizade dele para mim. Não pretendia prejudicar meu amigo.

Não sabia o que havia acontecido entre eles e não iria me meter.

— Sua irmã?

— Na casa da amiga. Volta amanhã pela tarde.

— Queria ter irmãos — comentou. — Mas só consegui uma mãe dominadora e um pai aproveitador.

Riu sem humor e depois voltou ao seu personagem feliz.

— Como é com seus pais?

— Sou órfã. Eles morreram quando eu tinha 18 anos, em um acidente de barco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Poxa, sinto muito. — Segurou minha mão.
— Sinto mesmo.

— Tudo bem. Já faz tempo e meus irmãos são meus maiores tesouros.

— Imagino! Você é uma mulher brilhante, forte.

Respirou fundo e olhou para os lados.

— Bom falar grego e saber que ninguém sabe o que estamos falando, não é? — Eu assenti, bebendo meu refrigerante.

Estávamos sentadas em uma delicatessen de luxo, fazendo um lanche, e os seguranças dela do lado de fora, disfarçados.

O telefone dela tocou, franzindo o cenho atendeu.

— Arthur? Que prazer! — Fiz sinal para fazer silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sempre me achava como se tivesse alguém de olho nos meus passos.

Arrepiei com a ideia de algo assim.

— Hoje à noite estarei lá com você — afirmou ela na ligação e imaginei que fosse ao lançamento. — Não sei, não perguntei a ela.

Piscou para mim com um sorriso.

— Não sei, realmente não faço ideia — franzindo o cenho ela dizia. — Estive hoje cedo com ela, mas não faço ideia de onde esteja.

Ficou em silêncio ouvindo e deduzi que fosse de mim que eles falavam.

— Realmente não sei. Falei neste número com ela, mas não sei. Se concentre no grande momento, vou descobrir o que houve — garantiu. — Acho que seria melhor ela não ir, vão descobrir que é a garota do livro.

Tirou do ouvido o aparelho e olhou para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo, chocada.

— Desligou na minha cara!

— Bem a cara dele. — Dei de ombros. — Não vou ao lançamento.

Jamais apareceria por lá e não queria vê-lo mais.

— Você o bloqueou no seu número? — perguntou, pensativa.

Dei de ombros mais uma vez.

— Ele está uma fera porque você não o atende e não estava em sua casa quando foi lá.

— Ele não é importante — comentei, chocada com a insistência dele.

— Ele não vai desistir. É mimado, não sabe lidar com “nãos” — falou, me encarando. — Você precisa de um plano B para se livrar disso tudo, se é seu desejo ficar longe.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para o copo à minha frente e virei para os lados, estava sem saber como reagir a tudo, realmente não esperava esse interesse repentino dele.

— Sou livre, não sou obrigada a nada.

Disse com firmeza e ela sorriu, assentindo e batendo na minha mão de leve.

— Vou adorar vê-lo sofrer um pouco!

Capítulo 24

— Pena que criança não pode entrar nesses locais.

Cibele se encontrava indignada porque queria ir ver a entrevista do Arthur para a TV local.

Pelo que li nos jornais foi um sucesso o lançamento, mas não terminei de acompanhar toda a reportagem. Não podia ficar trazendo aquele homem para minha vida.

Não era o certo. Ele podia me destruir, se assim quisesse.

— Assista pela TV — argumentei, guardando a louça lavada.

— Verdade. Ele me ligou hoje cedo, vai no
PERIGOSAS ACHERON

fim de semana para Grécia.

Não falei nada, fiquei calada sobre o assunto.

— Ele é muito legal, pena que sorri muito pouco — comentou ela, se jogando no sofá. — Sabia que a filha dele se chamaria Cibele?

— Sêrio? — Foi a minha única palavra.

— Sim, pena que morreu. — Sua voz ficou triste. — Por que você não gosta dele?

— Quem disse que não gosto dele? — questionei.

— Você não fala dele, e ele sempre pergunta sobre você — expressou ela. — Parece que ele te admira.

Fiz um esforço para não perguntar por que ela achava isso.

— Vive querendo saber como você está, como vai a empresa? Se precisamos de alguma

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa — pontuava, batendo nos dedos. — Ele é um homem bom, gosto dele.

— Isso porque te deu um aparelho de celular novo? — Mudei o rumo da conversa.

Não queria mais falar do Arthur.

— Não, mas que é irado meu celular, isso é!
— Eu acabei rindo disso.

Ela era apaixonada por Arthur, se tornou amiga e vivia falando dele.

— Posso tomar banho de piscina na casa dele? — pediu.

— Ele sabe disso?

— Sim. Mais tarde vem um motorista me buscar e vem me trazer.

— Vou falar com o Flávio sobre isso.

— Pergunta ao Arthur, ora, ele não morde — justificou por ele, chateada, mas não respondi.

PERIGOSAS ACHERON



Ele estava lindo na TV, bem vestido, totalmente de negro, a moça fazia as perguntas e ele respondia em seu português precário.

Os olhos eram frios e observadores, o homem mais lindo que já vi na vida.

— Como foi superar a morte da Rachel? O mundo chorou sua perda — a repórter muito bonita perguntou.

Percebi que ele não ficou confortável com a pergunta.

— Foi duro, triste, ainda não me recuperei — respondeu. — Acho que nunca vou me recuperar.

Sim, ele nunca se recuperaria, nunca amaria de novo, só precisava de uma amante para despejar suas frustrações.

Meu coração chorou.

— Mas encontrou uma nova musa para seu livro, e como foi isso? — perguntou ela, claramente querendo saber quem era a mulher que o havia inspirado.

— Alguém especial que me fez ver que a Rachel não ficaria feliz com meu isolamento, que a vida é muito importante e que tem gente com mais problemas que eu lá fora.

Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— O filme. Fale do filme.

— Vai ser gravado na Grécia, e algumas partes aqui em São Paulo, ainda não sabemos. O roteiro está ficando legal — sorriu, explicando. — Estou bastante empolgado.

— A renda do filme vai para a construção de um hospital em *Kato*?

— Sim, e a venda do livro também.

— Parabéns! Que coisa mais linda!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada. Aquele povo merece, queria poder fazer mais.

— Está com alguém? Namorando, ficando?

Os dois riram da pergunta, ele estava sendo bastante charmoso.

— Digamos que estou vivendo — falou, enigmático.

Desliguei a TV e me encolhi no sofá. A Cibeles já tinha ido para a casa dele, o silêncio me deixava agoniada, porque minha mente trabalhava a todo vapor.

Por que o Brasil? Por que ele havia ido para lá e por que me queria em sua cama?

O que quis dizer com “*Estou vivendo*”?

Suspirei. Iria ler o livro para entender o que se passava e o que ele aprendeu comigo, por que fui sua inspiração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia chegado a hora de abrir a caixa de Pandora e pedir a Deus que nada mudasse minha visão sobre ele, pois na sua vida não tinha lugar para o amor e na minha não existia lugar para receber migalhas.



— Desculpa, Íris, mas você tem como vir buscar a Cibele? — Dona Júlia ligou pedindo. — O carro quebrou e o outro saiu com senhor Marlus.

— Tudo bem, estou indo.

Sabia que esse passeio ia acabar me dando trabalho.

Pus o livro na mesa de cabeceira e peguei a chave do carro.

A viagem foi relativamente rápida, cheguei à portaria e me apresentei, minha passagem foi autorizada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cibele se encontrava na área da piscina, torci que Arthur não aparecesse, mas percebi a armadilha quando o vi ao lado da minha irmã.

— Boa noite, Íris.

Seu olhar era intenso.

— Boa noite. Vamos, Cibele? — Não fixei nele.

— Vamos. Vou buscar minha mochila. — Ela olhava de mim para ele como se esperasse alguma coisa de nós.

— Aguardo você aqui.

A menina saiu e ele se aproximou.

— Me bloqueou? — perguntou ela, já diante de mim.

— Acho que não temos nenhum assunto a falar.

— Se engana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mirei seus olhos de um azul tempestuoso.

— Janta comigo? — convidou ele.

— Não, obrigada.

— Preciso falar com você um assunto sério.

Não conseguia imaginar o que seria.

— Qual assunto? Pode falar agora.

— Não, precisamos de privacidade.

— Arthur...

— Não, um jantar amanhã às sete.

Me calou, tocando meus lábios.

— Ainda sinto seu cheiro e o sabor do seu orgasmo na minha língua — disse com olhar quente. — Estou ficando obcecado.

— Acho melhor não ficarmos perto ou jantarmos juntos. — Tentei me afastar. — Não faz bem para nenhum de nós dois.

— Eu quero você.

PERIGOSAS ACHERON

Sua boca tocou a minha de leve, e sua mão rodeou minha cintura, me encostando à pilastra. Ele se roçava em mim, mostrando o quanto estava excitado.

— **MINHA, MINHA! QUERO MUITO VOCÊ. TODA MINHA.**

— Íris?

Cibele apareceu e nos separamos, quebrando o momento. Segurei na mão dela, que acenou para ele e saímos de lá como se enxames de abelha me perseguissem.

— Ele beijou você? — questionou ela já no carro.

— Não — menti.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Estava nervosa, os beijos do Arthur mexiam comigo. Não consegui dormir e no momento nem trabalhar direito.

Olhava as planilhas e nada casava com nada ali na tela.

Foi complicado mexer no computador no começo, mas depois de alguns cursos intensivos me virava bem. O português ainda era complicado, porque todas as palavras tinham diversos significados, mas me virava, a comunicação para mim era tranquila.

Mas estava tudo confuso, não conseguia me concentrar.

Queria ser mais resistente ao Arthur, queria exigir que sumisse de minha vida, mas as palavras do livro dele me tocaram.

“Ela era como uma luz, brilhante e intocável, a sujaria com minhas mãos.”

Chorei lendo suas descrições do nosso primeiro encontro, como ele me via com minha beleza simples e forte. Ainda não havia conseguido terminar a leitura, era doloroso ver meu mundo pelos olhos de alguém, parecia uma mulher sem futuro, feita para trabalho e mais nada.

Chorei, mas me vi em suas palavras. Não eram cruéis, era real. Aquela era Íris, menina que não teve juventude, aprendeu a cuidar dos problemas e aprendeu com a dureza como ser adulta.

A visão de Arthur sobre si mesmo era dolorosa. Não era um livro sobre amor, era um

livro sobre dores e perdas.

Senti-me sufocar em minha sala, peguei a bolsa e saí sem olhar para Isabel. Precisava de ar, de tempo.

Caminhei para fora do prédio e andei sem rumo por alguns minutos.

Minha vida parecia sem brilho aos olhos daquele livro e foi isso mesmo que aconteceu, era isso mesmo que era minha vida, sem graça ou cor.

Então, o que ele queria? Por que ele me queria? Onde a minha beleza sem graça o chamou atenção a ponto de me desejar?

Por que ele escreveu a droga daquele livro?



Cheguei ao restaurante já tarde, e depois de pensar muito resolvi parecer para o jantar com ele. Tinha perguntas que precisavam de respostas, e

PERIGOSAS ACHERON

depois deste momento sairia de vez de sua vida, dessa vez para sempre.

Escolhi um vestido de corte simples e na cor preta, com salto alto e maquiagem leve. Me apresentei ao maitre, que me levou até ele.

O seu olhar foi de admiração, fazendo meu coração saltar no peito.

Vestido totalmente de azul, o que deixava seus olhos em evidência, nos cumprimentamos em grego e um leve beijo dado no canto dos meus lábios.

— Kalinýchta! — Ele deu boa-noite em grego.

Respondi também em grego e começamos a conversar em nossa língua.

Pedimos vinho, mas estava sem graça por estar com ele naquela situação. Parecia errado.

— Diga o que deseja me falar — pedi quando

PERIGOSAS ACHERON

o garçom se afastou.

— Por que a pressa? — perguntou, focando em minha boca. — Está linda.

— Obrigada.

— Fico admirado em como mudou, mas quero dizer para melhor. — Sorriu. — Parece alguém diferente, mas sei que é a mesma da ilha, e ela se encontra aí dentro.

— Você quer dizer a da beleza sem graça? — questionei, o fazendo levantar a sobrancelha

— Então resolveu ler o livro? — respondeu com outra pergunta.

— Sim, resolvi, e quero saber, por que o escreveu?

Pus a taça na mesa e o encarei.

— Porque precisava. — Deu de ombros. — Escrever sempre foi minha vida, mas depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo que aconteceu não conseguia mais, entretanto, Íris, você me trouxe a vontade de volta.

— Você deveria me perguntar se eu queria a minha vida naquele livro — falei, rangendo os dentes. — Não te dei o direito.

— Vai me processar?

Era um cínico.

— Arthur Marlus? Posso pegar seu autógrafo — um adolescente nos interrompeu com um livro na mão.

— Ah, sim, lógico. — Com um sorriso forçado tabulou uma conversa com o garoto e autografou o livro.

Percebi que não gostou de ser interrompido, pois ele odiava perder o controle das coisas.

— Onde estávamos? — perguntou assim que o rapaz se afastou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— No processo que vou mover contra você — falei por entre os dentes. — Não quero meu nome envolvido com o seu.

Seus olhos me fitaram, magoados.

— Por quê? A magoei tanto assim?

O garçom voltou com nossos pedidos, me salvando de responder sua pergunta.



Terminamos o jantar depois de várias interrupções de pessoas querendo falar com ele, me mantive discreta e distante para não chamar atenção para mim.

— Vamos embora — falou, chateado.

— Estou de carro.

Não disse nada. Segurando minha mão ele seguiu para o saguão por uma porta à direita do restaurante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está me levando para onde? — Tentei acompanhá-lo com meus saltos.

— Um lugar onde podemos conversar com calma. — Foi sua resposta, entrando no elevador lotado.

Não tive escolha, não faria uma cena ali.

Fomos os últimos a sair e já estávamos dentro de um quarto espaçoso, era a cobertura.

Olhei para frente, parecia um daqueles de filmes em *Las Vegas*.

Virei para questionar porque estávamos ali, mas já era tarde, meu corpo foi segurado e sua boca tomou a minha.

Caímos no sofá, ele por cima, sua boca não me deixava pensar, era quente, dominante.

Meu vestido virou farrapo em suas mãos, minha calcinha seguiu o mesmo caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Belíssima. Sonhei muito com essa visão.
— Seus olhos pareciam duas lagoas de luxúria.

Não tinha volta. Daria minha virgindade a ele como sempre esteve predestinado.

Arthur segurou meus seios e levou aos lábios, minha cabeça foi para trás com o impacto do prazer.

— Saborosa....

Chupou e eu prendia minhas pernas uma na outra, com uma necessidade gritante e sem nome para mim.

— Abra!

Solicitou com voz potente e eu cedi ao seu comando, abrindo as pernas. Ele sondou com os dedos minha entrada, depois com sua língua, subiu e desceu por meu ventre.

— Arthur...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma, amor, vamos chegar lá — pediu, levantando para tirar sua roupa.

Já nu e glorioso, segurou seu mastro rosado e belo, que era a visão do Apolo, o deus da beleza.

— Paíze me — pedi para me tocar.

— Minha Theá. — Era sua deusa.

Abrir as pernas e ele ajoelhou entre elas, beijando minha vagina úmida e lambendo meu clitóris.

Levantou novamente e me levou para a cama.

Sua boca continuava a beijar a minha, sua língua fazia festa com a minha, estava a mercê daquele homem, e o prazer e a intensidade eram muito grande.

Abrindo minha boceta ele pincelou com seu pênis e invadiu. A dor cortou meu corpo, retesei e gemi.

PERIGOSAS ACHERON

— Íris?

— Não para...

— Não quero te machucar...

— Não para...

Voltou a entrar e sair novamente, a dor foi amenizando e uma sensação boa veio.

— Desculpa...

Pedi, gemendo alto, e ele gozou dentro de mim.

Capítulo 26

Arthur levantou e foi até janela. Parecia arrasado, desconcertado, perdido. Me enrolei no lençol para esconder a vergonha que sentia.

— Virgem? — perguntou sem me olhar. — E Arion?

— Meu amigo.

Enrolada no lençol e dolorida, levantei para me vestir, não precisava de mais humilhações no meu currículo.

— Eu...

Voltou-se e veio para perto de mim.

Apesar de todos os sentimentos que estava nutrindo naquele momento, não podia negar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beleza daquela espécie masculina.

— Não precisa se desculpar, eu fiz consciente
— argumentei, vestindo a calcinha.

— Não vou me desculpar. Não sinto culpa em ser seu primeiro, sou privilegiado, mas posso ter engravidado você, te machuquei, fui bruto.

Passou a mão no cabelo, desconcertado.

— Devia ter me dito.

Era um imbecil mesmo.

— DITO TIPO: OLHA, PODE CHUPAR, MAS TENHO 26 ANOS E SOU VIRGEM? — falei, insolente e com raiva. — RIDÍCULO! OU VOCÊ QUERIA UM ADESIVO NA TESTA?

Realmente transamos sem camisinha, e eu não tomava remédio para evitar, o que poderia a ser uma futura gravidez.

Tremi com a ideia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Íris...

— VOU PEDIR PARA VOCÊ FICAR
LONGE DE MIM!

Gritei, nervosa, e ele veio para me segurar,
mas com um safanão o joguei para longe.

— Não toca em mim. Não me procura mais.
— Levantei o dedo para ele com raiva.

Ele parecia perdido e vi lágrimas em seus
olhos.

Mas minha raiva era fogueira queimando
minhas entranhas.

— Tudo que toco é destruído — ele disse
com voz fraca.

— Concordo!

Foi como um tapa. O corpo dele ficou tenso e
estático, me olhando ainda nu.

— Você destrói tudo, então fica longe de

PERIGOSAS ACHERON

mim, da minha família.

— Pode estar grávida agora! — argumentou, tenso.

— Deus não faria isso comigo!

Juntei meus pertences e deixei o local.

Não vi quando seu corpo dobrou-se, ajoelhado, e seus gritos de dor, desespero.

Assim que entrei no meu carro, deixei as lágrimas me tomarem. Bati no volante, gritei, chorei, estava com raiva, muita raiva.

Uma semana depois.

— Você parece um zumbi.

Cibele falou, me olhando de lado.

Há uma semana me escondendo em meu apartamento, não saía, não me alimentava direito e

evitada tudo e todos.

A empresa se encontrava aos cuidados de Isabel, aleguei virose e me tranquei na dor e vergonha.

Sonhei com a noite que perdia minha virgindade, com o dia que isso aconteceria, mas não imaginei que tudo seria tão doloroso e vergonhoso.

O olhar de culpa dele por ter me tocado me assombrava, e ainda existia a possibilidade de uma gravidez.

Queria morrer.

Por que amar doía tanto, por que não podia ser simples?

— Vai almoçar? — perguntei, mudando de conversa.

— Estou sem fome — falou, me olhando de lado. — Vai trabalhar hoje?

— Não.

— O que está acontecendo, Íris? Nunca vi você tão triste.

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Vou ficar bem. — Ajoelhei a sua frente, ela não tinha nada a ver com meus problemas, era só uma criança. — Fica tranquila!

Beijei sua testa.

— Arthur também está doente — ela falou e me encolhi com a menção do seu nome. — Flávio atendeu minha ligação e disse que ele não podia falar porque estava doente.

No mínimo era mentira. Flávio me ligava, insistindo, mas não queria falar, não queria saber.

Ele alegava que Arthur havia quebrado o quarto de hotel e não queria ouvir ou falar com ninguém. Pelo que sei, voltou para a Grécia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Que fosse para o inferno!

— Hum... vá tomar banho.

— Certo.

Sorriu e saiu da sala.

Precisava apagar aquela noite da minha memória.



Chorei feito bebê quando a minha menstruação desceu. Pelo menos esse peso saiu das minhas costas inconsequentes.

Mas também chorei de tristeza. Era confuso, mas, no fundo, queria um filho seu. Era uma imbecil, debilmente.

Ainda lembrava do seu número, mandei mensagem e depois apaguei, o bloqueando novamente.

PERIGOSAS ACHERON

**minha menstruação desceu, pode dormir tranquilo.*

Fechei o ciclo.

Joguei o celular na cama e fui vestir uma roupa.

O telefone tocou insistentemente e voltei para atender.

— Alô!

— Eu queria o bebê.

— Arthur? — Era ele ligando de um número novo. — O que você deseja me atormentando?

— Nada. Só estava esperando para saber sobre nosso filho — falou com voz cansada. — Vou te deixar em paz, Íris.

Fiquei muda com sua afirmação.

— Não mereço você, não mereço nada. Fica tranquila.

PERIGOSAS NACIONAIS

O barulho do telefone mudo me deixou mais triste. Ele havia desistido. Não era isso que eu queria? Que ele desistisse e ficasse longe?

Nunca foi para ser.

Me joguei na cama chorando, segurando o celular em meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Um mês depois...

Resolvi ir à cozinha depois de convidar os funcionários para o almoço. Até a Lara estava presente.

A alegria tomou conta da minha casa, pus música da minha terra para tocar, a turma toda dançava e bebia.

Alegria, alegria, era isso. Matar a saudade da minha cultura.

Lara cantou algumas canções, dançou e todos aplaudiam. Eu dancei junto com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz salada grega como entrada, Souvlaki para o almoço e de sobremesa baklava.

Comprei nossa destilada chamada OUZU para servir como bebida.

Acho que todos já estavam altos, cantando, felizes, Cibeles ria sem parar.

— Delicioso, minha Íris — gritou feliz, Lara.

— Quero morar na Grécia! — Isabel disse, também feliz, abraçando o Eduardo. — Arrumar um grego quente!

Todos riram dela.

A campainha tocou e deixei Cibeles atender.

Continuamos a conversar. Fiquei dias sem aparecer no trabalho e todas aquelas pessoas tomaram conta de mim, ninguém tocou no assunto quando eu voltei, mas elas sabiam que alguma coisa havia acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como prometido, Arthur não voltou a me procurar. Eu sabia que tinha voltado para o Brasil, apesar de não termos nos falado mais.

Isso era bom, não era? Tentava o tempo todo me convencer.

— Uma festa e não fui convidado? — Flávio reclamou, entrando em minha sala. — Grega, ainda?

Falou ao ouvir a música.

— Flávio? — Isabel gritou, já alta. — Agora a festa ficou ótima.

Ele olhou para ela e deu um sorriso sacana. Piscou e me abraçou em seguida.

— Como vai? — Beijou meu rosto.

— Bem — respondi. — Não sabia que já tinha voltado.

Ele me disse que estava nos Estados Unidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cheguei ontem à noite, mas volto semana que vem. Vamos lançar o livro por lá também.

Assenti sem perguntar mais nada.

— Ele sofre — disse ele, olhando em meus olhos. — Voltou a não dormir direito e quase não se alimenta.

— Flávio...

— Eu sei que alguma coisa aconteceu com vocês — me interrompeu ele, me calando. — Em seus olhos vejo a mesma dor que nos olhos dele.

— Deixa pra lá, vai passar — pedi, virando o rosto.

— Venha, Flávio, vamos beber OUZU — Eduardo ofereceu. — Matar a saudade de sua terra.

— Não sou grego, sou americano. — Ele riu e pegou o copo, virando-o na boca. — Apesar de morar há muitos anos em Atenas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sêrio? Jurava que era grego — Isabel falou, olhando para ele.

— Não, fui morar com minha irmã na Grécia e gostei do país.

— Ah, sim. — Ela tomou sua bebida.

— Parabéns, Lara — disse Flávio, suspendendo seu copo num brinde a ela. — Fiquei feliz com a escolha do seu nome.

Olhei os dois e não entendi nada. Lara ficou vermelha e suspendeu seu copo, aceitando o brinde.

— Estou com fome — Flávio lembrou, pondo a mão na barriga.

Fiz um prato para ele, que logo se enturmou com o resto das pessoas. Faltava a Niza, mas ela não pôde comparecer. Sua filha estava com catapora.



PERIGOSAS ACHERON

— Linda! — João estava boquiaberto ao me ver.

Há dias que ele tentava me convidar para jantar, mas sempre negava, até que Lara disse que estava na hora de me abrir para novas possibilidades ou sair dos marasmos que entrei por conta do Arthur.

Ela tinha razão.

— Obrigada, seu bobo. — Olhei alegre para ele.

Estava vestida numa calça preta jeans meio rasgada e blusa solta social, com um casaco por cima e saltos. Como dizia Cibeles: bem chique e casual.

Entramos no seu carro e pegando a avenida, conversamos sobre livros teatro, música...

João era sempre excelente companhia.

O restaurante era no centro e o achei de
PERIGOSAS ACHERON

muito bom gosto, com música de fundo suave e servia excelentes frutos do mar.

Depois de uma taça de vinho nosso prato chegou, estava me sentindo solta e animada.

Esquecendo um pouco as dores da minha alma.

— A peça vai estreiar no sábado que vem — falou ele de um espetáculo que queria me levar. — Vamos?

Sorri, mas acabei apagando do rosto e ele seguiu meu olhar.

Arthur entrou no restaurante com a Lídia a tira colo. Pareciam íntimos e ela baixou para dizer algo em seu ouvido, e ele deu um sorriso sem humor, mas prestou atenção no que ela falava.

Seu olhar levantou, chocando-se com o meu, que desviei.

— Tudo bem? — João perguntou. — Não é o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur Marlus?

— Sim.

Falei seca e ele não insistiu.

Tentei de todas as formas voltar à conversa, mas minha mente e olhar insistiam em ir a mesa do Arthur, que também não escondia que me encarava.

Lídia seguiu o olhar dele e seu olhar traduzia raiva ao me ver.

Baixei o olhar e sorri para João, que tagarelava, alheio a situação.

— Vamos? — pedi a seguir.

— Ah, sim, vamos. Tem um barzinho aqui perto — disse, animado, mas eu não tinha nenhuma animação para continuar a noite. — Lá servem bebidas gregas.

— Ok. — Tentei ser simpática, pois ele não merecia meu descaso por conta de alguém que não

PERIGOSAS ACHERON

devia ser nada para mim.

Pagamos a conta, ele puxou minha cadeira, agradei e levantei, tocando em seu braço. Deixamos o local sob o olhar mortal de Arthur e sua acompanhante.



O resto da noite foi um fiasco. Nada me deixava feliz, então resolvi pedir para voltar para casa. O olhar magoado do João quando tentou me beijar e eu me afastei, me deixou arrasada.

O que estava fazendo? Não era justo comigo e nem com ele, não devia alimentar um sentimento que não pretendia corresponder daquele jeito.

Era maldade e eu não era assim.

— Perdão, João. — falei com voz baixa.

— Tudo bem. Já deveria ter percebido que não nutria sentimentos por mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto muito.

Deixei seu carro e subi para meu andar, meu corpo estava pesado, parecia que carregava o peso do mundo.

Assim que a lâmpada do meu andar acendeu, tomei um susto. Arthur estava sentando em minha porta de cabeça baixa.

— Arthur?

Olhou em minha direção e convulsionou em lágrimas.

— O que aconteceu?

— Não consigo, porra. Não consigo!

Segurou a cabeça, como se atormentado e não parava de dizer isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Ver um homem se arrebentar assim era estranho e ao mesmo tempo de partir a alma.

Ali estava Arthur, sentando no chão da porta da minha casa, despido de orgulho, de arrogância, apenas um mero mortal.

Com sofrimento, dores na alma, o coração em pedaços.

— Eu queria, mas não posso — dizia por entre as lágrimas.

Ajoelhei-me ao seu lado e sentei.

— Eu precisava sair de *Kato*. Era isso ou a morte para mim e meus irmãos. — Abri meu coração. — Não foi fácil, foram dias de viagem,

deixando tudo que conhecia e me acolhia para trás, sem saber o que o destino me reservava.

Sua mão veio e segurou a minha, a cabeça continuou virada para frente.

Mas aquela mão queria dizer que me ouvia e estava ali comigo.

— Não sabia português, não sabia viver além da *Kato*, da Grécia, chorei por noites, chorei porque meu irmão preferiu a Suíça a viver comigo, levei uma semana chorando e Cibele só me olhava e beijava meu rosto.

As meninas da casa iam e vinham sempre com carinho e atenção, não entendia nada do que diziam, mas entendia que era zelo.

— Pensei que você tinha entrado para o grupo dele. — Sua voz era falha. — Senti tanto medo de ter feito isso com você.

— Não, eu queria minha primeira vez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contigo, estava apaixonada, e precisava partir. Poderia morrer no caminho e queria lembranças para levar.

Contei, o calando.

— Nunca fui de ninguém. Arion é como meu irmão, nunca me forçaria a nada.

— Por quê? — Não entendia sua pergunta.

— Por que o quê?

— Por que eu? Nunca fui bom para você, te humilhei, maltratei...

— No dia que alguém souber como funciona o amor, com certeza terei essa resposta. — Ri e ele acompanhou, abrandando a dor em seu rosto. — Nunca vi nada além daquela ilha.

— Entendo.

— Foram dias difíceis, mas em uma manhã acordei e pedi para aprender o português e passei a

PERIGOSAS ACHERON

limpar a casa, a trabalhar, tinha que parar de chorar e voltar a viver. Aquilo era tudo o que eu tinha no momento, então seria feliz.

— Você é sempre admirável, sabe lidar com as dores — falou, me olhando de lado. — Tenho pesadelos.

— Não consegue dormir?

— Hoje bem menos eles vêm, mas nem os psicólogos conseguem me ajudar e esquecer — contou com voz embargada. — Ainda vejo a cena nítida em minha mente.

— Sinto muito — falei o que sentia.

— Foi horrível. Ele a perfurou e tirou o bebê de seu ventre com ela ainda viva.

Arrepiei ao ouvir. Que cena terrível, que maldade.

— Minha Cibele. Seria assim que a chamaríamos. — Ele segurou o rosto em desespero.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Passamos dias procurando, era tudo como o cenário do livro. Eu escrevi e não percebi até encontrá-la, que foi feito tudo igual.

Senti sua dor, senti sua culpa, segurei seus braços e chorei.

— Eu a matei.

— Não, você não matou, não foi sua culpa.

— Ele avisou diversas vezes em cartas deixadas em meu escritório. Vivia me rondando e não dei importância. Era obcecado, se dizia apaixonado por minhas obras, criei um monstro.

— Não, Arthur...

— Sim. Ele pegou meu bem mais precioso, torturou e matou. — Arthur dobrou-se ao meio como se não aguentasse o peso da dor. — Eu matei minha família.

Segurei seu corpo perto do meu e o embalei em meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Não sei quanto tempo ficamos nesta posição.



Consegui levar o Arthur para dentro e o pôr para dormir na minha cama. Fiquei olhando aquele homem enorme, quase com os pés para fora dela, se encolhendo e agarrando o travesseiro como se tivesse pedindo proteção.

Sua história era triste e eu entendia sua dor.

Não queria imaginar passar por algo assim, com certeza racharia e jamais encontraria meus pedaços novamente.

Suspirei e fui tomar banho.

Aproveitei o chuveiro para desabafar, deixando as lágrimas correrem soltas.

Chorei por minha fraqueza, chorei por um homem que deixava claro que nunca iria me amar, pela dor dele, por minhas perdas ao longo da vida,

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas páginas de nossas vidas que foram arrancadas, não nos dando o direito de escolher.

Voltei ao quarto e ele continuava na mesma posição.

Segui para o outro quarto, Cibeles e a amiga estavam dormindo com a TV ligada, então a desliguei, beijando seu rosto e voltando ainda enrolada na toalha.

Abri a porta e Arthur me encarou com aqueles olhos azuis enigmáticos.

— Oi — falei sem graça, indo à gaveta pegar uma calcinha.

— Quando te conheci os pesadelos cessaram por um tempo. — Estremeci com sua afirmação e não me virei, continuei procurando a calcinha na gaveta. — Sentia uma vontade insana de ter você.

— Acho que você deveria descansar — argumentei para mudar de assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vivia entre trevas e luz, queria você e não podia ter, odiava o Flávio te rondando e o Arion perto de você — continuou ele. — Sinto um ciúme insano quando vejo outro homem ao seu lado.

— Arthur...

— Prometi ficar longe, fui ao inferno durante esses dias, mas ver aquele imbecil ao seu lado me deixou irado, com raiva de mim. — Arthur levantou. — Ele tocava no que era meu.

— Não sou sua! — falei com voz baixa.

— Meu coração não entende isso, Íris. Ele acha que você é dele.

Como um tigre, deu um bote, me pegando e levando para a cama.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

A toalha foi ao chão e suas mãos estavam em todas as partes do meu corpo. Recebi sua língua na minha, seu corpo quente tocando o meu.

Deitada e nua sob seu olhar, apreciei meu corpo enquanto tirava sua roupa, uma cena que guardaria para sempre. Era a espécie masculina mais linda, magro com todo corpo definindo, parecia aqueles modelos de capas de revistas.

— Prometo que hoje não terá dor, só prazer.

Prometeu, me olhando com luxúria.

— Linda. Parece uma obra de arte — falava enquanto tirava sua cueca.

Seu pau estava duro, alisou a ponta e gemeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quase tive um orgasmo com essa visão.

Não me escondi dele ou senti vergonha, queria aquilo, queria que em meus braços chorasse sua dor, queria que fosse eu a aplacar sua tristeza e meu prazer, o fazer esquecer todos os problemas.

Ele subiu na cama e prendeu meus braços acima da minha cabeça e desceu sua boca na minha. Abri as pernas para acomodá-lo.

Lentamente beijava e chupava meus lábios, roçando seu corpo no meu lentamente.

Já estava molhada, latejando, em chamas.

Eram torturantes aqueles beijos.

Descendo levemente, foi aos meus seios, soprou e chupou em seguida. Arqueei o corpo com o prazer que senti.

Sua mão descia e subia por entre meu ventre, e sua boca não parava de torturar meus seios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur....

— Sim, diga para mim o que deseja.

Gemi e não sabia dizer o que queria, não tinha experiência, mas era bom e queria mais.

Desceu a boca e abriu minhas pernas, levando a língua ao meu centro e eu gritei, excitada.

— Calma! — pediu e voltou a lambar.

Lambia, chupava, soprava...

Estava ensandecida de tão excitada.

Devia ser essa sensação descrita nos livros.

Seu dedo foi para dentro de mim junto com sua língua e não suportei, rompi em um orgasmo delirante.

Joguei meu corpo para trás e segurei sua cabeça entre minhas pernas.

Parecia que estava rasgando ao meio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas era uma dor boa.

Seu pau entrou em mim antes que eu me recuperasse, dessa vez de camisinha, minhas mãos ficaram suspensas acima da minha cabeça, seguras pelas suas enquanto batia dentro e fora.

Gemia, recebia, pedia, e ele não parava de entrar em mim.

Sua respiração e gemidos eram animais, estava muito excitado, abriu mais minhas pernas e desceu uma mão entre nós, fazendo carinho no meu clitóris.

— Ah, ah... Deus... ahhhhhhhhhhh!

Sua boca tapou meus gritos.

Estava no limite.

— Íris..

— Eu...

Não terminei a frase, pois fui empurrada para

PERIGOSAS ACHERON

um novo orgasmo.

E ele me seguiu, gemendo e batendo dentro e fora com força.

Nossos corpos estavam suados, mas ele não me largou desta vez.

Virou e me levou com ele, fazendo carinho nas minhas costas e beijando minha têmpora.

— Obrigado — agradeceu.

— Pelo quê?

— Por me trazer de volta.

Sorri discretamente, feliz. Pelo menos por enquanto, me sentia feliz.

Capítulo 30

Olhei as flores sobre minha mesa e murmurei, feliz:

— Lindas! — Levei até o nariz e as cheirei.

Nunca tinha recebido flores antes.

A sensação era boa.

Li o cartão novamente, coisa que já havia feito umas dez vezes desde que tinha chegado.

Não consigo parar de pensar em você! Ass: Arthur.

Parecia sonho.

Meu corpo ainda sentia o amor que fizemos na noite anterior. Foram três vezes até ele precisar

PERIGOSAS NACIONAIS

sair. Não queria que Cibele o visse dormindo lá.

Arthur amou todo meu corpo com boca e palavras.

Era um amante incrível e apaixonado.

Não sei o que viria, mas desejava sentir tudo novamente.

Logo quando cheguei ao escritório, as flores chegaram, entregues por uma floricultura conceituada.

A prova que ele também sentiu nossa conexão.

Que foi tudo real.

— Hummm!

— O que foi, Isabel?

— Flores logo cedo, cara de quem dormiu pouco, mas brincou muito de pega-pega.

Gargalhou alto e eu a segui. Estava flutuante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de felicidade.

Nada foi prometido, mas como uma romântica sonhava que tudo poderia ficar bem no fim.

— O que foi? — Niza entrou.

— Acho que teve alguém que transou ontem à noite — Isabel contou, rindo, e apontou para mim.

— Meu Deus, que maravilha!

— Niza!

— Já era sem tempo, né, amiga? Você precisa soltar o periquito de vez em quando.

Elas eram o máximo, acabamos rindo muito.

— Vamos trabalhar que é melhor!

As duas saíram rindo e eu olhei novamente para as flores imaginando se não estaria me iludindo.

PERIGOSAS ACHERON



Já passava das cinco quando o Arthur entrou no meu escritório, totalmente vestido, à vontade, de bermuda e camisa esporte e óculos escuros.

Era uma visão e tanto.

— Tempo para um café? — perguntou assim que entrou.

— Acho que sim. — Faria qualquer negócio para ficar um pouco com ele.

Levantei buscando minha bolsa e o segui para fora.

— Até amanhã, Isabel.

— Até! Benza Deus! — Fez um gesto em direção ao Arthur, que se encontrava de costas para ela. — Delícia!

Ri discretamente, balançando a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que chegamos ao elevador, encontramos o João e percebi que minha mão estava segurando a de Arthur, a qual tentei soltar, mas o mesmo não deixou, segurando-a firme.

— João? — cumprimentei e ele saiu do elevador, olhando para nossas mãos.

— Oi — disse.

Entramos e Arthur beijou meus lábios.

Sabia que era para marcar território por conta do outro dia, para mostrar que ele estava no páreo.

Bobagem de sua parte. Nunca existiu outro para substituí-lo, mas jamais diria isso.

O deixei achar o que quisesse.

— Urinou no poste — resmunguei.

— Nós homens precisamos disso, é nossa linguagem — argumentou, arrogante.

— E nós mulheres odiamos isso! — falei

PERIGOSAS ACHERON

com deboche.

Deu de ombros e me abraçou.



— Quando voltará para a Grécia? —
perguntou, mexendo seu café.

Escolhemos uma discreta cafeteria no centro.

— Não posso.

— Paguei a dívida do seu irmão — contou
calmamente.

— Como?

— Isso. Paguei a dívida do seu irmão e o
traficante foi morto há seis meses por rivais.

Meus olhos ficaram enormes.

— Como você sabia?

— Tenho meus meios. O que não entendo é
porque seu amigo não contou ou pagou a dívida. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele cruzou as mãos na frente do rosto. — Arion deseja o que com você?

— Ele é meu amigo, minha dívida não tem nada a ver com isso — defendi.

— Dívida do seu irmão — corrigiu minhas palavras. — Se tivesse me pedido ajuda...

— Você nem quis falar comigo, me colocou para fora de sua casa e de sua vida — murmurei, o cortando. — Nunca tive motivo para achar que me ajudaria.

— Eu sei. Perdão por minhas atitudes!

Segurou minha mão sobre a mesa e a levou aos lábios.

— Vou me redimir e cuidar de você.

Antes que conseguisse responder, o telefone dele tocou.

— Oi — atendeu e ficou ouvido alguém do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro lado da linha. — Não me importa como vai fazer, resolva!

O Arthur frio se mostrava.

— Você sabe que pago bem e pago para que isso aconteça, não quero o nome dela envolvido. — Voltou a se calar, ouvindo. — Resolva! Eu sei o que eu fiz!

Desligou.

— Imbecil! — resmungou.

— O que foi?

— Alguém descobriu sobre você!

Senti meu coração gelar.

— Precisamos ficar à frente dos repórteres, não diga nada antes de minha assessora de imprensa soltar uma nota — avisou.

— Dizer o quê? O que poderia dizer a eles?
— Nem sei o que estava rolando entre a gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Melhor, não diga nada. Deixe claro que não tem nada a declarar — pontuou. — Vou proteger você, minha Íris.

Ele levantou sobre a mesa e beijou de leve meus lábios.

— Vou dormir em sua casa.

— Já pediu a dona?

— Acho que ela vai permitir, se contar o tanto de orgasmos que pretendo dar a ela.

Piscou descaradamente.

Como resistir?



Sua boca se encontrava no centro das minhas pernas, seus dedos também.

Arthur chegou à meia-noite de blusa de capuz, totalmente discreto, me encontrava ansiosa e

PERIGOSAS ACHERON

de camisola, esperando.

Cibele já estava na cama.

— Gostosa....

Abri mais as pernas para ele.

— Arthur...

Chupou e lambeu.

Alisou meus seios.

— De costas...

Atendi sua ordem e fiquei de quatro na cama, parecia uma posição estranha, mas já havia visto em filmes e achei sexy quando ele abriu minha bunda e introduziu um dedo na minha vagina.

Gemi, segurando firme na cama.

Seu pau entrou por trás e um tapa ardeu nas minhas carnes. Era uma junção diferente, porque foi uma dor boa.

Rebolei e seu pau entrou todo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou te ensinar tudo, Íris... — gemia, segurando meu quadril enquanto entrava e saía. — Vou te dar todo prazer possível... **MINHA, MINHA...**

— Arthur...

— Gostosa... Delícia...

Gozei e ele me seguiu, caindo sobre minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Não suportava mais tantas ligações de repórteres querendo saber se eu era a musa do livro do Arthur Marlus.

Como ele e Flávio, que era o assessor dele de imprensa, pediram, vinha me negando a falar sobre o assunto.

Mas já havia saído em revistas e jornais, fotos nossas no restaurante e dele entrando em minha casa.

O que levou Cibeles a se chatear por saber disso pelos jornais. Neguei qualquer envolvimento para ela, não sabendo o que rolava entre nós dois.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha uma semana que transávamos, mas ele evitava chegar a minha casa cedo e saía de madrugada para não ser visto.

O que isso fazia de nós?

Será que estava aceitando migalhas?

Estava cheia de dúvidas, mas não me negava quando ele chegava.

Tentava me convencer que isso era só um momento, que podia lidar com isso.

Mas sabia que nunca seria a mulher de sua vida, pois ela morreu de forma trágica e Arthur nunca se recuperaria deste fato.

Olhei as flores a minha frente.

— Ele é muito romântico, manda flores todos os dias. — Suspirou Isabel.

— Verdade. — Ela tinha razão. Sempre mandava mimos, como flores e chocolates, e minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amiga romântica ficava apaixonada. — Vamos domingo à Coletividade?

— Acho que não vai dar — falou, triste. — Tenho um encontro.

A Coletividade Helênica de São Paulo era um local que eu amava participar. Danças e apresentações todos os domingos, Cibele fazia alguns cursos lá à tarde, depois da volta da escola.

Amava visitar o lugar, me lembrava de casa.

— Com? — indaguei.

— Flávio — disse, pondo a mão na boca. — Estou com medo de me envolver.

Tinha medo de minha amiga se machucar, pois apesar de tudo que já viveu, era uma romântica, sonhava com o príncipe.

— Vá com calma, ok?! — pedi e ela sabia o que estava falando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok! — Ela cruzou os dedos.

Eu era uma hipócrita. Como podia pedir calma a ela se eu mesma andava indo com pressa numa situação que não daria nada certo no final?

— Hoje temos faxina — ela falou. — Casa de Arthur Marlus.

— Hum, não tem a equipe designada para lá?
— Já tinha formado a equipe que ia a casa dele uma vez por semana. — Hoje não é o dia, é na terça.

— Ele pediu que fosse você. — Piscou. — Aqui todo o cronograma.

O que ele estava aprontando?

— Isso vai ser complicado — resmunguei.

— Diga isso para aquele homem gostoso!

— Isabel!

— O quê? Ele é muito lindo, e olha para você como se fosse um pote de doces.

PERIGOSAS ACHERON

Ri alto dela e olhei o cronograma a minha frente.



Sabia que Arthur tinha planos, não me chamaria lá se não fosse para alguma coisa séria, por isso levei só a Niza, que era discreta e jamais comentaria o que viu lá.

Entramos pelo elevador de serviço, fiz questão de me vestir com a farda da minha empresa e óculos escuros, cabelos presos, para não chamar atenção.

— Íris? — dona Júlia exclamou assim que nos apresentamos. — Hoje não é dia de faxina.

— Foi requisitada pelo chefe — esclareci, achando estranho.

Na mesma hora saiu de dentro de outra sala a Lídia e Arthur. Os dois conversavam com outras

peessoas, pareciam íntimos.

Mas Lídia destinou seu olhar maldoso a mim.
— Olha, se não é a empresa de limpeza que contratei — disse, maldosa.

Arthur virou e me viu. Seu olhar era de sem graça, mas nada disse.

— Íris, vamos? — Niza me puxou.

— Não é aquela moça do jornal? — o rapaz com uma câmara falou.

— Não, lógico que não. Arthur nunca se envolveria com uma faxineira. — respondeu Lídia, maldosa. — Aquilo foi fofoca. Ele só ajuda a garota.

Meu coração se partiu, minha alma se quebrou. Não pelas palavras da Lídia, mas pela inércia do Arthur.

Pois nada ele disse. Nenhuma palavra saiu de seus lábios e seus olhos se desviaram dos meus em
PERIGOSAS ACHERON

seu silêncio.

Levando sua amiga a se sentir vitoriosa.

Mas era isso que ela queria quando me chamou ali. A humilhação de mostrar para mim que não sou nada para ele, só um brinquedo, que se um dia for escolher alguém, seria alguém como ela.



Quebrei o contrato da minha empresa com Arthur, deixei claro para dona Julia que a partir daquele dia não seria possível prestarmos serviços a ele.

Ela concordou e me desejou boa sorte, me beijou e disse que torcia por mim.

Mas meu corpo estava entorpecido.

Ser colocada no meu lugar foi bom, mas, mesmo assim, ainda doía.



Aquela noite chorei sozinha em meu travesseiro. Arthur não ligou e nem mandou mensagem.

Mereci tudo que acontecia comigo, foi ingênua e criei expectativas em vão.

— Tudo bem, Íris? — Cibele perguntou na mesa do café.

— Estou bem. — Tentei sorrir ao levar a xícara aos lábios. — Vamos à igreja hoje?

— Sim, vou me preparar. — Passou por mim e beijou minha cabeça. — Te amo.

— Também te amo.

Meus olhos inchados não escondiam que chorei e sofria.

Vesti-me para ir à igreja. Frequentávamos sempre a igreja Metropolitana Ortodoxa, onde
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre encontrava os amigos de minha terra e matava a saudade.

E neste dia em especial precisava falar com Deus.

Tinha necessidade de sua ajuda para tirar o Arthur do meu coração, não queria sofrer mais na vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Fui à igreja e depois participei da quermesse. Queria passar o dia com a mente ocupada.

Vários doces e iogurte grego eram vendidos para ajudar os mais pobres e aqueles gregos que estavam no país precisando de ajuda.

— Íris? — Aquela voz era conhecida.

— Yannis? — Cibele que reconheceu.

— Amigo?

Fiquei chocada em encontrá-lo ali, estava bem vestido, com cabelo cortado.

Torcia a mão como se estivesse nervoso.

— Sabia que a encontraria aqui — falou com

PERIGOSAS NACIONAIS

voz falha. — Tenho meses te procurando.

— Que alegria encontrar você. Soube que saiu de nossa terra, mas não sabia que havia vindo ao Brasil — falei, feliz em vê-lo. — Feliz em saber que está bem.

— Sim. Podemos conversar? — Olhou para Cibebe.

— Sim, podemos. Cibebe, pode comprar um lanche para nós? — pedi a ela, que olhou para meu amigo, séria, e depois assentiu sem dizer nada e saiu. — Vamos sentar naquele banco?

Mostrei uns bancos à nossa frente.

Depois de sentados, esperei para saber o que ele tinha a dizer.

Parecia nervoso, meio perdido.

— Estou ilegal no país — disse por fim.

— Yannis, isso é perigoso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Consegui minha legalidade assim que cheguei, por conta de alguns amigos do Arion. Ele tinha contatos que o ajudaram, hoje posso gerir minha empresa sem problemas, mas tem muitos gregos que ainda não conseguiram,

O que os tornavam fugitivos pela justiça.

Estava temerosa por meu amigo.

— Preciso de trabalho — disse, pensativo. —
Queria ajuda.

— Por que saiu de seu lar?

Ele tinha trabalho lá e veio para um país desconhecido sem saber o que o aguardava.

— Não quero falar sobre isso. — Baixou o olhar.

— Tudo bem. — Também não queria falar sobre minha vida, não tinha direito de exigir saber da dele. — Posso te arrumar uma função comigo na empresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seria bom. Eu poderia ajudá-la no que precisar. Só necessito de um emprego.

— Tem onde ficar? — perguntei.

— Sim. Uns amigos me acolheram. — Não fiz mais perguntas, pois percebi que ele não queria falar muito sobre.

Acertamos para ele se apresentar na segunda-feira cedo.

— Você continua linda, Íris! — Sua voz era doce.

Sua mão levantou para me tocar, mas desistiu no caminho.

Perguntei-me no momento, se era o certo levá-lo para trabalhar comigo sabendo dos sentimentos que nutria por mim.

Mas como iria abandonar um amigo?

— Aceita conhecer o centro de Coletividade

PERIGOSAS ACHERON

Helênica? — o convidei. Faria bem para ele ter mais gente grega por perto. Ajudaria na saudade, assim como fez comigo.

— Sim, como funciona?

Expliquei como era o Instituto e como isso ajudava muito as pessoas que vinham da Grécia e os brasileiros para conhecer nossas origens, nossas crenças e história.

— Excelente!

— Então vamos?

— Sim, lógico, vai ser um prazer — afirmou.



****QUERO TE ENCONTRAR.***

Li a mensagem e não respondi.

Nenhum pedido de desculpas ou explicação pelo que havia acontecido.

Humilhante e opressor.

Joguei o celular na cama e levantei para me arrumar. Era domingo, dia de passear com Cibeles e meu amigo Yannis.

Materia a saudade do meu povo e tentaria esquecer os problemas com Arthur.

Nada de celular!



— Estou encantado! — Yannis gritou, dançando Sirtaki comigo. — Parece que estou na Grécia!

— Sim, também amo dançar.

Falei de volta, mudando a passo da dança.

Era uma dança popular grega, feita em grupos com os braços no ombro um do outro.

Eu amava dançar, sentia falta desses

PERIGOSAS NACIONAIS

momentos, onde se acendia fogueiras na praia e todos dançavam juntos.

Para nós, comemorar era como respirar. A vida merecia ser vivida e dançar era uma forma de gratidão.

Giramos, giramos e ríamos ao som da música.

Cibele assistia rindo.

Yannis estava feliz, radiante, o apresentei a algumas pessoas que eu conhecia e fiz alguns contatos com pessoas que desejavam o serviço da minha empresa.

O dia estava perfeito.

Almoçamos no Kouzina, restaurante que servia comida grega.

— O Brasil nos acolhe tão bem — meu amigo falou, maravilhado. — É um belo país.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas tenho saudades de casa — contei. — Às vezes sonho com os mares da Grécia.

— Nossa terra é linda, mas aqui não deixa a desejar — Cibele falou.

— Isso é verdade. Esse povo é lindo e acolhedor — concordei com ela.

Todos nós concordamos com isso e continuamos a comer.



— Senhora Íris? — O porteiro chamou assim que cheguei ao meu prédio.

— Sim.

Fui até ele.

— Esteve aqui mais cedo um senhor tentando encontrá-la — disse, olhando o Yannis, que nos acompanhava. — Deixou isso aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entregou-me uma caixa.

— Obrigada. — Já sabia de quem era. —
Valeu por me avisar.

Agradei, segurando a caixa e indo para o elevador.

Deixei para verificar mais tarde naquele dia qual a nova arte de Arthur, tendo certeza de que ele havia estado em meu apartamento pelo tanto de mensagens e ligações contidas no meu celular.

Mas pela caixa eram chocolates.

Assim que entrei em casa, olhei o aparelho e parecia que ia explodir de tantas mensagens.

Depois leria. Não estragaria meu fim de semana com Arthur.

Ele não merecia mais meu tempo.

— Sua casa é linda — disse Yannis, olhando tudo com curiosidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada. Ainda estou pagando — contei, indo beber água. — Aceita?

— Sim, também quero. — Pegou o copo que ofereci.

— Íris, vamos assistir a um filme? — Cibeles pediu, olhando para ele de lado.

Não sei, mas algo me dizia que a garota não estava feliz com sua presença.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Apaguei todas as mensagens do Arthur sem ler, e os áudios sem ouvir.

Yannis se apresentou na segunda como foi combinado, o apresentei ao grupo e coloquei com Isabel para ajudar no depósito e nas entregas dos produtos, até ele conseguir resolver sua situação e arrumar um emprego em sua área.

— Ele te olha deslumbrado — minha amiga falou.

— Não alimento isso — repliquei, bebendo meu café.

— Devia ter cuidado com isso. Homens apaixonados como ele são capazes de tudo — falou

PERIGOSAS NACIONAIS

e se calou em seguida com a chegada dele, Yannis.

— Acabei de limpar o depósito dos materiais, organizei tudo por nomes e com placas — contou, feliz. — Acho que fica bom para achar as coisas.

— Fala em português. Isabel está aqui — pedi.

— Ah, desculpa, ainda não domino a língua — justificou-se, virando para ela. — Falo pouco português.

Explicou e ela sorriu sem humor.

Percebi que a minha amiga criou animosidade com Yannis.

Mais uma vez tive a sensação de que fiz errado em levá-lo para trabalhar comigo.

Falaria com Arion, talvez pudesse me ajudar arrumando um trabalho para ele.

No meio do meu pensamento sobre o assunto,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu tormento entrou.

— Posso falar com você? — indagou, vestido todo de preto e óculos escuros.

Era a imagem do poder, do dinheiro e da fama.

Que lugar tinha eu na vida de um homem daqueles?

Yannis se aproximou de mim tocando meu braço, o olhar do Arthur seguiu sua mão.

— Posso te ajudar, Íris? — Yannis perguntou, olhando para o homem a nossa frente.

— Não, tudo bem. — Toquei a mão dele em meu braço, o acalmando. — Pode ir.

— Qualquer coisa é só chamar — disse, ainda olhando para Arthur.

Os dois retiraram-se sob o olhar investigativo do mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é ele? — Fechou o semblante. — Parece protetor em relação a você.

— Não o reconhece? O atendeu no posto de *Kato* quando bebeu e caiu na estrada — falei com desdém. — Que bobagem a minha em achar que você lembraria os pobres mortais...

— Eu sei que foi você quem me salvou aquele dia. — Ele se aproximou, tirando os óculos. Parecia abatido. — Por isso pedi para contratar você.

Não perguntaria o que havia acontecido com ele para ficar tão abatido.

— Um “obrigada” às vezes ajuda — resmunguei.

Não fazia ideia que ele sabia que fui eu, nunca contei e não fiz isso para ganhar nada em troca.

— Mas o que deseja?

PERIGOSAS ACHERON

Ela estava em pé me olhando, concentrando, queria dizer alguma coisa, mas resolveu não falar, sua postura dizia isso.

— Quero pedir desculpas pelo comportamento da Lídia no outro dia.

— Está atrasado para isso. — Sentei na cadeira. — E não me importo. Creio eu que ela não tenha mentido.

— Íris...

— Arthur, acho que você deve se retirar junto com suas desculpas. — Levantei. — Não pedi para escrever aquele livro, não quero aparecer como sua musa sei lá o quê.

— Aquelas pessoas eram repórteres e poderiam entender quem era você — Ele levantou as mãos — e tudo seria descoberto.

— VOCÊ OUVIU O QUE FALOU? — Bati na mesa, chateada. — VOCÊ ESCREVEU PERIGOSAS ACHERON

AQUELE LIVRO, EU NÃO PEDI NADA DISSO, AGORA DESEJA ME ESCONDER. PRA QUE MOSTROU AO MUNDO A PORRA DESTA HISTÓRIA?

Estava cansada desta conversa. Sabia que não era do mundo dele e constatar que ele pensava igual a certas pessoas era bastante doloroso.

— Não iria publicar, era uma coisa pessoal minha, mas Lídia achou e acabou levando para o Editor, onde terminou virando essa merda toda.

Sentei, chocada.

— Então você foi obrigado a voltar?

— Na realidade, sim. Assim que você sumiu, saí de casa à sua procura, acabei me desentendendo com o Arion, e na volta encontrei a Lídia com um manuscrito na mão.

Esclareceu ele e jogou os braços para o alto.

— Não sabia que tinha feito cópias e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mandado para o editor. — Passou a mão no cabelo.
— Então resolvi ajudar a comunidade da ilha, achando que isso faria você voltar, mas não voltou.

— Não entendo porque queria minha volta, afinal, nunca gostou de mim ou me tratou com dignidade. — Sinceramente, não conseguia entender. — Me explica, porque não consigo entender.

— Eu...

Senti em seu olhar o motivo.

Culpa. Ele sentia culpa.

— Nós não saímos da ilha por sua causa. Pode dormir tranquilo, porque não foi sua culpa. — Para mim, bastava de migalhas. — Pode ficar em paz, Arthur. Nunca vou te cobrar nada.

— Não pense assim...

— Você me ama? — perguntei só para comprar o que eu já sabia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem lugar para amor em minha vida.
— Ele baixou o olhar, pondo os óculos.

— E na minha não tem lugar para quem não vai me dar amor.

Suspirei, ganhando força.

— Seja feliz com suas escolhas, Arthur, pois a mim você não deve nada. — Mostrei a porta. — Siga seu caminho.

— Não precisa ser assim, Íris...

— Não foi escolha minha, mas você já causou destruição demais na minha vida e se tem algum respeito por mim, por favor, siga o seu caminho para longe do meu.

— Perdão!

— Perdoado. E espero do fundo do meu coração que um dia você encontre sua paz.

Arthur deu um passo à frente como se fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me tocar, mas me afastei para o fundo da sala.

— Perdão!

Pedi mais uma vez e saiu.

— Perdoado!

As lágrimas caíram, mas dessa vez era um adeus para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Um mês depois...

Saí da reunião da escola da Cibeles, na qual era determinado comparecer todo semestre para falar sobre as notas e comportamento dos alunos.

A escola era boa e muito acolhedora, ainda bem que minha irmã nunca me deu trabalho.

Sempre amiga, solícita, os professores só tinham elogios sobre ela.

Já no portão, vi uma banca de jornal e me aproximei. Tinha o hábito de ler a parte que falava sobre pedidos de faxinas, era um bom lugar para novos contatos e análise de exigência dos clientes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha que ficar de olho no mercado.

Estávamos treinando o Yannis para ajudar na limpeza de vidros de prédios e a parte de jardinagem.

Ele vinha se empenhando bem, constantemente comigo, amigável e sempre pronto a me ajudar quando precisava.

Vinha sendo um bom amigo.

Apesar de a Cibeles não gostar muito dele e Isabel dizer que era lobo em pele de cordeiro.

As duas criaram antipatia pelo rapaz e não via o porquê de tudo isso.

— Um jornal, por favor? — pedi ao jornaleiro.

Uma revista a minha frente chamou atenção.

Lara estava destacada na capa, nos braços de Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

O título era: “*Lara Sophia, a nova musa do filme Páginas da Vida, do autor Arthur Marlus.*”

Ela sorria, parecia contente, e ele sério, com um sorriso contido.

— Quero a revista também.

Paguei ao senhor e entrei em meu carro, meu corpo tremia.

Folhee a revista achando a reportagem, tinha várias fotos deles, todas deixando claro que ela passou no teste para fazer a mocinha, que era a pessoa perfeita para o papel.

— Lógico que ela passou no teste, fez oficina com a própria mocinha do livro! — Bati no volante com raiva.

Chega de me fazer de boba, passou dos limites, decidi.

Liguei para o número dela, que logo atendeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, amiga! — Sua voz era de feliz. —
Estou em falta contigo, uma correria louca.

— Se encontra no Brasil? — perguntei.

— Ah, sim, cheguei ontem, estava na Itália
— disse.

— Hum, novo trabalho? — indaguei.

— Mais ou menos isso. — Ela riu alto.

— Imagino que ganhar um papel em um
filme de um autor famoso seja um sonho para
qualquer atriz.

Ela se calou.

— Quando ia me contar ou achou que sou tão
provinciana que não iria perceber?

— Íris...

— Que legal se aproximar de mim para
estudo e poder ganhar o papel! — disse com raiva.
— Espero que consiga o sucesso que almeja.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa. Precisamos conversar pessoalmente.

— Não vejo necessidade. Não quero vínculo com esse filme, então, por gentileza, se mantenha longe também.

Desliguei.



Parando o carro na garagem, respirei fundo antes de sair.

Fui ao Brasil para encontrar a paz necessária para criar minha irmã e poder ajudar meu irmão, recomeçar era o lema.

Por que aquele imbecil apareceu para pôr minha vida de cabeça para baixo?

Que ódio do Arthur!

— Íris? — O Flávio batia na janela do meu carro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Baixei o vidro e sorri para ele.

— Oi, sumido!

Ele se afastou para que pudesse descer.

— Problemas, anjo?

— Alguns, mas resolvo todos.

Seu olhar era triste e desviou para o carro ao lado.

— Queria falar com você em particular.

— Vamos subir?

— Não. Deixa o carro aí que vou te levar a um lugar.

O achei meio estranho, olhando para os lados, amedrontado.

— Tudo bem, vamos.

Entrei em seu carro e ele logo o pôs em movimento, em silêncio.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhando o perfil dele dirigindo.

— Não. Na realidade quero falar com você sobre um assunto, mas tem que ser reservado — disse. — Fica calma que estamos chegando lá.

Alguma coisa estava rolando, mas não sabia o que era.

Encostei ao banco e tentei relaxar.

O local era um prédio perto da empresa, ficava, na realidade, a alguns quarteirões.

Tinha no máximo quatro andares e era discreto.

Desci do carro já na garagem, junto com Flávio. Estava à deriva, sem entender todo aquele mistério.

— Vamos subir.

Não tinha elevador, eram escadas.

— Flávio, o que está acontecendo?

PERIGOSAS ACHERON

— Confia em mim? — pediu, já no primeiro andar, perto de uma porta.

— Sim, você é meu amigo — afirmei.

— Entre e ouça!

Abriu a porta e ele se afastou, fechando-a e me deixando sozinha na sala ampla com várias janelas que davam para o parque.

Tinha almofadas e sofás distribuídos pelo local.

Parecia ter sido arrumado às pressas.

Havia uma porta à esquerda, pelo jeito era um quarto e sala.

— Fiquei com medo que não viesse.

Virei ao som da voz e meu corpo se arrepiou. A visão de Arthur totalmente vestido de negro, calça, camisa e pés descalços me tomou.

Seu olhar era saudoso e sexy, parecia uma

PERIGOSAS NACIONAIS

fera enjaulada, pronto para o ataque.

— O que está acontecendo?

Afastei-me para o fundo da sala a fim de ficar longe daquele olhar.

A saudade me assolou, a vontade de tocá-lo era como uma droga. Tinha que me segurar.

Estava mais magro, sem barba ou qualquer vestígio dela, mais frio, mais letal.

Pôs a taça que levava na mão em uma mesinha ao lado.

— Queria conversar, ir devagar, mas estou queimando por você.

Como um tigre ele se aproximou, me segurando, tocou meu rosto e tomou minha boca em um beijo dominador.

Sentia sua boca, seu corpo.

Minhas pernas cederam e sua mão me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurou sem soltar minha boca.

Era agonia da saudade sendo aplacada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Sua mão desceu por meu corpo, sua boca estava agressiva, apaixonada na minha, me encontrava derretida.

Louca para ter ele por inteiro em mim.

Minhas mãos trabalhavam apressadas, tentando arrancar sua roupa.

Rapidamente meu vestido caiu aos meus pés, nós dois estávamos ansiosos.

Não foram necessárias palavras.

Com a calça aberta ele sentou no sofá, me levando junto, abri minhas pernas e o recebi inteiro em mim.

Voraz, sem soltar minha boca ou meu olhar.

Subi e desci sobre seu mastro, sendo segurada por ele. Nossos gemidos eram altos, assim como os atritos de nossos corpos.

Gozei gritando por Arthur, e ele gemeu igual uma fera me seguindo no orgasmo.



Caída sobre seu corpo, exaurida sexualmente e emocionalmente, a certeza que ele me tinha em seu laço era avassaladora para mim.

Não foi preciso palavras, só um olhar e um toque.

— Precisamos conversar — afirmou.

Levantei procurando minha roupa e não queria olhar para ele.

— Não quero saber de nada. — Achei minha calcinha e a vesti.

— Estou com problemas, Íris — falou,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levantando e fechando a calça.

Suspendi o olhar para encará-lo e vi a certeza que o que dizia era pura verdade.

— Quais? — perguntei, já com o vestido na mão.

— Se veste e vamos conversar — exigiu, nervoso. — Não consigo me concentrar com você assim.

Olhei para a direção de sua mão e ele falava da minha nudez, já que me encontrava só de calcinha.

Atendi ao seu pedido pondo o vestido.

Sentei-me na poltrona a sua frente, aceitando a taça de vinho que ofereceu. Estava tenso, bebi todo o líquido para me acalmar.

— O que está acontecendo? Por que todo esse mistério para me encontrar?

PERIGOSAS ACHERON

Fiz todas as perguntas que rodavam a minha mente.

— Vou falar desde o começo e necessito que me ouça. — Ele levantou a mão. — Preciso que entenda que é necessário o máximo de discrição entre nós.

Do que ele estava falando?

— Desde que Rachel faleceu o assassino se encontra preso no manicômio, foi tido como louco. — Suspirou. — Tudo que ele fez foi premeditado, ele mandou cartas, e-mails, seria fácil prever tudo, mas fui arrogante demais para acreditar.

“Achei que era coisa banal, não me preocupei, não avisei à polícia, só coloquei mais segurança para nós. Rachel pediu para me cuidar, sem saber que o alvo era ela e não eu...”

Sua voz falhou neste momento.

— Fui o primeiro a achá-la, a ver o seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo, assim como descrevi no meu livro, assim como a cena que criei na minha cabeça para escrever. Ele fez tudo igual e acho que senti a dor do meu personagem do mesmo jeito. — Sua voz era baixa e eu senti uma dor no peito. — Chamei a polícia e desmaiei, lembro só de acordar no hospital depois disso.

“Abafamos o caso, não deixamos a imprensa saber como ela foi encontrada, a forma que foi deixada. Rachel não merecia, então subornei policiais para não falarem aos repórteres, então para todos foi assinada por um fanático.”

— Sinto muito por tudo. — Toquei sua mão.
— Ninguém merece passar por isso.

— Continuo recebendo as cartas — contou e eu prendi a respiração. — Alguém continua me ameaçando.

— Como? Já avisou à polícia? — perguntei,

temerosa que alguma coisa acontecesse com ele.

— Já estamos verificando, mas não vou cometer o mesmo erro, Íris — afirmou, tocando meu rosto. — Ele enviou fotos suas para mim.

Quase desmaiei com essa notícia.

— Ele diz que não mereço ser feliz, e se me aproximar de alguém vai matar a pessoa.

Levantou e começou a andar, nervoso.

— Não sei quem é, mas a polícia está agindo com descrição. Só não posso deixá-lo tocar você. — Ele espalmou a mão na cabeça em desespero. — Por isso me afastei, por isso deixei você longe dos holofotes. Maldito livro! Não sei porque deixei tudo chegar a esse ponto.

Ele bateu na parede, com raiva.

Fui até ele e toquei suas costas.

— Calma. Em breve vão descobrir quem é.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encostei meu rosto em suas costas.

— Não posso perder mais ninguém, não posso perder você — disse com voz sussurrada. — Não vou suportar caso venha a se repetir.

— Você não vai perder — afirmei com convicção. — Vamos tomar cuidado.

Eu creio na força da polícia, vão descobrir o assassino.

— Por isso que não podem nos ver juntos ou saber de nada sobre nós. — Ele se virou, tocando meu rosto e olhando dentro dos meus olhos. — Tentei ficar longe para te proteger, mas achar que você sofria por meu desprezo ou tem outro homem sendo feliz ao seu lado me deixa louco de ciúmes, louco de raiva. Sou possessivo quando o assunto é você.

— Arthur...

— Não, você é minha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos que pensar neste assunto. — Tentei me afastar para focar no que falávamos.

— Sim, mas não vou ficar longe. Vamos dar um jeito de nos vermos. — Ele mostrou o apartamento. — Aluguei para poder te ver, vamos ser discretos, mas não vou ficar longe de você.

— Pode ser perigoso! — argumentei.

— Você está com Yannis? — perguntou, chateado. — Já tem outro em sua vida?

— Ficou louco? Acabei de transar com você, acha que faria isso se tivesse alguém?

— Desculpa, fui um idiota! Estou sem dormir, não consigo me concentrar, voltei a ter pesadelos. — Suspirou. — Pode ser qualquer pessoa, Íris, disso que tenho medo. Não conheço o rosto do meu inimigo.

— Você quase sempre é um idiota, mas vamos com calma, ok?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso de você, minha Íris....

Senti tanta necessidade de ajudá-lo, de acolhê-lo em meus braços, em minha vida.

Quanta crueldade com a vida daquele homem.

— Tentei de todas as formas ficar longe, mas a saudade acaba comigo.

Tocou minha testa com a sua e desceu sua boca sobre a minha, não ofereci resistência, o beije de volta e nosso coração parecia bater no mesmo ritmo acelerado do desejo e saudade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Cheguei a casa tarde, a chave do apartamento que Arthur alugou estava em minha bolsa. No fundo temia por ele, mas por mim não tinha motivo nenhum para psicopata me ver como possível alguém para abalar a vida de Arthur.

Voltei de táxi para disfarçar, ele estava paranoico e como só ele sabe o que realmente passou, respeitava isso.

Passamos as últimas horas nos amando, meu corpo ainda o sentia, minha pele tinha seu cheiro.

— Íris? — Cibeles gritou da cozinha.

— Oi.

— Cadê minhas notas? Estou ansiosa e nada

PERIGOSAS NACIONAIS

de você chegar — resmungou ela, saindo de lá com um pão na mão. — Seu amigo Yannis esteve aqui te procurando.

Peguei na bolsa o boletim e entreguei a ela.

— Parabéns, lindona, você arrasou!

Pulando, ela abriu o papel e respirou fundo.

— Estava com medo de matemática, mas deu tudo certo. — Achei engraçando e sorri. — O seu amigo pediu para ligar assim que chegasse.

O que será que ele desejava?

— Vou ligar. Estou com fome. Aceita dividir uma pizza?

— Mereço uma todinha depois dessas notas!

— Ela piscou, indo buscar o número da pizzaria no meu quarto.

Sentei em meu sofá e liguei para o Yannis.

— Oi, Íris, estava preocupado — falou,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparentando estar nervoso. — Seu carro estava na garagem e você não estava em casa.

— Precisei resolver algumas coisas — disse sem muitas explicações.

— Estava aonde? — Não gostei do seu tom.

— Não entendi, Yannis. Aconteceu alguma coisa?

Cortei.

— Não, só passei aí para chamar você para uma pizza. — Mudou o tom de voz.

— Ah, sim. Estou cansada, mas fica para outro dia. Vou tomar banho e descansar — falei. — Fica para uma próxima.

— Ah, tudo bem.

Deliguei, mas fiquei com a sensação de que ele parecia me monitorar. Precisava ter mais atenção ou estava ficando paranoica também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele acha que é seu namorado.

Cibele mencionou, vindo do quarto.

— Você não gosta dele, deveria deixar isso claro — ela sugeriu, pondo o cartão na minha mão.

— Ele parece obsessivo.

— Nunca dei a entender que gostava dele — me defendi. — Só arrumei trabalho para ele.

— Ele parece ter outras ideias sobre o assunto.

Resmunguei, sentando no outro sofá e cruzando os braços.

— Prometo resolver isso — declarei. — Mas vamos pedir logo essa pizza.

Olhei o celular e não havia nenhuma mensagem do Arthur, também não mandei de volta.

Precisava compreender que não éramos um casal normal, mas será que seríamos um dia?

PERIGOSAS ACHERON



— Bom dia!

Cumprimentei a todos no trabalho. Tínhamos sempre reuniões mensais para falar dos erros e acertos, e aquele era dia de uma delas.

— Tudo bem, turma? — perguntei.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, a mesa do café estava pronta, com vários quitutes de minha terra. Fazia questão de mostrar meu mundo para eles, assim como eles faziam com os dele comigo.

Tinha todos os tipos de iguarias.

Virou tradição nosso café mensal feito no depósito dos fundos.

— Tudo bem com você? — Yannis indagou, se aproximando enquanto estava fazendo meu prato.

— Sim, tudo bem, e com você? — Sorri, virando-me para ele. — Matando saudades de nossa terra?

— Ah, sim. Adorei a sua ideia do café grego, parabéns. — Seu sorriso era radiante. — Você é incrível, Íris.

— Obrigada. — Cibele tinha razão. Precisava ser sincera com ele.

— Desculpa por ontem, mas é que fiquei preocupado com você — pediu com pesar, pondo um pão na boca.

— Fica tranquilo, sei me cuidar. — Bati em eu ombro e fui para o outro lado do salão falar com os meninos da limpeza pesada.

Meu celular apitou com mensagem de um número desconhecido.

****PRECISO TE VER HOJE À TARDE NO MESMO LUGAR.***

PERIGOSAS NACIONAIS

Imaginei quem fosse e disfarcei, o olhar do Yannis não me deixava.

— Bom dia, turma!

— Arion?

Corri para seus braços, estava morrendo de saudades do meu amigo.

— Que saudades, minha *ágape*! — Ele me apertou forte em seus braços acolhedores. — Longos meses longe da minha menina.

— Dessa vez você demorou! — resmunguei.

— Mas voltei um pouco mais rico. — Piscou. — Sei que não gosta do que faço, mas é a única coisa que sei fazer.

— Oi, Arion — cumprimentou Isabel, se aproximando.

— Como vai, menina? — Ele a abraçou carinhosamente. — Cada dia mais linda.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada — agradeceu, sorrindo.

— Vou começar a reunião, mas podemos almoçar? — pedi.

— Sim, tenho que ir ao centro, mas volto para pegar você.

— Obrigada.

Afastei-me e o deixei conversando com Isabel e Niza, que se aproximaram dele. Era seu ex-chefe, mas elas ainda tinham carinho e respeito por ele.



Admirava isso!

— Não seja tão dura com a Lara!

Estávamos almoçando em um restaurante de

PERIGOSAS NACIONAIS

comida baiana, que ele amava me levar para comer marisco.

Era nosso lugar preferido para comer.

Contei tudo que aconteceu, mas ele já sabia de tudo.

— Ela é uma mulher espetacular, mas tem uma história complexa — a defendeu.

— Você parece que gosta dela — sondei.

— Digamos que já tivemos nosso envolvimento... — falou, taciturno. — Mas não vem mais ao caso, foi outra época, onde éramos jovens sem nenhum problema.

— Entendo. Mas ela me usou — resmunguei.
— Usou nossa amizade para conseguir o papel.

— Converse com ela, *ágape*.

Pedi, tocando minha mão sobre a mesa.

— Ela te enviou, não foi? — questionei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Confesso que se encontra arrasada com a situação.

— Prefiro deixar tudo como está — argumentei. — E como foi a viagem?

Mudei a conversa, lembrando que não tinha falando do Yannis para ele.

— Cansativa, mas proveitosa!

— Sabe quem está trabalhando comigo?

Fez cara de “não entendi nada”.

— O Yannis, aquele enfermeiro de *KATOS*.

— O que ele faz aqui? E foi logo procurando você? — O seu olhar ficou astuto. — Não gosto disso, *ágape*.

— Não sei. Ele pediu emprego e eu dei. — Dei de ombros.

— Vou descobrir. Ele sempre teve uma paixão por você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca dei a entender que tinha interesse, só estou ajudando um amigo — expliquei, deixando as coisas claras. — Não tem sentimentos aqui para ele.

Bati no peito.

— Eu sei, mas ele pode não aceitar isso. Vou investigar. Meu faro de problemas esta aguçado — falou e segurou minha mão. — Vou tirá-lo de sua empresa, não o quero perto de você.

Pontuou, com voz firme.

— Você sempre me protegendo. — Levei suas mãos aos meus lábios.

— Você é minha irmã, meu bem preciso. — Piscou, tocando meu rosto.

Era grata por sua amizade e por esse amor de irmão que tínhamos um pelo outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Deixei o carro na empresa e saí andando até o prédio, tomando cuidado em parecer calma, ou que estivesse observando as coisas ao redor. Parei na cafeteria e comprei café.

Era uma aventura, e no fundo me dava frio na barriga todo aquele mistério.

Olhei para os lados antes de entrar no prédio e subir as escadas.

Assim que abri a porta, fui pega e encostada na parede.

As mãos de Arthur estavam em todo meu corpo.

Sua boca sedenta. Fiquei excitada, louca,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria mais.

Era uma fome, um desejo, parecia que nunca estava saciada.

— Saudades.

Minha calcinha rasgada em suas mãos e seu pau entrava em mim, me fazendo delirar de prazer.

Cruzando minhas pernas em sua cintura, recebi toda sua extremidade.

Minhas costas batiam na parede, mas não me importei, estava na busca do prazer que só ele sabia me dar.

— Arthur...

Gemi no auge do prazer.

— Minha Íris, toda minha... droga, que saudade...

Pontuava, batendo dentro e fora.

— Ai, droga, Íris ...

PERIGOSAS ACHERON

Rosnou, gozando.



— Precisamos aprender o caminho da cama — proferiu, sorrindo. — Como está, amor?

— Tudo bem. Estava com saudades — respondi, sendo sincera.

Deitamos no sofá e ficamos abraçados, curtindo um ao outro.

— Sinto vontade de dormir com você. — Ele alisou meu cabelo. — Ainda vou fazer uma loucura, Íris.

— Tenha calma, vamos conseguir. — Levantei o rosto para encará-lo. — Sinto sua falta, mas sabemos que não é possível agora.

— Eu sei, eu sei. — Tocou meu rosto com as pontas dos dedos.

Ele amava fazer carinho assim em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A polícia está com uma pista, estou aguardando para ver — contou com ar de felicidade. — Quero que isso acabe logo.

— Também quero.

— Depois vamos fazer uma viagem só nós dois.

— Sério?

Parecia perfeito.

— Sim. Vou cuidar de você, minha Íris.

Beijei seus lábios, o fazendo gemer de desejo, até que passou a mão no meu traseiro.

Senti o seu pau voltando à vida.

— Vamos aproveitar o nosso tempo? — Ele alisou meus seios com carinho.

Sorri, assentindo.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei todas aquelas pessoas e suspirei, achando um tédio.

Não era meu mundo, mas o meu amigo precisava de mim como acompanhante.

Era o aniversário do Governador, ele me avisou em cima da hora.

Pedi desculpas, mas alegou que recebeu o convite e esqueceu.

Tinha uma semana que o Arthur havia viajado para o México com a Lara para divulgar o livro e o filme.

Pelo que sabia, no mês seguinte começariam as filmagens.

Até então não tinha conseguido terminar de ler o livro, pois não gostei de como fui retratada nele. Parecia tão sem graça ou sem futuro, alguém sem brilho ou vida.

Ele estava para chegar e deveríamos no
PERIGOSAS ACHERON

encontrar.

Senti-me mais feliz com essa ideia. Ele me fazia bem, feliz, cada dia me sentia mais necessitada dele e seu carinho. Nossos momentos eram rápidos e fugazes, mas marcantes e tínhamos tantos planos.

Usava um vestido preto com um decote para valorizar meus seios, era elegante, com salto alto, e joias simples, mas de bom gosto.

Tudo presente do Arion, como sempre. Ele se superava nas escolhas, conhecia minha descrição e valorizava isso na hora de enviar as roupas.

Apesar do penteado simples que eu mesma fiz, não parecia diferente de ninguém naquele recinto.

— Se divertindo? — perguntou meu amigo, me entregando uma taça.

— Não sei por que nessas festas ninguém

PERIGOSAS NACIONAIS

dança ou brinda, sei lá, tudo sem graça.

— Verdade. Ricos têm mania de ostentar, mas não sabem se divertir. — Piscou ele.

— Precisam conhecer uma boa festa grega.

Ele sorriu e assenti.

Alguém parecia nos observar, era uma sensação ruim.

Suspendi o rosto para olhar o salão, Lídia estava em pé no meio dele, com os braços entrelaçados aos de Arthur.

Olhava-me e era dela que vinha aquela energia ruim.

Aquela mulher que odiava sentir seu rancor nos ossos.

—Vamos dançar?

— Sim. — Agradei mentalmente pelo convite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim ficava longe dela e de seu olhar.

Arthur não tinha me visto e era melhor assim, para não levantar suspeita sobre nós.

Fomos para o outro lado do salão, onde as pessoas valsavam, falamos com algumas no caminho.

Arion era conhecido e respeitado por eles.

— Mais calma? — perguntou ele, tocando minha cintura durante a dança.

— Acho ela estranha.

— Parece que ela te odeia — ele falou sem fixar seu olhar em mim.

— Não sei o porquê — disse a ele.

— Não a conheço pessoalmente, mas ali vejo o olhar de uma mulher que odeia a rival.

— Não sou rival dela! — Absurdo!

— Não mesmo, Ela nem tem chance. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arion me apertou com alegria. — Pelo jeito ela sabe disso, e por isso te odeia.

Calei-me.

— Pelo olhar do Arthur, não gostou nada de nos encontrar — comentou, rondando, e vi o que ele queria dizer.

Do outro lado do salão o autor nos olhava como se fosse nos matar, escorria raiva.

Desviei o olhar e não comentei o assunto.

A dança acabou e a presença do Arion foi solicitada por um homem de meia idade com cara de babão.

Olhava para mim se insinuando tanto, que fiquei com nojo e pedi licença para ir ao toalete.

Estava tentando a todo custo não procurar o olhar o Arthur pelo salão.

Virei um corredor para chegar ao banheiro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas uma porta se abriu e uma mão tapou minha boca antes que eu gritasse.

— Ficou louco?

Meu coração parecia que ia sair pela boca, mas era o Arthur.

— Desculpa, é que eu queria te ver.

Beijou meus lábios, me acalmando.

— Saudade. Estava louco para te encontrar
— falava entre os beijos.

— É perigoso, podem nos ver.

- Vai ser rapidinho.

Passou a chave na porta e desceu sua mão por baixo do meu vestido.

— Odeio ver você com ele. — Ele ajoelhou e levantou minha perna. — Você é linda, e está ao lado de outro homem.

Beijou bem perto da minha vulva, e eu gemi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fico louco, fico possesso.

E sua boca chegou ao meu ponto.

— Arthur....

Lambeu, chupou, correu o dedo. Estava molhada. Encharcada, diria.

— Goza, goza...

Pedi e não resisti a seus apelos, gozando.

— Isso, isso. Minha! Esse prazer é meu.

Fiquei mole e quase caí em seus braços.

Ele tocou minha língua com seu dedo ainda com meu prazer.

— Sinta o que temos, como somos bons.

Chupei seu dedo.

— Vou dar um jeito, mas amanhã quero você nua debaixo do meu corpo.

Aquele homem era delicioso, seu olhar azul como o mar da Grécia me deixava delirante e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

totalmente a sua mercê.

Era apaixonada por ele e não tinha nada a fazer sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Com um beijo de despedida rápido, Arthur deixou a sala e eu saí em seguida, olhando para todos os lados.

Foi um encontro com gosto de quero mais, e a cada dia me via mais envolvida e necessitando dele, sonhando que todo o tormento acabasse.

— Onde estava, *Ágape*? — Arion perguntou assim que me aproximei.

— Fui ao banheiro e tinha muitas mulheres fofocando — menti sem olhar nos olhos dele.

— Você parece que correu uma maratona. — Sorriu. — Muito tempo apertada?

Assenti, rindo de seu humor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca diria que foi por conta de um orgasmo.

— Sempre estamos nos encontrando, não é?
— Olhando de lado, vi o rosto de boneca de porcelana da Lídia.

Quem a olhasse acharia bela, fina, não sabendo o quanto era maldosa e peçonhenta. Ela me causava arrepios.

— Lídia? — falei sem humor. — Tudo bem?

— Olá, Íris. Me apresente — disse ela, mudando o foco para meu amigo.

— Arion, Lídia. Lídia é assessora jurídica do Arthur Marlus. — Fiz as apresentações.

— Prazer, bela dama — Arion disse, galanteador.

— Todo meu — respondeu ela, coquete. — O que faz aqui, menina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Virou-se para mim.

Estranhei sua pergunta.

— Não sabia que tinha contato com o Governador, ou será que se convida todo tipo de gente para festas aqui nesse País, desde amigos a faxineiras?

Sorri, mordaz, pálida com suas palavras maldosas.

Algumas pessoas olharam para nós, já que ela fez questão de falar em português e alto.

— Confesso que ainda estou me situando em como funciona essa terra. — Bebeu ela de sua taça. — Belíssimo vestido. Creio que tenha ganhando de alguém.

— O que você deseja? — perguntei, fria.

Mas, no fundo, me sentindo péssima por suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que eu quero? — Sorri, maldosa.

— Creio que a Lúdia seja um caso clássico.

Arion se pronunciava pela primeira vez em nosso diálogo.

— Caso clássico? — Ela olhava para ele, esperando a resposta.

— O que faz, Lúdia? — Arthur falou atrás de mim e a vi empalidecer.

Não me virei para olhá-lo, mas o senti em todas as minhas terminações nervosas.

O seu toque ainda pesava sobre mim e a fúria de sua boca em minha boceta ainda queimava sobre minha pele.

— Estava saudando a Íris...

Sua voz passou de raivosa para doce.

— Como dizia: um clássico de inveja. — Arion voltou a falar, a deixando de boca aberta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como? — Arthur perguntou, vindo a nossa frente, ficando colado em sua funcionária.

— Sua amiga estava aqui dizendo que é um caso clássico de inveja. — Riu, levando a taça à boca. — Não tem outro motivo para ser tão maldosa do que uma inveja corrosiva que a move.

— Como se atreve...

— Você não me conhece, moça, e tenho certeza que não iria gostar de conhecer — ele desdenhou, com um olhar mortal. — Como vai, Arthur?

Em silêncio, observando a troca de farpas dos dois, Arthur me olhou e piscou.

Fiquei ruborizada.

— Vou bem, Íris. E você, como vai?

— Bem.

Parecia, aos olhos de todos, dois conhecidos

PERIGOSAS ACHERON

que não se encontravam há muito tempo, e esperava que meu olhar apaixonado não tivesse me denunciado.

— Fico feliz. — Não sorriu ao dizer isso, mas olhou a mão de Arion no meu braço. — Você continua rodando a moça, pagando de salvador.

Lídia olhou para ele e desviou seu olhar para mim.

Não enfrentei seu olhar maligno, simplesmente fixei em Arion.

— E você continua se roendo de inveja igual sua amiga — Arion disse e riu de sua própria piada. — Os dois combinam.

— Vamos Arthur. Quero te apresentar a uma pessoa. Acho que já chamamos atenção demais por aqui — resmungou ela ao tocar o braço dele. — Quero uma bebida.

Sorri docemente, parecendo outra pessoa, não

PERIGOSAS ACHERON

a de poucos minutos, maldosa, asquerosa... Que mulher estranha.

Em silêncio Arthur a acompanhou, mas antes me lançou um olhar estranho.

— Essa aí vai dar trabalho para ele. — Arion bufou.

Preferi não responder.

Já era madrugada quando deixamos o evento. Só esperamos os brindes e o discurso do aniversariante.

No fim estava contente em sair daquele lugar. Pediria ao meu amigo que arrumasse outra pessoa para acompanhá-lo, aquele não era meu mundo, preferia a discrição a viver sobre holofotes.

— Você parece diferente. — A voz de meu amigo me trouxe ao momento. — Contente, vibrante.

— Antes era triste?

PERIGOSAS NACIONAIS

O acompanhei até o carro, o mesmo abriu a porta e entrei, ele veio em seguida, sentando ao meu lado.

O motorista ganhou o trânsito.

— Não, *ágape*, você sempre foi a alegria em pessoa, mas agora tem alguma coisa diferente.

Voltou ao assunto, tocando minha mão.

— Coisa da sua cabeça. — Ri, nervosa.

Não contaria a ele que andava vendo o Arthur. Era nosso segredo por enquanto.

— Tem alguém novo? Namorado? Amigo? Ficante?

— Não! Que coisa! — Ri.

— Já passou da hora de você esquecê-lo, *ágape*.

Ele falava do que aconteceu na ilha com meu antigo chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já esqueci — menti, olhando pela janela do carro a cidade passando por nós.

— Não creio. Ele é possessivo e não consegue esconder o quanto você mexe com ele.

— Esqueça esse assunto, vamos falar de outra coisa.

Pedi, lamuriosa. Não conseguia esconder as coisas de Arion, e não queria mentir mais do que eu já tinha feito. Ele não merecia.

— Tudo bem. — Ele suspendeu a mão em rendição, me trazendo para perto. — Mas vou descobrir qual é desta Lídia.

— Ela gosta dele — contei sem mas.

— Isso é bem explícito. Não sei por que ele a tolera.

— Vai saber... — Dei de ombros.

Mas no próximo encontro descobriria o

PERIGOSAS ACHERON

motivo.



Já estava dormindo quando o barulho insistente do meu celular me acordou.

Era mais de duas horas da manhã.

— Alô! — atendi, sonolenta.

— Abre a porta.

Arthur.

Levantei rápido e me enrolei no roupão, indo até porta. Olhei pelo olho mágico e ele se encontrava de capuz, vestido de preto.

Abri a porta e o mesmo passou por mim.

— Fecha!

Ele sabia que a Cibeles tinha dormido na casa de uma amiga para que eu pudesse ir à festa com Arion.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tranquei a porta rápido.

— O que aconteceu?

Fui até ele.

— Não consegui dormir pensando em você.

Arrancou meu roupão, apreciando meu corpo.

Puxei o capuz para ver seu rosto.

Parecia um homem atormentando, dilacerado.

Ele precisava de mim.

— Venha?

Dei minha mão e ele a segurou.

O levei para a cama.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Deitado em meus braços, ficou em silêncio, ainda estava de roupa e parecia tão frágil, tão quebrado.

Fiz carinho em seu rosto.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Recebi uma carta da Rachel.

A mulher morta? Como?

— Parece loucura, mas aquela carta estava guardada junto com minhas coisas na Grécia — ele falou. — E o correio me entregou.

— Uma hora dessas? — Parecia mesmo loucura.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — respondeu, duro. — Não consegui dormir depois da festa, estava agoniado, com insônia, e fui abrir as minhas correspondências, pois não tive tempo ao longo do dia.

Entendi seu ponto.

— Lá estava a carta, a primeira que ela me escreveu quando nos conhecemos. — Respirou fundo e eu senti um ciúme louco do amor dele por ela.

Disfarçando o sentimento que me corroía, me afastei para o canto da cama e o deixei falar.

— Ele está aqui no Brasil. — Pôs a mão no rosto. — Ele está em todos os lugares!

Arthur estava exausto com aquilo tudo, era de dar pena ver sua situação.

A maldade humana, a obsessão...

Onde tudo aquilo nos levaria?

PERIGOSAS ACHERON

Quem era essa pessoa?

— Mas o homem que fez aquilo não está preso? — perguntei, tentando não demonstrar medo.

— Sim, já verificamos. — Ele levantou o rosto para mim. — Tem alguém o imitando.

Tremi ao ouvir isso.

— Só que está testando meu psicológico, brincando de esconde-esconde, deixando claro o quanto está perto de mim. — Ele levantou e começou a andar pelo quarto. — Deixando claro que tem acesso à minha casa e tudo que afeta as minhas emoções.

Arthur passou a mão no cabelo, tenso.

Parecia que ia quebrar a qualquer momento.

Bateu a mão na parede, com raiva.

— Calma! — pedi, indo até ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como posso ter calma? Como? Fale-me?
— gritou e me afastei. — Ninguém sabia desta carta, só eu e ela. É íntima.

Ele tinha razão, mas para mim era alguém querendo testar os limites dele, alguém desejando acabar com a sanidade de Arthur.

— Já pensou que seja alguém de sua equipe, alguém que sabe que isso pode afetar você?

Parecia bem claro para mim.

— A polícia trabalha com essa hipótese, também. Pediram para não demonstrar em público o que acontecia, até conseguir montar uma linha. Mas estou por um fio.

Segurei em sua cintura e abracei seu corpo.

Ficamos em silêncio.

— Veio dirigindo? — perguntei depois de alguns minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vim de táxi — disse baixo. — Fui discreto ao deixar o apartamento e saltei a algumas quadras daqui.

— Tenha cuidado, amor — pedi, temerosa.

— Não podia ficar lá, não conseguia dormir, precisava te ver — contou. — Precisava do seu abraço, sentir você.

Sua boca macia tocou a minha, sua mão tocou meu cabelo.

— Você me acalma, Íris.

No fundo tinha medo que fosse só isso para ele, o seu calmante.

Beijo doce, suave, calmo. Acabei me perdendo em seus braços.

Voltamos para a cama e apaziguamos os medos fazendo amor.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei com um vazio, busquei na cama e Arthur já tinha ido, só o seu cheiro que ficou nos meus lençóis.

Abracei o travesseiro que ele dormiu e inalei o cheiro caro do seu perfume. O que mais temia estava acontecendo.

Virei amante dele, o que me neguei a fazer meses antes.

Olhei para o teto e uma lágrima desceu.

O pior de tudo é que não queria me afastar dele.

E tinha total certeza que de alguma forma esse envolvimento me quebraria.

Não tinha lugar para outro amor na vida dele. Com ou sem ameaça, sempre seria Rachel seu grande amor.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Íris?

Olhei para frente e lá estava Yannis perto do meu carro.

— O que faz fora de casa em um sábado tão cedo? — perguntei para quebrar o clima.

Seu olhar estava vidrado em mim, como se quisesse dizer alguma coisa.

— Preciso falar com você — soltou, nervoso, torcendo as mãos.

— Agora? Estou indo buscar Cibebe na casa de uma amiga. — Apontei para o carro.

— Precisa ser agora.

— Hum, então fale. — Não estava gostando do rumo daquilo.

— Podemos subir? É particular.

Era um rapaz bonito, mas não me causava nenhum alvoroço ou borboletas no estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cedi, seguindo com ele para o elevador do estacionamento.

Fizemos a viagem em silêncio, mas notei que Yannis estava muito nervoso.

Abri a porta e entramos.

— Pronto, aqui podemos conversar — disse, ficando à sua frente.

— Íris, eu estou apaixonado por você. — Quase caí no sofá pelo impacto de suas palavras e seu olhar. — Não aguento mais fingir que não sinto nada.

— Yannis...

— Não negue que também tem sentimentos por mim.

De onde ele havia tirado isso?

Seu jeito estava diferente, nervoso, e foi se aproximando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Somos feitos um para o outro.

— Não, eu não tenho esse sentimento. — Me afastei para o outro lado da sala.

— **NÃO MINTA PARA NÓS!**

Gritou e eu me assustei, pois nunca o havia visto levantar a voz.

— Yannis, ficou louco? Eu gosto de você como amigo.

Argumentei, nervosa pela situação.

— VOCÊ ESTÁ ENCANTADA POR ESSE PAÍS CHEIO DE PESSOAS PROMÍSCUAS. — Sua voz estava vários decibéis acima do normal. — SE ENCANTOU POR ESSA VIDA QUE LEVA.

Encolhi-me perto da parede, realmente com medo dele.

— ESTA NÃO É VOCÊ, MINHA AFRODITE. CHEIA DE PINTURAS NO ROSTO,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ROUPAS ESTRANHAS, QUERENDO SER IGUAL A ELES.

Quem era aquele homem, por que não ouvi a Isabel quando me disse sobre a obsessão dele?

— Sai da minha casa! Não vou aceitar que fale assim comigo. — Apontei a porta.

Falei firme, mas no fundo estava apavorada.

Parecia não me ouvir e se aproximou, tocou meu rosto, e eu me encolhi com seu toque.

— Você também sente. — Tentou me beijar.

Consegui me soltar de seus braços e corri para o outro lado.

— Sai da minha casa e podemos esquecer tudo que você disse aqui — pedi com voz temerosa.

Ele parecia voltar a si, então balançou a cabeça e me olhou normalmente, sem aquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

loucura que vi antes.

— Desculpa, Íris, perdi a cabeça — pediu, cruzando as mãos.

Parecia normal, como se tivesse duas personalidades dentro dele.

— Eu...

— SAI, YANNIS, SAI...

Ele baixou a cabeça e se retirou da minha casa.

Joguei-me no chão, tremendo.

Quem era aquele homem? Com certeza era obcecado, precisava tirá-lo de perto de mim. Por suas palavras não era alguém com a sanidade mental sob controle.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Meu corpo ainda tremia quando Arion entrou na minha casa.

Estava em estado de choque, só conseguia imaginar que poderia ter sido morta ou estuprada por Yannis e fui eu mesma quem havia aberto a porta para que isso ocorresse.

— *Ágape!* — Meu amigo ajoelhou-se a minha frente. — O que aconteceu?

— Yannis...

— MalaKal! O que ele fez?

Ele o xingou de babaca.

Estava tão nervosa que só falava as coisas embolado, sem nexos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou matá-lo!

Levantou com ódio!

— MalaKal! MalaKal!

Estava possesso!

Abraçou-me, tentando me acalmar!

— Sua irmã me ligou dizendo que você não atendia e ficou de buscá-la. — esclareceu ele.

— THIALO! — Arthur?

O ouvi gritar “inferno” em grego e virei para olhá-lo.

— SOLTE-A GIOS ENÓS SKÝLOU!

— O que está acontecendo aqui? — Arion perguntou, olhando de mim para ele.

— Deixe minha Íris!

Meu amigo levantou e Arthur ajoelhou-se a minha frente com os olhos cheios de raiva.

— Diga, minha Íris, o que aconteceu? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou, sondando meu rosto nervoso. — Diga o que ele fez.

— Yannis...

— Aquele MALAKAL! — Arthur gritou, chateado.

— Posso saber o que está acontecendo entre vocês dois? — Arion perguntou. — Vou achar o Yannis e depois quero saber de toda essa história.

Apontou o dedo para mim, que me encolhi completamente.

— Ágape, vou resolver tudo — garantiu, segurando minha mão.

— Ágape? Como se atreve? — Arthur foi para cima de Arion.

— PAREM! POR FAVOR, PAREM!

Gritei, chorando alto.

Os dois me olharam e se calaram ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo, mas sabia que a confusão só havia começado.

— Me deixem sozinha! — pedi.

— Nunca! — Arthur rebateu!

— Vou pôr meus homens à procura daquele *áthlia*!

Saiu, nos deixando sozinhos.

Arthur me levantou e me levou em seus braços para o quarto.

— Mandei buscar Cibele! — avisou. — Ela ligou pedindo ajuda e o porteiro disse que você entrou aqui com aquele homem.

— Pensei que fosse meu amigo — falei chorando.

— Você é tão inocente, Íris...

— O ajudei, mas nunca me insinuei para ele — expliquei. — Ele entendeu tudo errado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, KARDIÁ!

Achei lindo ele me chamar de coração.
Nunca tive palavras tão carinhosas vindas dele.

— Você me chamou de coração! — Ri por
entre as lágrimas.

— Sim, pois é o único que tenho. — Sorriu
de volta. — O meu coração é o seu coração.

Baixei a cabeça ao entender seu comentário.
Ele não tinha coração, mas batia pelo meu, e o que
isso queria dizer? Que nunca teria seu amor, só o
meu por nós dois.

Tão triste isso!

Migalhas!



Acordei atordoada depois de sonhar com
Yannis me perseguindo, parecia presságio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Joguei as cobertas para o lado, olhando o horário no celular ao lado da cama.

Eram três horas da manhã.

— Íris? — Cibeles chamou ao meu lado.

Tinha dormido comigo, pois desde que havia voltado com o motorista de Arthur, não desgrudava de mim.

Entendia seu medo e acho que sentiria o mesmo se fosse ao contrário.

— Vou ao banheiro, volte a dormir.

Éramos muito unidas e doía saber que não a ouvi quando avisou sobre o Yannis. Fui avisada por uma adolescente e não percebi o perigo.

Arion o procurou em toda parte, mas não o achou, tinha evaporado, o que me deixava apavorada. Ele poderia surtar de novo e fazer algum mal a alguém.

PERIGOSAS ACHERON

Imaginava minha irmã ou as meninas do trabalho.

Sem contar que devia explicações ao meu amigo.

Errei em não contar sobre o Arthur, e por seu olhar quando saiu, estava magoado. Era culpa minha.

Era sempre presente comigo, e eu escondendo segredos dele.

Fui ao banheiro e na volta vi as mensagens.

perdão, amiga, me excedi

Yannis tinha escrito na mensagem.

Não respondi, larguei o celular e voltei para a cama.



— O Arthur ficou nervoso na hora que liguei

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cibeles estava na mesa do café. — Ele gosta de você.

— Então foi você que o chamou? — Arion perguntou.

Tinha chegado cedo para ver como estávamos.

— Sim. Íris não atendia e você não me retornava. — ela deu de ombros. — Liguei para ele, estava muito nervosa.

Continuei em silêncio.

— Ficou louco, desesperado! — contou ela e suspirou. — Parecia um príncipe.

— MALAKAL! — resmungou meu amigo.

— Olha a boca! — reclamei.

— Ele sempre disse que qualquer coisa era para chamá-lo com urgência, até me deu seu número secreto — confessou baixo minha irmã. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele gosta da Íris.

— Cibeles... — murmurei.

— Não estou mentido! — Levantou chateada e foi para o quarto.

— Ela é fã dele — argumentei com sua saída.

— Quando iria me contar que anda se encontrando com aquele MALAKAL? — Bateu na mesa Arion. — Mentiu para mim.

Suspirei, esperando por isso.

— Quando ia me contar que ele pagou a dívida do Klaus e o traficante encontra-se morto?

Olhando para todos os lados, menos para mim, soltou o guardanapo na mesa.

— Ele veio causar discórdia entre nós! — Arion ia levantar-se, mas segurei seu braço.

— Vamos ser sinceros um com o outro. Sempre fomos mais que amigos, somos irmãos —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falei com voz baixa. — Então precisamos conversar sobre tudo e sermos abertos.

Ele sentou-se novamente, dando um profundo suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Colocando mais café na xícara, aguardei suas palavras, sabendo que precisava de tempo, assim como eu precisava também.

Tínhamos revelações a fazer.

— Ele não merece você, *ágape!* — resumiu, nervoso. — É um homem com fantasmas e coração quebrado.

— Eu sei.

— Eu percebi que você estava encantada por ele desde a ilha. — Não imaginava isso. — Mas não criei a situação do Klaus, foi tudo tão natural que achei a oportunidade perfeita de tirar você de lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti o coração doer.

— Tinha alternativas? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Você merecia mais que aquilo. — Ele abriu os braços. — Trabalhar noite e dia, sem estudo, sem perspectivas.

— Era uma escolha minha! — grunhi com raiva. — Só minha!

— Eu sei. Mas você nunca ia abandonar aquele lugar, e pior, apaixonada por aquele ILÍTHIOS!

Chamou Arthur de idiota, mas eu que me sentia assim, pois nunca percebi suas intenções.

— Por isso se ofereceu para me tirar de lá?

— Sim. Fiz isso e não me arrependo. — Ele bateu na mesa com raiva. — Poderia ter pago a dívida com aquele autor, mas não fiz, queria que você tivesse novas oportunidades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei me acalmar e entender sua posição.

— Mas eu amo minha terra, eu amo aquele lugar. — Respirei fundo para não chorar. — Poderia ter voltado para lá.

— Para quê? Para continuar vivendo daquele jeito exaustivo?

— Arion...

— Não, não me sinto culpado por te dar nova vida.

No fundo sei que fez tudo por amor a mim, mas me sentia traída.

— Klaus...

— Ingrato, e não vai mudar fácil. É um garoto arrogante e cheio de metas que não incluem você e sua irmã. — Ele tinha toda razão. — Deixou de estudar, Íris. O internei naquele lugar e não menti para nenhum de vocês.

PERIGOSAS ACHERON

Sabia que tudo que dizia era verdade.

— Ele agarrou a oportunidade e digo mais: aquele menino vai ser um dos caras mais ricos daqui uns dias. Ele é sagaz, sabe o que quer e não tem medo — contou. — Mas não tem um grama de respeito por seus esforços. Deixe-o seguir seu destino.

— Mas é meu irmão...

— Eu sei. Disse para deixá-lo seguir, não o abandonar. Ele está bem lá na Suíça, tem pessoas de olho nele e não fez nada de errado até agora. Seja livre, Íris!

— Estou tendo um caso com Arthur!

Joguei, mas ele parecia que já sabia.

— Imaginei. É isso que você deseja? Ser alguém do escuro, do escondido?

Contei tudo que podia contar, tentando fazê-lo entender o porquê não era possível assumir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— PIOR AINDA, PORRA!

Arion estava possesso.

— Desgraçado! — continuou esbravejando.
— Deixou você entrar nessa história sórdida!

— Não, a escolha foi minha!

— Você é inocente demais, *ágape*!

— NÃO SOU CRIANÇA, ENTÃO NÃO
ME TRATE COMO UMA!

— Veja só! Já grita comigo por causa
daquele MALAKAL!

— Não, eu o amo, mas não sei como resolver
tudo, estou apavorada com todo esse sentimento!

Choraminguei.

Vindo para mim, ele me abraçou.

— Vou te proteger, minha irmã. Vou
descobrir tudo sobre essa história — falou. — E se
depois ele não te assumir? Arthur Marlus será um

PERIGOSAS ACHERON

homem morto!

Estremeci com sua promessa.

— Avise àquele idiota que estou de olho nele!

Era o irmão mais velho que Deus me deu.

Todos achavam que podiam escrever minha história, mas um dia jogaria tudo para o alto.



— Olá!

— Oi, Flávio!

— Cibele me deixou entrar. — Sorriu sem graça. — Como você está?

— Estou bem. Ainda assustada, mas faz parte.

Fui até ele e o abracei.

— Amém! — Me apertou. — Tenho uma

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa para você.

— Hum, o que é? — Me afastei, o encarando.

— Prometo que você vai curtir. — Ele bateu no meu ombro. — Vai se trocar.

— Vamos naquele lugar? — Imaginei que fosse a mando do Arthur.

— Não, em outro, mas você vai gostar.

— Põe algo leve e não tenha medo porque estou deixando a placa do carro e o endereço com sua protetora mirim.

Ele riu e eu também. Falava da Cibeles.

Vesti uma calça de malhar com um top e um tênis.

— Uau que linda! — Assoviou quando me viu.

— Pode ir, amiga, fico com Cibeles — Isabel disse, saindo da cozinha com minha irmã.

PERIGOSAS ACHERON

Aqueles dois estavam juntos. Pelo olhar trocado, rolava sentimentos ali. Só esperava que nenhum dos dois saísse machucado.



O local era uma academia, na qual já tinha passado no caminho para o trabalho.

Parecia pequena, mas por dentro era bem grande e organizada.

— Jura que está me chamando de gorda? — brinquei.

— Olha a calúnia! — brincou de volta. — Esse aqui é o Mario.

Um homem grande, de mais ou menos um metro de oitenta, forte, com a cabeça raspada, nos aguardava.

Era charmoso.

— Seja bem-vinda, Íris.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, obrigada. — Não estava entendendo nada. — Por que uma academia?

— Porque vamos treinar a partir de hoje sua defesa pessoal! — Mario contou, rindo. — Senhor Arthur foi categórico.

Só podia ser ele. Mais um que desejava dominar minhas escolhas.

— Mas não preciso.

— Precisa, Íris. Ontem foi prova disso. — A voz de Arthur saiu do canto da sala.

— Devia ter me consultado antes de marcar aulas para mim — respondi, emburrada.

Saindo da sombra, estava vestido de calça de moletom e camiseta, suado como se tivesse malhado antes que eu chegasse.

— Para seu bem, *ÁGAPE*! — falou com tom debochado. — Melhor começar logo.

PERIGOSAS ACHERON

Virou as costas e se afastou com Flávio.

Estava chateado comigo e não sabia nem o porquê.

E também não perguntaria.

— Tudo bem, gatinha? — Mario brincou, tocando meu ombro.

— Ela não é sua gatinha. Por favor, corte a intimidade — Arthur resmungou sem se virar para nós.

— Não liga. Ele acordou babaca hoje.

Piscando um para o outro, fomos para o centro da arena de treinos.

Capítulo 42

Tomei vários tombos e ri bastante quando errava. Mario era um cara paciente, me mostrou várias regras e ataques para me defender.

Não consegui fazer quase nenhum e em meia hora de treino já estava suada, pegajosa.

Tinha que confessar que havia amado a ideia do Arthur.

Mas, pela cara dele, estava odiando tudo.

— Essa é mais usada — Mario falou. — Pisa no pé dele.

Tentei fazer, mas acabei caindo e o Mario por cima de mim.

— CHEGA!

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur gritou, se aproximando.

— Vamos! Amanhã você termina a aula.

Mario levantou e estendeu a mão para me erguer.

Mas nem tive tempo, pois Arthur invadiu o tatame e fez isso.

— Antes que reclame, amanhã ela vem sozinha — avisou sem olhar para o professor e saiu me arrastando pela sala.

— Tchau, Mario! — gritei. — Ficou louco?

Tomei um banho rápido no banheiro da academia.

Já na garagem, um carro nos aguardava e ele de cabelos molhados, também tinha tomado banho.

— Entre!

— Não vou entrar!

— Pare de birra e entre antes que alguém nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veja — falou por entre os dentes.

— AS TO THIALO!

Gritei com raiva. Que fosse ao inferno, porque ele não era meu dono.

— Já estou em um, Íris. — Veio para perto. — Desde que apareceu com a droga deste top e fica toda cheia de simpatia e sorrisos para aquele idiota!

— Ficou maluco?

— TI ZOÍ MOU!

Segurou meu rosto.

— Entre no carro!

Sua frase me tirou do chão. Arthur raramente falava português comigo, sempre nos comunicávamos em grego, salvo na frente de brasileiros, mas raramente eram termos carinhosos.

Isso me fazia ter esperança.

Nunca fui chamada de “minha vida”.

PERIGOSAS ACHERON

Isso me fez entrar no carro.

Tomando o volante, deixamos a academia. O vidro do carro era totalmente negro, portanto acho que não seríamos vistos do lado de fora.

Fomos direto para o apartamento que ele havia alugado.

Nem a porta fechou e já me encontrava encostada nela com seu corpo apertando o meu.

— O ódio tocando você — disse, cheirando meu pescoço.

— Por que inventou, então? — Me afastei, indo para longe.

Precisava pôr a cabeça no lugar para conversar, mas com ele me tocando não conseguia raciocinar direito.

— Porque quero você protegida! — Encostou-se à porta. — Preciso que saiba se defender de homens como Yannis e meu inimigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Concordei com ele. Acho que toda mulher deveria fazer defesa pessoal.

— Tudo bem, vou fazer as aulas.

— O que te aflige? — perguntou, se aproximando com aqueles olhos sagazes que pareciam ver minha alma.

— contei a Arion sobre nós e sobre tudo. — Tinha que ser sincera.

— Eu sei! — ele afirmou, indo até o bar no canto da grande sala.

Colocou uma dose de uma bebida que não sei qual era e voltou, tomando-a.

— Ele me procurou. — Riu sem humor. — Digamos que não foi amigável.

— Precisava contar, não posso mentir para ele — expliquei. — Perdão!

— O que os une?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentou no sofá sem me olhar.

Fui até a janela e olhei para fora.

— Ele é como meu irmão, sempre me protegeu. — Curvei o ombro, olhando para frente. — Foi sempre quem me deu as mãos quando precisava.

— Não gosto, mas entendo — resmungou. — Ele tem um carinho imenso por você.

— Nos conhecemos há muitos anos.

— Desde a morte dos seus pais?

— Ele nasceu na ilha, mas foi estudar fora e voltou anos depois para assumir sua herança — contei o que sabia. — Retomamos nossa amizade e meus pais tinham morrido, eu já tinha responsabilidades.

— Como eles morreram?

Não gostava muito de lembrar daquele dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Foram pescar, era um programa de domingo deles. — Me virei. — Mas o barco virou e se afogaram. Meus pais eram apaixonados. Brigavam, mas se amavam e amavam os filhos.

Meus olhos encheram de lágrimas ao lembrar.

— Eram incríveis!

— Sinto muito! — Pôs o copo de lado e me abraçou forte. — Vou tomar conta de você, minha Íris.

Beijou meu olho e depois o outro, então suspendeu o meu top, tocando meus seios por baixo dele, beijando um seio e depois o outro.

Joguei a cabeça para trás.

Sua boca me levava à loucura.

A calça dele teve o mesmo destino da minha roupa. Estava despido de roupas e de alma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu amo você!

Saiu de minha boca.

Nada foi dito de volta, mas já esperava por isso.

Não senti vergonha de amar. Devia ser duro não poder amar ninguém.

Deitando meu corpo no sofá, ele abriu minhas pernas, cheirou minha vulva e lambeu meu centro.

Fui ao céu segurando seus cabelos.

Correndo seu dedo dentro de mim, ele trouxe minha cabeça para frente e domou meu olhar com o seu.

Na dança de vai e vem, afirmou:

— **MINHA!**

Soltou meu rosto e abriu minhas carnes vorazmente, invadindo minha boceta que já o

PERIGOSAS ACHERON

aguardava.

Gemi.

— ARTHUR!

— Sim, Arthur. Eu e só eu, minha Íris!

Batia dentro e fora, segurando minhas pernas abertas ao limite.

— **MINHA, MINHA....**

Explodi e ele me acompanhou, chamando meu nome.

Capítulo 43

Meu corpo ainda tremia com o orgasmo.

Jogada com ele por cima de mim.

— Você ainda acaba comigo.

Antes de conseguir responder, o celular dele tocou.

Levantou, procurando.

Estava caído perto do tapete, junto a minha calcinha rosa.

Levantou a calcinha, rindo, e eu morri de vergonha.

— Alô!

Ficou em silêncio, mas não tinha mais o

PERIGOSAS NACIONAIS

humor de antes.

— Diga, Lídia!

Tinha que ser ela!

Levantei buscando minha roupa, mas fui impedida por seus braços.

Beijou minha nuca ainda ouvindo a moça do outro lado da linha, então roçou seu pau duro em minha entrada.

Era um descarado.

— Não, fui fazer exercício. Não estou gostando de tanta pressão em minha cabeça — falou. — Sim, mais tarde podemos jantar, preciso só ficar sozinho um pouco.

Disse, e logo desligou, jogando o aparelho para o lado.

— Por que a tolera? — perguntei, me roçando nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem?

— Lídia. Ela é soberba, além de má —
argumentei.

— Lídia foi quem me apresentou a Rachel —
respondeu ele e se afastou de mim.

Seu pau estava duro, era lindo, rosado, e
combinava com todo o resto dele.

— Sempre foi amiga da família, foi criada
por meus pais.

Não sabia disso, o que deixava claro que
nunca soube muito sobre ele.

— Fomos adotados por eles. — Deu de
ombros. — Sempre esteve por perto.

— Você a tem como irmã?

— Mais ou menos isso.

Segurou minha cintura, me trazendo para
perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é arrogante, mas só isso.

Ele ainda não entendia que Lídia não o via como irmão.

— Ela não tem os mesmos sentimentos por você.

Fui para longe para deixar claro meu ponto.

— Ela deseja você como uma mulher deseja um homem — completei.

— Ficou louca? Flávio vive dizendo isso, mas é absurdo.

— Não seja cego!

— Ciúmes?

Sorriu, tocando meu rosto.

— Sinto, mas, ainda assim, vejo o olhar dela para você.

— Eu gosto dos seus ciúmes, também tenho muito quando o assunto é você. — Me levantou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela cintura, rindo. — Você é minha perdição. Não me importo com Lídia, só com você.

Deixei o assunto de lado e beijei a boca dele.

Ajoelhando a sua frente, pus o seu glorioso pau na boca.

Lambi igual certa vez vi em um filme, mas não era treinada nisso, então fiz como achei que deveria.

Pelos gemidos de Arthur, estava fazendo bem.

Segurou minha cabeça e movimentava de leve, me ensinando como fazer.

— Mulher, você aprende rápido!

Ele puxou seu pau de minha boca.

— Vira!

Atendendo seu pedido, virei, segurando-me na mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Afasta as pernas.

Arthur bateu no meu bumbum com seu pau, passando-o na borda da minha boceta, fazendo-me estremecer em antecipação.

— Vê o que faz comigo? Vê como me deixa louco! Minha gostosa!

E com uma estocada entrou em mim, segurando minha cintura e puxando de leve meu cabelo.

Fiquei no lugar, empinada, aberta e recebendo seu pau. Todas as sensações que nunca imaginei existir, estavam ali.

Não me mexi, só gemia gritando seu nome.

— Arthur... Arthur...

Ele batia dentro e fora, dentro e fora, me mantendo cativa por suas mãos, bem como o desejo que tinha por ele e o prazer que traria tudo aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Gozei assim que sua mão tocou meu clitóris.

Logo em seguida ele também veio.

— Se continuarmos assim, vamos morrer de tanto prazer.

Sorri.



Yannis estava sumido e eu evitava ir para casa ou sair de casa sem me preparar. Tinha uma semana do acontecido.

Arion disse que tinha uma pista, que tudo ficaria bem.

Confiava nele.

Não achava que Yannis fosse perigoso, mas era alguém com problemas, o que podia tornar um perigo para quem ficasse por perto.

— Isabel, você viu a planilha deste mês? —

gritei, saindo do depósito.

Tomei um susto ao encontrar Lúdia sentada em minha mesa.

— Oi, Íris!

Sorriu com desdém.

— O que faz aqui?

Levantou, estava bem vestida, com um vestido vermelho que lhe caía bem.

De saltos era uma mulher fina, mas de alma podre!

— Só uma visita de aviso — falou, séria. —
Servem café neste *muquifo*?

— Para gente de bem, não para cobras! —
Cruzei os braços.

— Hum, pensa que ligo para essa pose de menina que cresceu? — Ela segurou uma caneta e ficou olhando para mim. — Como fígado de

PERIGOSAS NACIONAIS

meninas como você no jantar!

— O que deseja?

— Fique longe do Arthur — disse de maneira fria e calculista.

— Só isso?

— Não brinca comigo, sua nojenta, filha de pescador! — Veio a minha frente. — Ele não precisa de um resto como você.

— Precisa de você? A irmã dele?

— Não somos irmãos! — Se aprumou, fazendo cara de indiferença. — Ele sempre vai ficar do meu lado. Há anos vivemos juntos, somos parceiros.

— Tudo bem, faça bom proveito! — Abri a porta da sala. — Agora cai fora!

— Você acha que porque ele escreveu um livro sobre você, tem sentimentos? — desdenhou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela sem sair do lugar. — Menina ingênua!

— Eu não acho nada, pelo jeito você que acha. — Continuei em pé com a porta aberta. — Estou me lixando para o que você acha.

— Ratinha!

Lembrei-me das palavras do Arthur e achei estranho ela me chamar assim.

— Algum problema, Íris?

Isabel perguntou da porta.

— Nenhum! A senhora Lídia encontra-se de saída.

Pegando a bolsa ela pôs os óculos escuros.

— Considere-se avisada! — Passou por mim como um furacão.

— Essa exala veneno! — Isabel resmungou.

— Não tenha dúvidas!

Afirmei, voltando para minha mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44

A visita da Lídia ainda martelava em minha cabeça.

Como o Arthur não percebia como ela era venenosa? Era nítida a maldade da mulher, a arrogância e o desejo dela em ser mais que irmã e funcionária dele.

Algo estava errado, precisava descobrir o que era.

— Vamos almoçar, Flávio? — Liguei para ele.

— Quem vai pagar? — perguntou, brincando.

— Eu pago. Como diz aqui no Brasil: pão duro.

Ele gargalhou e combinamos de almoçar juntos. Levaríamos Isabel para saber mais sobre eles dois também.



— Amo feijoada. — Flávio saboreava como se tivesse comendo um manjar dos deuses. — Sempre que venho ao Brasil faço questão de comer.

— Também gosto. Com uma cerveja gelada fica melhor ainda — Isabel falou e ele piscou para ela, que ruborizou.

— Não entendo a necessidade de comer tanta coisa de um bicho. — Achava aquilo terrível. — Só tem partes do animal aí.

O aspecto para mim era horrível, nunca senti desejo de experimentar.

— Não sabe o que perde! — Minha amiga fez bico.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eca! — Fiz cara de nojo e olhei minha salada. — Flávio, posso te fazer uma pergunta?

— Sim, lógico. — Bebeu mais do suco de manga que pediu.

— Por que o Arthur mantém a Lídia trabalhando com ele?

Ele fechou o semblante e estreitou os olhos.

— O que ela fez desta vez?

— Na realidade ela visitou a Íris ontem para ameaçar. — Isabel contou.

Olhei feio para ela, que fingiu nem ver.

— Sabia que ela estava aprontando. — Jogou o guardanapo na mesa, chateado. — O Arthur foi criado por um casal americano que morava na Grécia, Atenas, e esse casal adotou a Lídia logo depois dele. Ela é americana.

Explicou.

PERIGOSAS ACHERON

— Foram criados como irmãos. — Suspirou.
— Arthur conheceu minha irmã através dela e viraram inseparáveis. Era amiga de Rachel, pelo menos era o que minha irmã achava.

Tinha mais coisa na história.

— Sabe, Íris, o erro dela foi não contar a ele
— disse, pensativo. — Rachel encontrou certa vez a Lídia nua em um quarto de hotel esperando o Arthur.

— Como assim? — Quase engasguei com a bebida.

— Ela já estava com uma pulga atrás da orelha, essa coisa de instinto feminino. — Deu de ombros como se não se importasse com isso. — Arthur nem sonha, pois em vez de entrar no quarto, quem entrou foi minha irmã.

“Elas brigaram feio, não sei o que foi dito, Rachel não disse, mas foram palavras duras que

magoaram as duas, nisto cortaram laços. Eram educadas, mas não mais amigas.”

— Arthur nunca perguntou o motivo? —
Isabel externou minha dúvida.

— Rachel foi errada, não contou nada, e ele era ocupado, viajava muito, vivia na estrada ou submerso em suas histórias, pesquisas, era seu mundo. Minha irmã era seu mundo.

Uma dorzinha fez calor em mim, que nunca seria o mundo dele.

— Os dois viviam um para o outro. Nem sempre ele foi assim, frio, desinteressado, eram vivazes juntos, alegres, viajavam do nada para tomar um simples vinho em Paris. — Riu, saudoso, sem saber que suas palavras me magoavam. —
Eram perfeitos um para o outro.

Entendendo a minha dor, Isabel disfarçadamente segurou minha mão sobre a mesa.

— Mas aí ela morreu e depois do enterro Arthur se mudou para a ilha, não queria ver ninguém, falar com ninguém, se desligou do mundo e Lídia ficou à frente de tudo junto comigo — explicou. — Os pais deles deixaram muitos negócios, mas o irmão era o responsável, isso também a magoava.

— Ela ama o Arthur — contei com um fio de VOZ.

— Eu acho que sim, e nunca perdoou a minha irmã por entrar em seu caminho.

— Mas ele a vê como irmã, mesmo agora não se comporta como se fosse mudar isso — argumentei.

— Com certeza! Ele nem enxerga a Lídia, não dá bola para suas conversas, a sua existência não muda nada para ele, e isso a deixa revoltada.

— Capaz de qualquer coisa — lembrou

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabel. — Não sei, mas se fosse vocês, ficaria de olho aberto com ela.

— Mas... — Flávio tentou argumentar.

— Mas, nada. Conheço o suficiente da vida do Flávio e vejo uma mulher alimentando o rancor e isso é um perigo.

Ficamos em silêncio.

Será que a Lúdia foi capaz de mandar matar a Rachel?

Passou um calafrio por meu corpo.

— Arthur não vai acreditar nisso — falei, olhando para todos os dois. — Vou conversar com Arion.

— Vou verificar também. Estou com algumas pessoas investigando umas coisas aí... — Olhou para mim, que entendi o que era. — Vou pedir para saber mais sobre ela.

PERIGOSAS ACHERON

— O que descobrirmos vamos dividindo —
pedi.

— Certo. — Apertou minha mão para selar o
acordo.



Estava cansada emocionalmente. Joguei a
bolsa no sofá, planejando ir ao banco no dia
seguinte liberar os cheques de pagamentos. Não
confiava na internet para isso.

Gostava de resolver a coisa à moda antiga.

Tinha medo de roubarem minha senha. Todos
riam quando falava isso, mas ainda não estava
conectada a esse mundo moderno.

Sem falar que gostava de ir ao banco e fazer
um agrado aos funcionários. Levava doces gregos
para meu gerente, que é pai de duas garotinhas.
Esse contato de saber como o outro estava ou até

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo como ia vida, se podia ajudar em alguma coisa, era meu jeito, fui educada assim.

Fazia parte de mim.

Mas andava tão cheia de coisas na cabeça que andava dispersa. Era esse amor pelo Arthur que, com certeza, me magoaria. Yannis sumido, Arion chateado comigo.

Sem contar Klaus, que cada dia mais ficava distante, sem fazer questão de falar comigo.

A cada ligação fria sua, meu coração se partia.

O que fiz para merecer? Joguei as mãos para o alto.

— Queria ir ao boliche — Cibeles falou, me tirando dos devaneios.

— Não é seguro, Bebê. — A chamei para meu colo e ela veio — Yannis por aí não é seguro para nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu sei, mas estou entediada — ela resmungou. — Terminei de ler o livro do Arthur.

— Gostou?

— Mais ou menos. Queria um final melhor — explicou e fiquei curiosa. — Eles não ficam juntos.

Um frio gelou meu coração.

— Uma pena — disse num fio de voz.

— Verdade. Ela poderia salvá-lo, mas ele não deixou.

Resmungou, chateada.

— Que tal pipoca doce e um filme? — perguntei, tentando alegrá-la.

— Certo. Eu faço e você toma banho.

Pisquei, aceitando e indo tomar banho.

Cibele era nova e não entendia que o livro imitava a vida, e nem sempre conseguíamos salvar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Um mês depois.

A aula foi intensa, duas vezes na semana treinava defesa pessoal com o professor Mario, estava gostando bastante, me ajudava a extravasar as energias do dia a dia, sem contar que me acalmava. Pensava em ver com ele um pacote para que minhas meninas pudessem fazer também. Seria bom se todas as mulheres dominassem aquelas técnicas.

O mundo é cruel conosco, então precisamos aprender a nos defender.

— Pronto, Íris... — Mario bateu palmas.

Suada e exaurida, me encontrava jogada no chão.

— Foi ótimo! — gritei de onde estava.

— Você sempre vem com disposição e aprende rápido — afirmou, me deixando feliz. — Treina duro. Depois vamos ver umas aulas de Krav maga, acho que combina com você.

— O que é isso? — perguntei, aceitando sua mão para me levantar.

— Krav Maga é um sistema de combate corpo a corpo, desenvolvido em Israel, que envolve técnicas de luta, torções, defesa contra armas, bastões, facas e golpeamentos.

— Parece tenso e difícil! — Ele riu da minha definição.

— Você vai tirar de letra. — Piscou. — Com essa técnica você vai poder: contra-atacar assim que possível ou atacar preventivamente; focar em

PERIGOSAS NACIONAIS

ataques nas áreas mais vulneráveis e sensíveis do corpo, como genitais, olhos, mandíbula, garganta, joelhos, etc; neutralizar o oponente o mais rápido possível, respondendo com um fluxo contínuo de contra-ataques e, se necessário, matar/aleijar; manter consciência dos arredores, enquanto lida com a ameaça, para perceber rotas de fuga, mais ameaças, objetos úteis para defesa e ataque, e assim por diante.

— Uau! — Cibele gritou, chegando perto. — Quero fazer também.

— Podemos ver isso para você, gatinha. — Ele bateu no nariz dela, que sorriu.

Apesar da aparência às vezes ameaçadora, Mário era um ser humano muito doce e gentil.

Rindo da conversa dos dois, fui para o vestiário tomar banho e trocar de roupa.

Acabei trombando em alguém antes de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir pedir desculpas, percebi que era a Lara, quem há meses não encontrava. Apesar da insistência dela, sempre neguei qualquer contato.

— Íris...

— Oi, Lara.

Virei para entrar no vestiário.

— Preciso falar com você.

Estava mais cheia, os cabelos compridos, pintados da cor dos meus.

Com certeza para o papel, já que estavam gravando o filme.

— Não vejo nada para conversamos — rebati, seguindo meu caminho.

Mas ela, insistente, me seguiu e fechou a porta do vestiário.

— Você precisa me escutar.

Arranquei a roupa e fui para o chuveiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou dizer que no começo foi pelo papel. Queria estudar você — falou alto.

— Novidade!

— Mas depois que te conheci, eu gostei mesmo da sua amizade. — Sua voz embargou. — Sinto sua falta, Íris, não tenho amigos de verdade.

Poxa, estava amolecendo!

Botei cabeça na brecha da porta para vê-la.

— Posso tomar banho? Outra hora a gente pode conversar — pedi, querendo ficar sozinha.

— Promete? Tenho aula de ginástica agora, mas posso te ligar. — Os olhos dela brilharam de alegria, parecia real sua felicidade.

— Sim, prometo.

Bateu palmas, parecendo criança, e saiu.

Revirei os olhos e voltei para o banho.

Senti quando uma mão tocou minha cintura e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta foi trancada atrás de mim.

Meu corpo gelou.

— Tem lugar para mais um?

— Arthur? — Virei, nervosa. — Quase me mata se susto.

— Perdão. Estava aguardando a Lara sair. — Ele beijou meu queixo.

Completamente nu e excitado.

— Alguém pode entrar! — justifiquei. — Maluco!

Seu corpo lindo prendia o meu, pois o espaço era pequeno.

— Juro que vai ser rápido.

Sem mais conversa, me suspendeu prendendo o meu corpo à parede e entrando com uma só estocada em minha boceta.

— Afrodite...

PERIGOSAS ACHERON

A água nos banhava e cobria o barulho do atrito de nossos corpos.

Entrando e saindo, tomando tudo e gemendo.

Deliciosamente. Não conseguia dizer não a ele, meu corpo me traía quando o assunto era Arthur Marlus.



Apertando a mão do administrador do shopping, estava exultante de alegria, consegui um contrato enorme para limpeza do mesmo.

Conseguiria empregar mais de trinta pessoas, geraria vários empregos.

Estava muito contente.

— A princesa da limpeza! — Niza bateu palmas ao meu lado. — Nem acredito!

— Também não. — Bati na mão dela em cumprimento. — Somos demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Verdade! Uau!

— Amiga, preciso conversar com você sério.

Ela me olhou de lado e não disse nada.

Entramos numa doceira e pedimos sucos e doces.

— Bem, o que foi? — Apesar de fingida calma, sabia que ela estava tensa.

— Você está comigo desde o começo. — comecei. — Lembra?

— Sim. Você parecia uma ratinha assustada, mas firme no seu propósito. — Riu, — Tenho muito orgulho de você, grega!

— Você me ensinou tudo sobre limpeza, você me ensinou tudo sobre ser forte, não baixar a cabeça. — Nossos olhos marejaram com as lembranças. — Desabrochei com você.

— Íris...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa eu falar — pedi, emocionada. — Cheguei aqui sem saber o que fazer. Apesar do Arion, não tinha perspectivas, mas você me deu uma, limpamos aquela casa todos os dias e ouvia suas histórias, nunca vendeu seu corpo, apesar de viver em uma casa de prostituição, e me ensinou que seria mais fácil, mas não o que éramos.

— Poxa...

— Você vivia da limpeza, com filhos, e tinha uma alegria... Não julgava as meninas, mas não queria a vida delas — argumentei. — Aprendi com você.

— Iris...

Ela já estava em lágrimas junto comigo.

Na minha frente estava a mulher mais incrível que conheci na vida.

— Por isso quero te propor sociedade.

— Como?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso mesmo. Quero você comigo nos negócios.

Segurei suas mãos.

— Eu não tenho capital para investir.

— Eu sei, mas tem trabalho e inteligência — argumentei, segura em suas mãos. — Aceite.

— Porra, grega! Você é demais.

— Aceite!

— Ok, aceito, mas precisamos ver os termos.

— Vamos consultar um advogado.

— Fechado, grega!

— SAS EFCHARISTÓ — agradei em grego.

Com um abraço forte, selamos nosso acordo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46

Arion já me aguardava dentro do carro, me cumprimentou friamente e pediu para o motorista seguir.

Não sei até quando iria ficar chateado comigo, por isso cedi em acompanhá-lo em um jantar de negócios.

— Tudo bem com você? — perguntei, tentando quebra o gelo.

— Sim. Estamos perto de pegar o rato do Yannis — contou sem me encarar. — Logo o terei em minhas mãos.

— Fico triste por ele. — Externei meu pesar por meu amigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fique, ele não merece. O cara entrou legalmente no Brasil — contou — Ainda não sei quem facilitou.

— Como assim? Ele disse que estava ilegal.
— Achei estranho.

— Nunca esteve. Tinha visto de estudante — explicou. — Veio atrás de você, mas teve ajuda.

Virou o olhar de lado.

— Tenha cuidado, Íris — pediu. — Gosto de saber que anda cuidando da sua defesa.

— Sim, estou fazendo aula de defesa pessoal.
— Mais uma coisa que não havia contado e ele.

— Sei. Estou de olho em você e neste romance.

— Por favor, Arion...

— Não vou me meter nisso, *Ágape*, mas sei onde e como isso terminará, já vivi essa situação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lara?

— Prefiro não falar.

— Ok, ok.

— Ele vai te magoar, eu sinto aqui.

Levou a mão ao peito.

Fizemos silêncio o resto do caminho.

Mas suas palavras mexiam comigo, porque sei que tinha toda razão.

Já no restaurante, desci assim que o motorista abriu a porta. Segurei nos braços de Arion e seguimos para dentro.

Estava bem vestida, com um vestido verde água até os joelhos, cabelo preso em um coque frouxo.

Elegante, diria.

Quem imaginaria que era a mesma Íris que vivia na ilha KATOS?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que ninguém!

Parecia tão distante aquela época.

Como se fosse outra vida. Mas tinha saudades de casa. Muitas saudades, por sinal.

O lugar era requintado, vários homens e mulheres de ternos aguardavam. Já tinha visto várias reuniões destas, a maioria daquelas mulheres eram prostitutas de luxo e trabalhavam para o Arion.

Sim, isso mesmo. Arion trabalhava com agenciamento de acompanhantes de luxo, mas sem traficá-las. Elas iam até ele por conta própria.

Mas ninguém nunca diria isso em voz alta, era código entre eles e as pessoas reais por ali nem faziam ideia disso e, se faziam, fingiam demência para não perder o luxo.

Cumprimentamos a todos, vários homens vieram ao nosso encontro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O restaurante foi fechado só para eles.

Sempre me sentia deslocada nestes locais, mas fingia bem.

Arion se afastou para falar de negócios em particular e peguei uma taça para não ficar com a mão desocupada.

— Sempre com esse *MALAKAL* a tiracolo.

Voltei para olhar o Arthur de frente.

Belíssimo, totalmente de negro, seus olhos pareciam mares revoltos, barba aparada. Só em imaginar o que aquele homem podia fazer comigo, me deixava em fagulhas.

— Boa noite, senhor Marlus. — Suspendi a taça em cumprimento. — Bom encontrar com o senhor.

— Engraçadinha!

Bebeu a taça toda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que seu amigo veio vender mais prostitutas a esses velhos nojentos? — Parecia no limite. — Que ele só é rico porque vive de agenciá-las?

— Sim, morei em sua casa, sei como funciona. — Levantei a cabeça, ativa. — Não me meto nas escolhas dos outros.

— Então acha um trabalho digno? — desdenhou.

— Não julgo, e elas que o procuram por necessidade. Ele não as maltratam, além de ajudar às suas famílias — justifiquei. — Tem pessoas que não têm escolhas, Arthur.

— Sempre existem escolhas!

— Diz o cara que passou a vida tendo dinheiro!

Entreguei a taça ao garçom e me afastei, mas sua mão me segurou firme.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto de você no meio disso.

— Tem um monte de coisa que não gosto sobre você, mas não me vejo reclamando. — Olhei para sua mão e ele me soltou. — Não vim aqui para brigar.

O deixei sozinho, me afastando.

Passei o resto da noite tentando não olhar para ele. Sabia que havia ido a fim de conseguir patrocínio para o filme e todos os bajulavam. Se revezavam por um segundo de sua atenção.

Encontrava-se sozinho, não vi a cobra loira em nenhum lugar.

Seus olhos me seguiam pelo salão.

— Ele parece perturbado — Arion disse ao chegar perto de mim. — O ciúme é um bicho feio.

— Você também? — reclamei, chateada.

Estava chateada, achando tudo um saco,

PERIGOSAS ACHERON

queria ir para casa.

— Não estou mentindo. Ele daria a vida para arrancar minha cabeça. Na mente deste homem, sou um concorrente ao coração da princesa Íris. — Riu com humor. — *MALAKAL!*

— Vocês dois amam se chamar de babaca — grunhi, chateada. — Não vejo graça em nada disso.

— Homens, *ágape*. Homens!

— Todos bobos.

— Nisso concordo com você!

Acabei rindo dele.

Capítulo 47

Já me encontrava de saída da festa, Arion pediu para aguardar que já voltava para irmos.

Segui para o banheiro, estava bastante apertada.

Iria aproveitar para usar o banheiro e jogar um pouco de água no rosto.

A noite foi tensa.

— Você prometeu!

Ouvi a voz da Lara Sophia, que parecia exasperada, chateada. Não a tinha visto na festa.

— **VOCÊ MENTE!**

Gritava, nervosa, mas não ouvia a voz da

outra pessoa.

Segui o barulho dela e olhei pela pequena porta aos fundos.

Arion estava em pé a sua frente, de cabeça baixa, e ela batia em seu peito, nervosa.

— Eu odeio você!

Gritou e foi agarrada com tanta força por ele, e minutos depois estavam em um beijo avassalador.

Ele a domava com sua boca, segurando seus cabelos.

Já imaginava que existia uma história entre eles e pelo jeito não havia acabado.

Voltei pelo mesmo caminho sem fazer barulho.

— Onde vai?

Arthur?

— Você quase me mata do coração, homem!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Segurei na parede com o susto.

— Desculpa — pediu, tocando meu rosto. —
Vi você seguindo para cá.

— Estava procurando o banheiro — menti.

— Hum, posso te mostrar — falou ele,
tocando meus lábios. — Saudades.

— Podemos ser vistos — brinquei, me
aconchegando nele.

— Eu sei. Por isso ainda não ataquei sua boca
deliciosa.

— Sem vergonha! — Me derreti para ele. —
Sonhei hoje com a Grécia, com a ilha.

Contei, saudosa.

— Tem vontade ir de lá?

— Sinto muitas saudades, mas sei que minha
vida agora é aqui — expliquei. — Mas sinto falta,
até mesmo da sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E do dono dela?

— Esse nem tanto. Ele dificultou um pouco minha vida lá.

Ele sorriu de leve e cheirou meu pescoço.

— Lembro-me de você dançando e cantando. Era a imagem mais linda do meu dia.

— Sêrio?

— Sim. Esperava ansioso sua chegada.

— Nem parecia.

— Pode acreditar, minha Íris. Você e sua alegria eram o ponto alto do meu dia. — Ele cheirou de novo meu pescoço, me arrepiando. — Você era a única coisa que não me deixava enlouquecer.

Fiquei chocada com sua afirmação.

— Perdi muito tempo sendo imbecil, mas prometo me redimir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantou meu queixo, firmando meu olhar no seu.

— Não vou perder mais um dia após tudo isso acabar.

Vi sinceridade e outras coisas ali.

— Prometo, minha Íris, tudo vai ser diferente.

Com um toque suave ele beijou meus lábios.

Senti saudades, amor, carinho, desejo de poder seguir com ele para casa.

De um “para sempre” entre nós.

— Vamos, *ÁGAPE*?

Arion quebrou nosso encontro.

Sua voz estava nervosa e desequilibrada, provavelmente pelo encontro com Lara.

— AS TO THIALO! — Arthur gritou para ele, batendo na parede, bravo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero discussão. — Arion levantou a mão, calando-o, e saiu do local pisando duro. — Vamos, Íris!

— Tenho que ir — falei, olhando meu amigo pelas costas. — Desculpa!

— ODEIO DEIXAR VOCÊ SEGUI-LO! — Arthur bateu na parede mais uma vez, nervoso. — Era comigo que deveria ir.

— Vai ficar tudo bem.

Ficando na ponta dos pés, beijei sua boca e segui Arion pelos corredores.

No momento ele precisava de mim. Como um dia chorei em seus braços a dor do meu amor perdido, era minha vez de ceder meu ombro amigo.



— Eu vi você com Lara — contei já no carro.

— Esquece, *Ágape*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu corpo estava tenso e seu semblante pesado.

— Só quero que saiba que estou aqui. —
Segurei sua mão. — Que pode contar comigo.

Nada foi dito por ele por alguns minutos.

— Ela era linda quando a conheci — disse
com voz pesada. — Parecia uma boneca.

— Lara?

— Sim. A encontrei no Egito, foi vendida por
seus pais.

Meu Deus! Bem que ela disse que os pais
dela eram péssimos.

— Dois inúteis que até hoje sugam dela —
resmungou ele. — Tenho vontade de meter uma
bala na testa dos dois.

Entendia sua raiva.

— Fiquei tão apaixonado que a levei comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paguei alguns dólares para um homem, o cara era bom negociador, mas eu era melhor, e no fim consegui levá-la comigo.

Seu riso não tinha humor.

— Mas não tinha futuro.

Finalizou.

Tinha mais, muito mais, mas conhecendo-o, não iria contar.

— Sinto muito.

— Não sinta. Não era para ser.

Deu de ombros e virou-se para a janela do carro.

Mas um com o coração partido.

Vida injusta e estranha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 48

Olhei o vento lá fora e um vazio tomou conta do meu coração.

O dia estava igual aos meus sentimentos. Nebulosos, como uma prévia de um temporal.

Tinha mais de uma semana que não via o Arthur, por conta dos seus compromissos falávamos por telefone secretamente, mas achava isso tão ruim. Queria poder tocar, sentir, fazer um jantar e ouvir seus problemas, mas achava que nunca seria assim entre nós.

Desconfiava que me iludia com um futuro que nunca chegaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho uma surpresa para você — Isabel falou da porta da minha sala.

— Hum — resmunguei, desanimada.

— Que alegria, hein?!

— Desculpa. É que hoje ando meio pensativa.

— Percebi,. Mas tenho uma coisa que vai te animar.

Bateu palmas, contente.

— Sério, estou encantada.

— Conte logo!

— Não. É segredo. Vem comigo.

Levantei e segui para a garagem do local. A Niza já se encontrava lá.

— Fica tranquila que cuidarei de tudo por aqui. Cibeles vai ficar comigo. — disse, beijando meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Como assim?

Não estava entendendo nada.

— Só vá e se divirta, amiga. Seja feliz por alguns dias.

Não entendi nada, mas entrei no carro que aguardava na garagem com um motorista que já havia visto com Arion.

— Onde vamos?

Um medo e uma euforia me dominavam.

— Aeroporto!

— Como assim, gente?

Abri a boca para mais perguntas, mas percebi que o rapaz também não sabia de nada.

O aeroporto de Guarulhos apareceu para mim, então realmente ia viajar.

Peguei o celular e liguei para Cibeles.

— Não se preocupe, Íris — garantiu ela. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou bem. Se divirta. Você merece.

— Para onde estou indo?

— Para casa — falou com um sorriso. —
Traga um pouco de lá para mim.

Uma ansiedade me abateu. Iria para casa. Iria para casa.

— Como?

— Fica tranquila. Logo vai saber. Seja feliz.

Desligou e assim que o carro passou pelo aeroporto, um jatinho particular estava parado.

— Senhora?

O motorista abriu a porta e a frente Flávio sorria como um bobo.

— Olá.

— O que está acontecendo?

— Calma, só uns dias de folga — brincou. —
Vocês merecem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mostrou o avião e eu segui para lá sentindo minhas pernas bambas de medo e apreensão.

Uma aeromoça simpática me aguardava, segui para o fundo e lá estava o homem mais lindo do mundo.

— Minha Íris.

Não resisti aos seus braços e me joguei neles.

— Onde estamos indo?

Perguntei com os olhos em lágrimas.

— Para casa, para casa.

Chorei, segurando em seu corpo.

— Não era para te fazer chorar.

— Eu sei, mas sonhei demais com isso. —
Funguei. — Estou feliz.

Levando-me com ele, sentou-se na poltrona e me pôs em seu colo.

— Merecemos um tempo juntos. Estou com

PERIGOSAS ACHERON

saudades demais de você.

— Também estou de você. — Toquei eu rosto.

— Vou criar lembranças maravilhosas com esse fim de semana, e você esquecerá de todos os dias ruins que te fiz passar.

Sorri, tocando sua pele quente, e fixei meu olhar no seu, tentando traduzir tudo que sentia naquele momento.

— Te amo.

— Eu sei.

Beijou minha testa e sentei na poltrona ao lado.

Ele encaixou meu cinto, e estava feliz demais para me importar que mais uma vez ele não retribuía minha declaração de amor.



PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de mais de doze horas de voo, onde dormi e acordei, joguei paciência com Arthur, bebi, namorei no banheiro... Chegamos!

Era o lugar mais lindo do planeta para mim.

O cheiro, tudo igual como deixei.

Abracei meu corpo e chorei.

Finalmente pude ver meu país de novo.

— Vamos? — Arthur pôs a mão em minhas costas, me levando para o helicóptero que nos aguardava.

— Obrigada! Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Estava feliz, deslumbrada, era o melhor presente que havia recebido em anos.

O mar seguiu abaixo de nós, belíssimo, uma mistura de verde com azul. Nenhum lugar do planeta tinha águas mais belas que minha Grécia.

— SASSAS EFCHARISTÓ!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— SASSAS EFCHARISTÓ!

Retribuiu meu agradecimento, sorrindo ao ver minha alegria, que com certeza devia parecer uma criança em um passeio muito desejado.

— Lindo, lindo!

Uma lágrima molhou minhas mãos.

Lembrei do dia que havia saído dali, fugindo, na calada da noite, temendo por nossas vidas.

Voltava com a luz do dia, com o sol e uma nova pessoa.

— Sassas efcharistó!

Disse baixo, só para eu ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 49

Acho que todos da ilha poderiam ouvir as batidas do meu coração.

Desci do helicóptero segurando meu corpo, o vento bagunçando meus cabelos, não me importava o cheiro de mar. O cheiro de casa tomou minhas narinas.

Reconheci a casa de Arthur, o lugar onde vivi momentos.

O lugar onde nos conhecemos.

Estava em casa.

— Eu...

Não conseguia falar, a felicidade era grande

PERIGOSAS NACIONAIS

demais que embargava minha garganta e nenhum som saía.

— Calma, calma.

Segurou meu corpo perto do seu e fez carinho nos meus cabelos, tocando meu rosto.

— Não foi para chorar que trouxe você.

Era um choro convulsivo. Me afastei dele e encarei nos olhos mais lindos que já vi na vida.

— Nunca imaginei voltar um dia — falei por entre minhas lágrimas. — Obrigada. Esse é o melhor presente que poderia ter me dado.

— Você merece, minha Íris.

Abri os braços, olhando para o mar a nossa frente.

— SASSAS EFCHARISTÓ, Arthur Marlus!

Com o sorriso mais puro que já vi em seu rosto, me abraçou rodopiando meu corpo, e eu abri

PERIGOSAS ACHERON

os braços para receber o beijo do vento da minha Grécia.



Depois de um banho relaxante, pois foram horas de viagens, mas ainda assim meu corpo não conseguia desligar, queria descer para ver todos da ilha, queria falar com as pessoas.

Mas sei que não poderia. Ir até ali já foi perigoso.

Queria tanto rever minha casa. Sabia que havia sido alugada, mas queria tanto o cheiro do café do senhor Deodoro e saber como estava toda a família.

Queria abraçar meu povo, aqueles que foram minha família por tanto tempo.

— O que pensa, minha Íris?

Arthur me abraçou por trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti o cheiro do seu perfume misturado com xampu.

A casa continuava a mesma, nada foi mudado, todas as coisas estavam onde deixei quando fugi.

— Queria descer.

— Não acho apropriado. Não hoje.

— Eu sei.

Virei para ele, estava com cabelos molhados, barba aparada, mas o semblante calmo e relaxado.

Era um homem imponente, belíssimo, diria.

— Feliz? — perguntou, sorrindo.

— Sim, feliz. Acabei de falar com Cibeles.

— Bom, ela foi de grande ajuda. — Beliscou meu nariz.

— Ela é sua mãe, sempre foi. — O abracei pelo meio, encostando minha cabeça em seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é especial. — Beijou o topo da minha cabeça. — Sabe o que sempre sonhei fazer com você aqui?

— Hum...

— Sempre via você dançando, limpando, parecia tão pura, tão bela. — Ele riu de seu próprio comentário. — Me sentia um nojento por desejá-la.

— Por isso me tratava de forma péssima!

— Pode ser. Você era alegre demais e não tinha nada, enquanto eu tinha tudo e não conseguia sorrir. — Riu de novo. — Odiava isso, odiava esse desejo que me despertava.

— Mas qual era esse desejo? — desconversei, não querendo falar de coisas tristes.

— Venha, que vou te mostrar.

Puxou-me pela mão e levou para a cozinha.

— Sonhei que dobrava você sobre esse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

balcão por meses.

Eu ri e me dobrei, ficando com a bunda virada para ele.

O ouvi gemer atrás de mim.

— Assim...

— Meu Deus! Criei um monstro.

Segurou minha cintura, passou a mão no meu corpo por cima do roupão.

— Linda, bela...

Continuei deitada sem me mover.

Quantas vezes quis que ele me tomasse, desejei seu beijo, palavras de carinho.

Enfim estava acontecendo.

— Fica aí — pediu

Andando até a adega, tirou de lá uma garrafa de vinho e colocou na taça, me apreciando por cima da borda da mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuei dobrada sobre a bancada com os braços para frente, sorri sexualmente para ele, gostando de provocá-lo.

Aprendi que com ele não tinha limites de prazer.

Gostava de tudo que aprendi com ele.

— Sua boca é deliciosa, carnuda, tenho vontade de passar dias saboreando-a.

Passei a língua nos lábios.

— Perversa.

Sorri, piscando.

Ele se aproximou e pôs a taça na minha mão.

Saboreei o vinho e sua mão segurou minha bunda.

Suspendendo o roupão, mostrei que estava sem calcinha.

— Perversamente deliciosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um dedo fez passagem para dentro de mim, acabei empinando mais com o impacto.

— Isso... Molhada, pronta...

Sua respiração estava no meu pescoço e sua língua brincando com minha orelha.

Fechei os olhos e senti.

Com facilidade seu pênis invadiu minha vagina molhada, a taça acabou caindo no balcão, mas não me importava enquanto o líquido descia para o piso da cozinha.

Os nossos gemidos se misturavam na dança do prazer.

— Minha... Íris... ah, droga... Íris...

Seus rugidos e palavras desconexas pareciam sinfonias.

Gritei seu nome segurando o balcão, e me desfiz em vários pedaços de tanto prazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, sim... minha, ahhh, porra, Íris...



Nem acredito que estava vivendo tudo aquilo.

Um jantar na areia da praia.

Esteira estendida, lampião, comida que preparei, as estrelas e nós dois.

Parecia um sonho, conto de fadas.

Vestida com um vestido simples, cabelos presos por conta do vento, meus pés descalços, olhei para o Arthur que precisou atender ao celular.

Vestido só com uma bermuda branca ele falava calmamente com alguém do outro lado.

Assim que terminou sua ligação, veio para perto de mim e aceitou a taça que o entreguei.

— Problemas? — perguntei.

— Não, patrocínio. — Piscou, relaxado. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perdão, mas precisava atender.

— Tudo bem, senhor Marlus.

— Ousada.

Segurando meu queixo ele beijou meus lábios e o sabor de sua boca era uma mistura de vinho com morangos que tinha comido há pouco.

— O lugar mais lindo do mundo — disse, virando para o mar. — E olha que já conheci muitos lugares.

— Eu amo esse lugar. — Sorri.

— Um dia quer voltar? — Sondou meu rosto.

— Não sei se voltar para morar, mas queria poder vir aqui várias vezes, sem temer nada nem ninguém.

— Você já pode, minha Íris.

— Graças a você. — Toquei seu rosto.

— Você merece o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu mundo todo se encontra comigo.

Bati no peito para enfatizar e ele me olhou, sério, tocando meu rosto.

— Você é um presente, pura e especial.

Tocando meus lábios com os seus, ele me deitou na areia e fizemos amor sob as estrelas de *KATOS*.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 50

A biblioteca do Marlus me atraía. Fiquei horas olhando os livros, lembrando-me do tempo que não podia comprá-los.

Passei tantos perrengues na vida, mas era grata, pois não tinha lugar para ingratidão na minha vida.

O que ele escrevia sobre nós estava na mesa em um lugar de destaque.

Olhei sua capa, alisei e abri uma página aleatória.

“Ela dança, parece que sua alma vibra felicidade em meio à fome, mas nada daquelas dores tirava o brilho de determinação em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar. Era com fascínio que a observava. O que tem essa moça?”

Fechei o livro e olhei pela janela.

O QUE TEM ESSA MOÇA?

Foi isso que ele se perguntou quando me viu?

— Tenho uma surpresa para você.

Falou de perto da porta, desviando o olhar para o livro, mas não comentou nada.

Segui até ele, que suspendeu a mão, me chamando.

— Venha!

Lá fora o sol brilhava, nos convidando a ser feliz.

Levantei os braços para o ar e girei.

Dancei feliz a sua frente.

Cruzando os braços ficou me observando com um sorriso discreto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz volta ao redor dele e continuei a dançar ao som da natureza.

— Linda e livre... — disse. — Foi assim que senti ao te ver dançar pela primeira vez.

— Olá, senhor Marlus... — Ri. — Você me chamou de ratinha e gritou comigo.

— Culpado!

Levantou as mãos para o alto.

— Estava encantado com o impacto de sua beleza e alegria, não sabia como lidar.

— Não justifica! — falei, rindo alto.

— Perdão, minha Íris!

Segurou meu rosto e beijou meus lábios.

— Quero te mostrar uma coisa.

Me encaminhou para perto do cais que dava na praia, onde tinha uma lancha.

— Vamos passear?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, vamos ver a ilha para matar sua saudade.

Pulei e gritei, deslumbrada.



A sensação do sol e vento era indescritível.

De biquíni preto, olhava Arthur conduzir a lancha com suas mãos fortes, meus cabelos ao vento, uma sensação de liberdade. A ilha se apresentou a frente, com suas casinhas brancas, vários barcos, pessoas indo e vindo.

Minha casa!

Parecia tudo igual.

Ele parou distante do local normal e ficamos olhando a cidadezinha a nossa frente.

— Parece tudo tão igual — falei, emocionada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje temos um hospital digno graças a você — falou, sério. — Pretendo construir um mercado para a venda dos peixes e produtos da região.

— Por quê? — perguntei, curiosa.

— Porque é seu lar e vou cuidar dele. — Deu de ombros. — Esse povo tem tão pouco.

— Você diz que não tem coração para amar, mas faz tantas coisas lindas que duvido que não bata um dentro de você — brinquei.

Ele não respondeu e continuou olhando para frente.

— Queria poder ir lá. — Mudei o rumo a conversa ao perceber seu desconforto.

— Ainda é perigoso. Não sabemos quem vem fazendo as ameaças, você teria que dizer que veio comigo, isso não seria bom — explicou e eu entendi. — Mas assim que terminar tudo, você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderá voltar para sua terra.

— Sim.

Voltei a olhar o mar a minha frente.

— Queria poder fazer muito pelo meu povo.

— Vamos fazer. Me dê um tempo?

— Todo o tempo necessário, Arthur, mas saiba que não me deve nada.

Falei para deixar claro que não o estava obrigando a seguir comigo, que ele não tinha dívidas para comigo.

— Você é tão doce e ingênua.

Pegando-me no colo ele me jogou na água e pulou em seguida.

O dia foi maravilhoso, conheci recantos da ilha que nunca tinha ido, fizemos amor no mar.

Levaria todas as lembranças possíveis, pois nunca se sabe o que aguarda no futuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltamos para casa no fim da tarde.

O meu celular tinha algumas mensagens de um número desconhecido pedindo para retornar a ligação.

O número era grego.

Aproveitei que Arthur dormiu e retornei a ligação, entrei no banheiro e sentei no vaso enquanto chamava.

— Íris?

Não reconheci a voz.

— Desculpa ligar, perdão, mas alguém ligou para saber se você está na ilha com o autor — disse em tom baixo. — Você e ele correm perigo.

— Quem é?

Meu corpo tremia.

— Uma mulher veio aqui e levou meu filho Yannis. Ele não voltou e nem retorna minhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ligações.

Era a mãe de Yannis.

— Quem é a mulher? — perguntei, nervosa.

— Não sei, mas é rica, tinha pose, veio na madrugada — disse, cochichando. — Cuidado.

— Não estou na ilha. Por que queriam saber disso?

— Não sei. A moça ligou perguntando, parecia com raiva e disse que iria acabar com meu filho se não dissesse.

— Onde conseguiu meu número?

— Yannis tinha. Alguém deu a ele e eu peguei antes de ele partir.

— Olha, tenha cuidado. Seu filho está no Brasil, eu o vi, mas não sei com quem está.

O suspiro de alívio veio do outro lado.

Mas meu coração batia forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cuidado, menina Íris.

A linha ficou muda.

Pus a cabeça entre as pernas para conseguir respirar.

— Quem era?

Arthur ajoelhou a minha frente.

— O que aconteceu?

Segurando meu aparelho, buscou o número, nervoso.

— Ela sabe que estamos aqui.

Falei com um fio de voz.

— Ela?

— Sim, uma mulher que levou o Yannis para o Brasil. Pelo jeito para me perseguir.

Era um pesadelo.

— Calma! Ninguém sabe que estamos juntos aqui, fiz tudo no sigilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas alguém ligou para a mãe dele a fim de saber se estou aqui com você.

— O que Yannis tem a ver com tudo isso?

Balancei a cabeça e o ombro sem ter o que responder.

— Venha! Vou ligar para o investigador.

Levantei e o segui para dentro do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 51

Arthur andava para lá e para cá no quarto, falando com alguém em inglês do outro lado da linha. Ele gritava e gesticulava, nervoso.

— Yannis falou porque foi embora da Ilha?
— me perguntou em grego.

— Não, não quis falar, também não insisti — respondi, ainda sentada na cama.

Estava trêmula com essa situação.

Arthur voltou a falar com a pessoa do outro lado da linha, supostamente o detetive da polícia de Nova Iorque, onde aconteceu a morte da mulher dele. Era a mesma pessoa que havia prendido o assassino que investigava o caso atual.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desligou, nervoso.

— Ele vem para a ilha e vai descobrir de onde partiu a ligação. — Puxou o cabelo, mostrando o quanto estava nervoso com a situação. — Vou resolver isso, Íris. Eu juro para você.

— Eu sei. — Apertei sua mão. — Você vai conseguir.

— Só temo por sua vida ou da Cibele. — Estremeci com esse pensamento.

— Não vai acontecer nada. Vamos no cuidar, mas creio que a pessoa que está fazendo isso tudo, só o faz para te amedrontar.

Ele me olhou de lado, pensativo.

— Pensa comigo: a pessoa sabe que você teme isso porque já viveu antes e usa isso para tê-lo nas mãos.

— E se não for? — ele indagou.

PERIGOSAS ACHERON

— E se for?

Ficamos calados, olhando para frente.



Não tinha mais clima para ficar na ilha, então voltamos para Atenas.

Tentei animar Arthur, era nosso último dia no meu país e queria aproveitar.

De óculos aviador e roupas pretas, ele segurou minha mão para atravessar a rua.

Estava belíssimo, informal com seu boné para não sermos reconhecidos.

Preferi um vestido leve, prendi o cabelo numa trança, óculos escuros e sandálias rasteiras. Nunca tinha ido à capital do meu país.

O comércio e o turismo eram o que mantinham a cidade.

Muitas pessoas andando para lá e para cá, o ritmo era intenso e encantador.

— A situação econômica da Grécia ainda é complicada, embora tenha apresentado alguma recuperação.

Explicou Arthur assim que nos sentamos em barzinho com cadeiras na calçada.

Estava me sentindo encantada.

O país passou por intensa crise em 2009, mas vinha se recuperando e eu torcia para que tudo ficasse bem.

— Você quer conhecer Parthenon e o Erecteion?

— Sim. — Acho que meus olhos brilharam ao saber que iria visitar o templo da deusa Atenas e Posídon. Um dos mais conhecidos edifícios remanescentes da Grécia Antiga.

Já tinha visto fotos, mas veria pessoalmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seus olhos brilham quando está feliz. —
Arthur sorriu ao tocar meu rosto. — A mais bela
imagem.

Creio que estava vermelha, mas feliz com seu
elogio.



Olhei da janela do jatinho a Grécia ficando
para trás e lágrimas molhavam meus olhos.

Nem creio que vivi aquele fim de semana
mágico.

— Vou sentir saudades.

Falei com voz saudosa.

— Voltaremos.

Beijou minha testa para me acalmar.

O futuro parecia tão incerto e distante.

Suspirei e encostei a cabeça em seu peito.

PERIGOSAS ACHERON



Uma semana depois.

— Queria ficar com essa cor quando vou à praia — resmungou Isabel. — Fico parecendo um camarão frito.

Ri do seu comentário.

— Na realidade, queria um deus Grego igual ao Arthur me sequestrando e levando para uma ilha.

Suspirou André.

— Droga! Ele deveria ser gay! — Bateu o pé e mordeu a unha. — Só arrumo macho ralé.

Acabou que todos caíram na gargalhada.

— Só peço que isso fique entre nós — pedi

— Lógico, amiga. Ninguém vai saber que

você transou um fim de semana inteiro com aquele deus Grego. — Piscou André.

Revirei os olhos.

— Vamos trabalhar que é melhor — falei. —
Como vai o treinamento dos novatos?

— Tudo ok! — Isabel respondeu.

— Ótimo! Vamos fazer uma reunião de boas-vindas com um bom café?

— Comida! Adoro!

— André!

Gritamos Isabel e eu ao mesmo tempo, e ele deu de ombros.

Eram meus amigos, uma família que formei.



Saí mais cedo com a desculpa do treino, mas na realidade iria me encontrar com Arthur em

PERIGOSAS NACIONAIS

nosso cantinho.

— Oi.

Falei, abrindo a porta, e ele sorriu, vindo da janela até mim.

— Saudades, minha Íris.

Abraçou-me forte, tinha dois dias que não nos encontrávamos.

Afastei de seu abraço e abri o casaco.

Um conjunto preto com direito a cinta liga adornava meu corpo.

Comprei quando passei em uma loja de roupas íntimas no shopping, achei tão sexy, pelo olhar que estava ganhando acho que fiz bem em comprar.

— Veio vestida só com isso? — perguntou com o pescoço virando para o lado, me analisando.

— Sim — respondi gaguejando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que havia exagerado?

— Acho que vou ter que punir você por isso.

— Bateu no próprio queixo com os dedos. —
Poderia ser atacada.

— Sei me defender — resmunguei.

— Sabe?

Falou perto do meu ouvido, me arrepiando
toda.

Chupou minha orelha.

Lambeu meus seios por cima da peça.

Um dedo veio para dentro da calcinha.

— Arthur...

Gemi.

— Dança para mim?

Pediu, se afastando.

Um som de uma música com uma batida sexy
saiu da TV que nunca havia sido ligada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Girei meu corpo e deixei a música me levar, reconhecendo a letra, *Love Is a Bitch*, do Two Feet.

Ele se sentou para apreciar o show.

Vidrado.

Excitado.

Girei, desci, passei a mão em meu corpo.

A música pedia sensualidade, desejo, luxúria, estava gravada em cada nota.

— Venha cá?

Solicitou, alisando a calça por cima do jeans.

Com os pés descalços e cabelo desgrenhado, era a visão perfeita de um homem dominador e bem-sucedido.

Perigoso, sagaz, e aquilo tudo me atraía como um ímã.

Era perigoso esse sentimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 52

Levantou e segurou minha cintura, a enganchando na dele com jeito feroz.

Empurrando a porta do quarto, me pôs na cama como um cristal e desceu os dedos por minha pele.

Apreciou meu corpo com as pontas dos dedos.

Segurei na barra da cama e o deixei dominar, trabalhar.

Colocando a calcinha para o lado, Arthur soprou minha vagina e eu estremeci.

— Pura! — gemeu. — Minha!

Escorregou um dedo para dentro e com a

PERIGOSAS ACHERON

outra mão brincou com meu clitóris.

— Arthur... — Meus dedos deviam estar brancos de tanto apertar a barra da cama. — Por favor.

— O que, Íris? Por favor, o quê?

Ele levou minha intimidade à boca e fui às alturas.

Estava derretida e a mercê de suas mãos e boca.

— Por favor...

Pedi, inclinando para receber sua língua.

Sem soltar minha boceta, vi o barulho do cinto sendo aberto.

Rebolei automaticamente em sua língua.

Então o orgasmo me varreu de dentro para fora, rasgando com força.

— Arthur...

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantou-se e com a ponta do pênis cutucou minha entrada.

— Você fica linda gozando...

Entrou com força e gritei com o impacto prazeroso do seu pau em minha vulva.

— Mais...

Gemi e ele me deu, socando forte, minhas pernas totalmente abertas.

Seus olhos azuis pareciam duas lagoas de luxúria olhando para mim, batendo dentro e fora.

O som dos nossos corpos eram sinfonias.

— Agora, Íris. Agora, comigo!

Exigiu, selvagem.

— Sim...

Gozamos juntos.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda vai me fazer ter um infarto —
gemeu ele, rolando para o lado.

Ri de seu comentário.

— Nem consigo me mexer.

Brinquei.

Depois da primeira rodada quente, fomos
para uma segunda, regada a beijos e muito carinho.

— Não sou tão jovem assim.

Ele era um mentiroso, porque estava em
forma em seus trinta e oito anos.

E lindo de morrer.

— Como foram esses dias? — perguntei.

Sei que estava numa intensidade com a
organização da gravação.

— Correria. Vamos fazer as primeiras
tomadas do filme na ilha, por isso irei viajar para lá
com a equipe por uns cinco dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Explicou e eu me senti triste.

Deve ter percebido, pois suspendeu meu rosto.

— Vamos nos falando. Vai passar rápido — falou com voz calma.

— Tudo bem, estou tranquila — menti.

— Você mente mal. — Riu de leve. — Queria levar você comigo.

— Tudo bem.

Beijei sua boca para esquecer.

— Minha Íris, tão forte, tão doce...

Aprofundou o beijo e eu me perdi nele, não querendo pensar no futuro, porque o que importava era o presente.



Tinha duas semanas que o Arthur havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viajado e já estava louca de saudades. O que era para ser alguns dias, tinha se tornado vários.

Aquele homem tomou meu coração por inteiro e tudo pertencia a ele. Cada parte do meu ser, tudo gritava por Arthur.

Às vezes me odiava por essa dependência, não estava sabendo lidar com tanta distância.

Tinha dias que ele falava comigo, mas tinha dias que acabava que não conseguia falar. Sei que era perigoso ligar, mas me pegava fazendo horas da noite para ouvir sua voz.

Como naquele momento, sabia que não deveria, mas estava com muitas saudades.

Depois de dois toques...

— Alô. — Voz de mulher.

Fiquei muda, sem saber o que dizer. Era o número do Arthur, falava sempre neste número.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai falar nada não? — *Lara?* —
Amorzinho, acho que era para você.

Amorzinho?

A voz dela parecia doce, sorridente.

Uma dor aguda apertou meu peito.

Um sentimento de traição dupla.

— Quem é, Lara? — A voz dele ao fundo confirmou o que temia.

— Não sei, ficou mudo. E como foi o banho?

Banho?

Amorzinho?

O coração afundou no peito, uma dor tomou conta de mim.

Sentei-me no chão do quarto e chorei.

Sabia que tudo isso me machucaria, me magoaria.

Achei que seria exclusiva? Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um grito agudo saiu de minha boca.

O telefone passou a tocar, mas não atendia.

Desliguei.

O da casa também tocou, levantei-me e tirei do gancho.

Afundi no sofá com o peso da minha dor e decepção. Amar era muito ruim. Eu disse que o amava e ele nunca retribuiu.

Eu mereci pela ingenuidade, mas não aconteceria de novo.

Prometi a mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 53

Dois dias depois

Resolvi viajar, precisava deste tempo. Como seria feriado prolongado, aceitei o convite do Arion.

Iria para a Suíça encontrar o Klaus, desta vez a Cibele iria comigo.

Com o sumiço de Yannis, que parecia ter evaporado do mapa, e toda dor em meu peito pelo que aconteceu com Arthur, achei o convite propício para o momento.

Por meses ele vinha me convidando para conhecer sua casa lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabel falou que era linda, que já teve o prazer de conhecê-la.

Para mim seria um refúgio.

Esses dias foram um tormento. Arthur ligou, esbravejou com todos que conseguia o número, mas ninguém me convenceu a atender sua ligação.

Fui boba em acreditar que em seu mundo tinha lugar para mim.

Cibele me olhava com pena, me deu colo várias vezes durante esses dois dias, me pegava triste ou chorando, sempre me abraçando e dizendo que tudo ia ficar bem.

— Não pensa que me engana, *ágape* — falou meu amigo, já dentro da aeronave. — Sei que tem alguma coisa martirizando você.

Suspirei, olhando através da janela.

— Sempre fomos amigos. — Virou meu rosto para ele. — Conte.

PERIGOSAS ACHERON

Não sei se ele iria gostar de saber que sua amada estava namorando o Arthur Marlus e que isso me fazia ter náuseas.

— Depois conversamos — desconversei.

— Uma hora vai precisar se abrir — brincou.

Cibele, com fones de ouvido, se movimentava ao som da música, alheia a nossa conversa.

Estava feliz que veria o irmão.

Com tantas tribulações, não pensei como seria essa minha ida para ver Klaus.

Ele não escondia o desconforto à minha presença.



Chegamos em *[Saint-Louis](#)* no fim da tarde.

O local era muito frio, Cibele segurou minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mão e fez bico com a boca, onde saiu fumaça e acabamos rindo.

Ainda bem que estávamos agasalhadas.

Acho que estava pesando uns cem quilos com tanta roupa.

O carro já nos aguardava na saída.

O motorista nos recebeu e pegou as bagagens para pôr no porta-malas.

Agradei e entreguei.

— Íris?

Não estava acreditando.

— Arthur? O que faz aqui?

Perguntou Cibeles, pondo a cabeça para fora do carro. Não tive coragem de virar, e minhas mãos, apesar do frio, estavam suadas.

Me sentia apavorada em enfrentá-lo.

— Olá, Cibeles. — Sua voz era simpática. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pergunte a sua irmã.

Sei que estava atrás de mim.

— Arthur?

Arion se aproximou, tinha ficado para trás para atender uma ligação.

— Com você eu converso depois. Agora quero saber o que fez para você me ignorar?

Gritou e todos os olhos estavam em nós. Ele não fazia questão de esconder o quanto estava chateado.

— Viajei horas para chegar aqui e você não tem coragem de olhar em meus olhos?

Gritou, segurando em meus braços, virando-me.

— Não grite com ela!

Arion partiu para cima dele.

O segurei antes que houvesse mais confusão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai embora, Arthur! — pedi

— Não! Só depois de me dizer o que fiz de errado.

Seu olhar era atormentado.

A barba estava grande de novo, seus olhos pareciam sem vida, o brilho tinha sumido.

— O que fiz?

Sussurrou.

— Não tem nada entre nós, olhe...

— Para, pode parar! — Levantou a mão. — Não mente!

Perdi a paciência. Era a verdade, então seria a verdade. Assim acabaria tudo de uma vez, cada um para seu destino.

— Eu liguei e Lara atendeu.

Ele fez cara de descrente.

— Lara?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arion perguntou, nervoso.

— Sim. O chamou de amorzinho, eles estavam no quarto e parecia que tinham acabado de tomar banho, pela conversa dela.

— Você entendeu errado! — gritou. — Porra!

Como estávamos falando em grego, ninguém ao nosso redor entendia, mas pelo olhar percebiam que era uma discussão acalorada.

— Seu filho da mãe!

Arion acertou Arthur com um soco no nariz.

Gritei.

Droga! Eu havia causado aquilo!

— Desgraçado!

Dois seguranças separaram os dois.

Fiquei no meio.

— Vá embora, Arthur! — pedi, amedrontada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preferiu me ignorar a me confrontar?
Você é uma covarde.

Cuspiu sangue pela briga.

— Você tem razão, não temos nada!

Sua frase foi como um soco no estômago.

Virou as costas e partiu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 54

As lágrimas me acompanharam pelo caminho.

— Você nega? — gritava Arion ao telefone, no banco da frente. — Foi a Iris quem ligou.

Pelo jeito ele falava com Lara.

— Você sempre foi uma egoísta, Lara. Sempre achou que podia usar seu corpo para se vender.

Cibele ouvia tudo encostada em mim.

— Não me procure mais, não me ligue nunca mais...

Desligou e puxou o cabelo, nervoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não deveria ter contado.

— Ela chora e nega — disse baixo. — Nunca vai mudar, vadia!

Nunca o vir com tanta raiva.

Parecia um touro na arena, pronto para a briga.

— Esqueça aquele homem, *ágape* — pediu.
— Eles se merecem.

Não disse nada.

Mas a dor nos olhos do Arthur me atormentava.

Ele não iria atrás de mim por nada, não é?

— Lara não presta. Mulher maldita! — Arion falou por entre os dentes.

No auge da raiva, bateu na porta do carro.

O carro chegou ao nosso destino.

Enxuguei as lágrimas, a culpa me corroía.

PERIGOSAS ACHERON

— Fica à vontade, Íris. Irei resolver um problema, devo voltar à noite ou amanhã — falou. — Minha governanta e meu motorista ficarão à sua disposição.

Ele se foi, ele foi atrás dela, assim como Arthur veio atrás de mim.

Precisava me confrontar, olhar em meus olhos, e eu por orgulho não o ouvi e acabei o perdendo.

— Vamos? — Cibeles segurou minha mão. — Klaus, espera a gente.

Seus olhos eram de medo, temor pelo meu estado.

Acho que só fiquei assim quando fugi para o Brasil.



— Cibeles! — Klaus correu para abraçar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã, feliz.

Os dois se abraçaram à moda grega.

Riram alto e meu coração se alegrou por ter ido e presenciado tal cena.

— Íris.

Disse sem me olhar nos olhos.

— Você cresceu, irmão. — O abracei, mas ele não correspondeu.

Ele estava enorme, parecia saudável e feliz.

Sem mim, sem a família por perto.

— Sim, fiz exercício na academia da escola.

— Trouxe umas coisas para você — contei sem ter muito a dizer.

— Vem, vamos abrir a mala! — Cibele chamou e ele a seguiu.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seria nosso último dia ali, então passeamos e fomos a vários Cafés, experimentamos a comida local e brincamos na neve. Os dois estavam se divertindo. Apesar de o Klaus não falar muito comigo, ficava feliz em vê-lo bem.

O ouvi dizer a Cibeles que iria servir ao exército grego assim que pudesse se alistar.

A angústia me consumia, a tristeza também.

Não queria meu irmão na guerra, mas sei que nada poderia fazer para desistir da ideia.

Arthur não ligou mais, mas toda hora olhava o telefone para ver se tinha ligação sua.

Era o fim.

— Você não pode continuar ignorando-a, precisam conversar — Cibeles dizia ao nosso irmão quando entrei na sala. — Íris é nossa irmã.

— Eu sei, mas sinto vergonha... — Ia terminar de falar, mas me viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vergonha? — perguntei.

Cibele baixou a cabeça e Klaus torceu as mãos, nervoso.

— Fala comigo, Klaus — pedi, sentando-me ao seu lado. — Por que tem vergonha, por que não consegue falar direito comigo?

Ele olhou para Cibele, que balançou a cabeça, o encorajando.

Levantando, ficou a minha frente.

— Foi culpa minha que você deixou *KATOS* — falou de uma vez. — Eu fui egoísta.

— Klaus...

— Deixe-o falar, Íris — pediu Cibele.

— Eu não deveria ter acreditado em outra pessoa. — Ele torceu a mão. — Foi errado.

— Você era uma criança...

— Não! Pare de ser compreensiva e

PERIGOSAS ACHERON

boazinha. Isso é irritante. — Tomei um susto com suas palavras. — Isso que odeio em você. Nunca reclama, sempre aceita tudo com ar de superioridade, como se tivesse só bondade.

Me calei e chorei.

— Eu queria sair de lá, queria conhecer mais, não desejava ser um pescador. — Cibele continuava olhando para nós dois.

“Foi horrível o que aconteceu, tive pesadelos por meses, achando que eles encontrariam a gente e nos matariam.”

Sua voz falhou.

— Eu não roubei aquelas drogas, não fiz isso, mas alguém perguntou? Fui acusado sem ter culpa — gritou com ódio. — Sim, vendi para eles, trafiquei.

“MAS NÃO ROUBEI AQUELA MOCHILA!”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não disse? Você se calou, se trancou — perguntei.

— Era minha chance de sair de lá. — Levantou os braços. — Mas foi um preço alto para vocês.

Ele sentia culpa pela forma que aconteceu, por ter nos levado junto com ele.

— Ela disse que me ajudaria a sair da ilha, mas não disse que vocês teriam que sair também.

— Ela?

— Sim, uma senhora que foi visitar o Klaus na escola — Cibeles falou. — Ele me contou, eu disse que precisava contar a você.

— Quando? — perguntei.

— Ontem à noite conversamos até tarde — ela justificou. — Foi essa mulher que forjou a mochila roubada do tráfico e assim os traficantes nos obrigaram a fugir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela disse que ia resolver tudo, e eu, egoísta, permiti.

As peças estavam se encaixando como um quebra-cabeça.

— Klaus, se eu te mostrar uma foto você a reconhece? — perguntei, aflita.

— Creio que sim.

Falou, estreitando o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 55

Precisava falar com Arion, Arthur, alguém.

Nenhum deles me atendeu.

Droga.

Arthur dava caixa postal, Arion também.

Droga, droga!

— Flávio? — Ele atendeu. — Preciso de sua ajuda.

— Oi, onde você está? — perguntou, e no local onde estava fazia muito barulho.

— Estou voltando para o Brasil ainda hoje.

— O chefe está uma fera. Culpa sua — brincou.

— FLÁVIO, ME ESCUTA!

Gritei.

Estava nervosa.

Fui até um Café, não confiava em ninguém, queria fazer isso longe das crianças.

O motorista me levou e foi até a casa onde os negócios do chefe funcionavam para saber se ele estava lá.

Pedi-me para aguardar ali em frente, pois o local não era para moças como eu.

Revirei os olhos, mas concordei.

— O aconteceu, Íris? — Flávio perguntou.

Mas o aparelho caiu da minha mão no momento em que me deparei com a pessoa que se encontrava na minha frente.

— Yannis? — disse, assustada. — Como chegou até aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Levante sem alarde e siga na minha frente.
— Sorriu, maléfico.

Estava com olhos transtornados e mostrou a ponta da arma embaixo do casaco.

— Não faça nada que vá se arrepender.
— Iris?

Gritou Flávio do outro lado da linha.

O enfermeiro pegou o celular e desligou, pondo no bolso.

— Vamos!

Levantei, orando que Flávio tivesse ouvido e alguém percebido toda a cena para contar ao motorista do Arion quando voltasse.

Que meus pais me protegessem de onde estivessem.

Senti raiva de mim por não ter dito aos meus irmãos como os amava, por não ter dado o meu

PERIGOSAS ACHERON

último beijo e abraço no Arthur.

A arma estava colada às minhas costas, assim como o Yannis.

— Entra no carro!

— Não! — Lembrando-me das minhas aulas de defesa pessoal, aguardei o momento.

Mais a frente um carro branco estava parado no meio-fio e ele tentou me empurrar para dentro.

— Agora, Iris...

— Não...

Com um fôlego que não imaginava ter, joguei meu cotovelo em seu abdome e corri, mas fui perseguida, puxada pelos cabelos, girando como o professor me ensinou, ficando de frente para ele. Iria chutar sua virilha, esperando que chegasse ajuda.

— Cala a boca!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me solta, Yannis...

— Vadia! — Ele gritou antes de eu alcançar sua virilha.

Com um safanão, deu uma coronhada com a arma em minha cabeça.

Desmaiei.



A cabeça latejava, parecia que ia explodir.

Olhei para os lados, tudo branco, era um hospital.

— Ai.

A enfermeira me olhou e sorriu, mas tínhamos um problema. Não falava alemão ou inglês.

O que faria?

Ela falava e tentava me acalmar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz gesto, pedindo um telefone.

Focando em mim, depois sorriu, saindo.

Droga!

Achei que ela não havia entendido nada.

Estava perdida.

Como sairia dali?

A porta se abriu e outra moça entrou, junto com a enfermeira de antes.

— Fala português? — perguntou a outra. — Sou brasileira.

— Sou grega, mas falo português.

Agradei aos céus.

— Bem, Íris, como se sente?

— A minha cabeça dói, preciso falar com meus irmãos.

— Ah, sim, você deu entrada aqui sem identificação — explicou sorrindo e me passando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu celular. — Alguém a salvou de um assalto e te trouxe para cá.

— Obrigada, mas preciso falar com minha família para tranquilizá-los.

Fiz a ligação sob sua supervisão.

— *Ágape!*

Arion atendeu o celular de Cibebe.

— Quase morri ao perceber que sumiu.

— Yannis tentou me sequestrar — contei rápido. — Estou no hospital.

— Estou indo.

Devolvi o celular assim que terminei de passar o endereço e desliguei.

— Obrigada.

— De nada. Espero que tudo se resolva.

Então sorriu, deixando o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 56

Arion chegou ao hospital em tempo recorde.

Cheio de olheira, nervoso, Lara estava com ele, mas acho que não consegui esconder minha repulsa por ela.

Ficou na porta me olhando, triste.

— *Ágape*, como está? — perguntou ele, olhando feio para a enfermeira que trocava meu soro.

— Estou bem. Nem acredito que ele me perseguiu até aqui.

Choraminguei, tendo naquele momento a visão nítida do que aconteceu. Poderia estar morta ou ter sido estuprada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma, *ágape*.

Pediu, me abraçando.

— Já consegui pegá-lo.

Afastei-me para olhar em seus olhos.

— Sêrio?

— Sim, ele veio para o país errado. — Sorriu.

— Vamos descobrir quem o ajuda, pois ele não fez tudo sozinho.

— Acho que sei quem o ajudou. — Seu olhar virou para a porta, encontrando a Lara. — Klaus me contou uma coisa que você precisa saber.

— Hum... mas acho que antes você precisa conversar com a Lara.

Virei o rosto para a janela. Não queria falar com aquela mulher, não queria saber de nada vindo dela.

Segurando meu rosto, o virou para ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Escute — pediu.

— Ok.

— Vou falar com seu irmão e já volto. —
Seguiu até a porta, tocando o braço da Lara no caminho. — E tem mais alguém inquieto aí fora. Você dormiu por doze horas e nos deixou loucos à sua procura.

— Alguém? — perguntei, mas ele não respondeu, nos deixando sozinhas. — Doze horas?

— Sim, você apagou por doze horas, segundo os médicos. Nesse tempo estávamos todos loucos te procurando, até recebermos sua ligação há pouco.

— Cibele?

— Deve vir agora, junto com seu irmão e Arion. — Ela deu de ombros. — Ela não parou de chorar.

Meu coração afundou com esse pensamento. Meus irmãos sofrendo sem saber se me
PERIGOSAS ACHERON

encontrariam.

— Íris...

Minha vontade era mandá-la sair.

— Não precisa explicar nada — falei, azeda, com o bicho do ciúme me corroendo.

— Sim, preciso. Você nunca irá me perdoar e Arthur também não. — Puxou os cabelos, tensa. — Droga! Eu bebi demais, tenho esse problema quando fico triste.

Continuei calada, olhando para ela, que parecia perdida e frágil.

— A Lídia disse que seria bom...

— A Lídia? — interrompi.

— Sim, aquela desgraçada me deu bebida. Estou tentando parar, mas ela conversou comigo, percebeu que eu estava tensa, triste. Arion mais uma vez negou que me ama — choramingou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Odeio isso, porque sei que é mentira. Ele me ama, mas não me quer em sua vida.

— Lídia estava com você? — Precisava entender, tinha algo ali.

— Sim, ela chegou lá para ajudar o Arthur, mas veio com um papo de amiga para mim e acabei bebendo. Não sei como acordei na cama do Arthur e nua. — Sua voz era de muita vergonha. — Pensei que tinha feito algo, mas ele disse que não, que achou estranho me encontrar lá, mas aí soube que atendi ao telefone dele no momento de bebedeira.

Chorou, arrasada.

— Ela armou para vocês.

— Aquela mulher é má, louca, e o Arthur não enxerga isso porque é irmã dele.

A história fica cada vez mais sinistra.

— Você contou isso para ele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de ela responder, o meu tormento entrou no quarto.

— Não estou aguentando mais esperar lá fora. — Arthur seguiu até mim com passos largos e decididos. — Não quero mais você se pondo em perigo.

Sua boca desceu sobre a minha com força, voracidade.

Com olheiras, mais magro, e roupas amarrotadas.

— Foi uma das piores horas da minha vida — sussurrou na minha boca. — Quase morri quando o Flávio me ligou.

Segurei em sua camisa e me aconcheguei em seu peito.

— Desculpa por não acreditar em você — pedi, me sentindo em casa e protegida em seus braços. — Foi infantil da minha parte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Afastou-se e segurou meu rosto.

— Teria ficado chateado se fosse eu a ligar para você — disse, ainda segurando em meu rosto.
— Também iria surtar se outro homem atendesse seu telefone e a chamasse de amorzinho.

Sorri.

— Eu fiquei louco quando soube. Nem sei como cheguei aqui. — Ele tocou minha testa com a sua. — Você é tudo que me resta, Íris.

— Eu te amo tanto que chega a doer — declarei.

— Eu não sei o que sinto, não sei definir, mas dói ficar longe, dói não ter você, não ouvir sua voz.
— Suspirou. — Sinto uma necessidade de te proteger, sinto um ciúme insano, um desejo fora do comum, mas não sei definir o que é esse sentimento — falou com sinceridade e meu coração se encheu de esperança. — Tenho tanto medo de te perder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é amor. — Ele se afastou e ficou me olhando, sério. — Você pode não querer dizer em voz alta, mas me ama.

— Íris...

— Calma! Se dê tempo, se permita, mas reflita tudo que você sente, pois é o que eu sinto. Todos os sintomas são iguais, o nome é amor, Arthur, pois eu sei o que eu sinto.

— Eu não sei, mas tenho certeza que não quero mais ficar longe de você.

Mais uma vez me acolheu em seus braços.

— O senhor precisa sair. Tem outras pessoas para entrar — falou da porta a enfermeira, azeda, em um português sofrido.

— Não vou sair. Sou o namorado dela e tenho prioridades — disse, arrogante.

Acabei sorrindo de sua altivez, e o fato de assumir nosso relacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o senhor...

— Não vou sair. Mande quem quiser entrar, mas vou ficar aqui.

Ela olhou feio para ele e deixou o quarto.

— Você continua o mesmo. — Ri.

— Um pouco pior. — Piscou.

— Namorada?

— Tinha alguma dúvida disto?

— Algumas...

— Pois esqueça elas. Você é minha.

Sussurrou para mim.

— Podemos entrar ou vão transar aqui mesmo? — Arion resmungou. — Temos assuntos sérios a tratar.

— Você sempre se metendo onde não foi chamado — Arthur revidou e os dois se encararam.

— Meninos! — reclamei, com a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

doendo.

— Preciso falar com você, Arthur. Lá fora.

Dei de ombros e Arthur saiu junto com ele, então meus irmãos entraram.

Que felicidade foi poder abraçá-los.

Cibele gritou de alegria ao vir até mim.

Capítulo 57

Dois dias depois.

Deixei o hospital e Arthur me colocou no jatinho de volta para o Brasil. Não queria correr nenhum risco, apesar de Yannis estar preso.

Ele não quis dizer o que conversou com Arion, mas estava calado demais e pensativo. Os dois conversaram baixo o tempo todo, em um tom de conspiração.

Despedir-me do Klaus foi um momento difícil, mas ele precisava voltar à escola. Depois de tudo que conversamos, pediu desculpas e creio que nunca seríamos próximos, mas pelo menos tiramos

o peso da culpa de cima de nós.

Klaus tinha uma visão de mundo equivocada, e isso o faria sofrer ainda. Como irmã, só podia orar e o acolher quando precisasse, apesar de achar que seria a última pessoa para quem ele recorreria.

Alguns seres humanos têm visão tosca da vida, acham que dinheiro e poder são mais importantes que família e amor, mas em dado momento descobrem a diferença de tudo e aí vem o sofrimento pelo tempo perdido.

Que meu irmão encontrasse seu rumo e que a vida não fosse tão dura com ele.

Yannis não poderia sair do país, iria responder na Suíça pelo crime de tentativa de sequestro, mas até o momento se negava a falar. contei tudo que Klaus havia falado para Arthur e Arion, que me ouviram calados.

Em seguida Arion me pediu para não

comentar com ninguém sobre a descoberta, que ia resolver tudo.

Já Arthur saiu para ligar para seu detetive.

Fiquei sem entender. Deveríamos confrontar a criatura antes que ela fizesse mais maldades.

— Tenha paciência, Íris, vamos pegá-la — pediu, fazendo carinho em minha cabeça.

Dei o depoimento aos dois policiais que foram ao hospital e fui liberada por eles para viajar.

Voltei ao presente e olhei pela janela do avião, faltava muito ainda para chegar ao Brasil, queria descansar e curtir um pouco meu namorado.

Um sorriso bobo se desenhou em meus lábios.

Dois dias depois...

PERIGOSAS NACIONAIS

Era estranho não esconder o relacionamento. Arthur passou a dormir na minha casa, a me levar para almoçar, jantar sem esconder que estávamos juntos.

Parecia surreal, pois estava acostumada ao anonimato de nossa relação, até revistas, blogs, sites, tudo ligarem para saber se era a nova namorada dele.

Até sites da Grécia fizeram contato, algumas redes de TV. Mundo louco. Um dia era amante escondida, passando a ser a atual namorada famosa.

Ele me pedia paciência e que logo as especulações iriam passar.

Mas me sentia invadida, nervosa, como se algo fosse acontecer e eu não tinha controle ou não sabia o que era.

Logo me associariam ao livro e nem queria pensar nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para quem tem um namorado gostoso, anda bem nervosa — comentou Niza.

Estávamos analisando os currículos de contratação para o contrato de limpeza do shopping.

Suspirei forte e resolvi me abrir com ela.

Contei tudo desde o começo.

Era de confiança e pé no chão, com certeza me faria bem desabafar com ela.

— Você não acha que tem algo estranho nessa história? — falou quando terminei, tirando os óculos de grau e me analisando. — Como se você fosse uma isca para pegar peixe.

— Como? — Não estava entendendo nada.

— Tipo: eles sabem quem fez tudo, mas precisam de provas, tirar a pessoa da toca, e você é a isca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha?

— Não sei, mas a sensação é essa. — Deu de ombros. — Mas esse homem te ama. A vida foi cruel com ele e vai precisar de paciência para ouvir um “eu te amo” de sua boca.

— Eu sei. — Cobri meu rosto com as mãos.
— Onde me meti?

— Desde quando explicamos o amor?

— Vou ficar chateada se eles tiverem me usado sem dizer nada.

Bati na mesa. Não seria feita de criança.

— Primeiro observe e ouça, Íris — murmurou. — Nada de fazer as coisas no calor da emoção. Isso nunca funciona.

— Mas...

— Mas, nada. Tenha paciência e ouça antes de julgar. — Ela pôs os óculos novamente. —

PERIGOSAS ACHERON

Vamos trabalhar e você curta o momento e tudo que ficar quando o resto passar, serão apenas **LEMBRANÇAS!**

Ela tinha toda razão. Nada de sofrer por antecipação.

Tentei me concentrar no trabalho.



— Que lindo! — Estava emocionada com o musical que Arthur me levou para assistir.

Era o Fantasma da Ópera, fiquei tocada, pois amava o teatro, a arte, dança e música.

Sempre que podia assistia alguns espetáculos.

O seu convite me emocionou.

— Obrigada.

Agradei ao fim do primeiro ato.

— Você merece. — Beijou minha mão com

PERIGOSAS NACIONAIS

carinho. — Vou pegar bebidas para nós.

Assenti e continuei olhando o palco.

— Íris? Veio fazer faxina no teatro? — Lídia riu, sentando-se ao meu lado.

Estremeci ao som de sua voz, mas preferi não virar para olhar para ela.

— Que palhaçada essa de namoro com Arthur. — Continuou destilando o veneno. — Você tem síndrome da Cinderela.

— E você da madrasta má. — Virei-me para ela com raiva. — O que deseja?

Estava impecável em seu vestido verde.

— Estou cansada de você, sua rata. — Com presteza derramou no meu colo a taça que levava nas mãos.

— Lídia! — Arthur falou atrás de nós.

— Desculpa, Arthur, foi sem querer. — Fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cara de arrependimento.

Meu vestido estava todo molhado, minha vontade era de chorar.

Levantei-me e segui para o banheiro sem olhar nenhum dos dois.

— Íris? — Arthur chamou, mas não olhei para trás.

Entrei no banheiro e me escondi lá dentro. A vontade era matar a louca da Lídia e tirar a ingenuidade do Arthur no tapa.

Meu vestido estava arruinado. Tentei limpar, mas só piorava a situação.

Naquele caso só lavanderia.

Droga!

— Veio se esconder, ratinha?

Ela de novo, não. Era demais.

— Você está tirando minha paciência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falei por entre os dentes.

— Você consegue limpar, afinal, limpeza é sua especialidade.

Riu da própria piada.

Não por muito tempo, pois o impacto do meu tapa a fez bater na parede com força.

— Sua louca! — gritou.

— Você não viu nada! — Dei outro tapa. — Lembra da história do ratinho e o elefante?

Outro tapa, mais um.

Quando minha mão ficou dormente, parei.

Mas antes cuspi na sua cara.

— MANDA A CONTA DA PLÁSTICA!
VADIA!

Deixei o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 58

Saí do banheiro me sentindo cansada, mas liberta. Ela teve o que mereceu e eu enfrentaria as consequências dos meus atos.

— Íris! — Arthur veio andando e segurou meu braço. — O que aconteceu lá dentro?

— O que deveria ter feito há muito tempo.

Puxei o braço e Lídia saiu do banheiro, quando viu Arthur passou a chorar.

— Ela me bateu...

Gritou, se jogando em nos braços dele.

Não fiquei para olhar o resto da cena e segui pelos corredores.

— Íris?

Ele continuou a chamar, mas não me importei.

Já na porta, virei e ele estava me olhando, segurando Lídia, com os olhos cansados.

E o celular no ouvido.

A porta do carro dele estava aberta, já o aguardando junto ao motorista.

Fingido não vê-lo, fui para o ponto de táxi.

Ele que ficasse com sua falsa irmã, pois não mudaria nada do que fiz.

Mas o coração sangrava por ele ter ficado para a consolar.

Vivíamos sempre na corda bamba deste relacionamento, isso não era bom para nenhum de nós.

Um carro parou à minha frente e reconheci

como o dele.

— Entra! — falou, duro.

— Não! — respondi no mesmo tom.

— Íris, não estou para graça — gritou.

— Problema seu! Quem não esta para graça sou eu... — rebati, batendo na porta do carro.

Ele a abriu de novo e saiu com toda sua imponência.

— Chega! Vamos embora! Você está sendo infantil! — Ele teve a desfaçatez de dizer isso.

— Como é?

— Não tinha que bater na Lídia, não era necessário essa violência. Foi infantilidade.

Eu não estava acreditando no que ouvia!

— Posso ser infantil, mas você é um BABACA. — Ele se afastou com a força das minhas palavras. — VOCÊ PERCEBE QUE ELA

HUMILHA AS PESSOAS? VOCÊ PERCEBE QUE ELA VIVE ME PERSEGUINDO? QUE JÁ TEVE A OUSADIA DE ME PEDIR PARA FICAR LONGE DE VOCÊ? QUE JOGOU A PORRA DA BEBIDA DE PROPÓSITO? QUE É LOUCA PARA ESQUENTAR SUA CAMA? Não, você não percebe e também não quer perceber!

— Íris, ela é minha irmã!

— Para você! Para ela é um homem que ela deseja — acusei, batendo o dedo no peito dele. — Aceite ou não, isso não vai mudar o fato de que ela merecia tomar uns tapas.

— Loucura! Você não deve ter ciúmes da Lídia...

Estava quase batendo nele.

— Eu não bati por ciúmes, garanhão. Bati porque ela é uma escrota que acha que é melhor que os outros e humilha todo mundo. — Sorri sem

PERIGOSAS NACIONAIS

humor. — Posso ser louca por você, mas a minha vida não gira em torno do amor que sinto por ti.

Fiz sinal para o táxi que passava.

Mas Arthur o fez seguir antes que parasse, o dispensando.

— Vamos comigo para casa. Vamos conversar. Não quero que a Lúcia estrague nossa noite — pediu, com voz mais branda.

Não tinha outro jeito, então caminhei até o carro dele e entrei.

Seguimos em silêncio e nem percebi o caminho até encontrar o apartamento dele à minha frente.

— O que estamos fazendo aqui?

— Vamos subir um pouco. — Ele desceu do carro sem esperar minha resposta e o motorista abriu a minha porta.

PERIGOSAS ACHERON

Subimos no elevador em total silêncio, o que continuou ao entrarmos no apartamento dele.

Não me sentia bem ali, era como se invadissem o espaço de Arthur.

Pegando a minha mão, seguimos para o local que sabia que era o escritório dele.

— Estou escrevendo um novo livro — falou como se o assunto fosse esse. — Escrever é como uma extensão de mim. Desde a morte dela, você sabe — Fez sinal para foto da Rachel em sua mesa —, não conseguia mais.

Ele tinha fotos deles dois juntos em retratos no escritório e era um tapa na minha cara. Senti ciúmes, senti inveja.

— Até você chegar...

Virei para ouvir o que ele dizia.

— Como?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não conseguia até você entrar na minha vida. — Veio para minha frente, cruzando os braços. — Você tomou minha vida em suas mãos, me fez respirar, me fez querer coisas que antes não tinha mais vontade.

— Eu...

— Hoje você é a extensão de mim, assim como a leitura. — Segurou meu rosto. — E ver que alguém a magoou e eu não te defendi, me destrói.

— Arthur...

— Não vou sair da sua vida, Íris. E nada vai ficar entre nós. Vou conversar com a Lídia.

Ele se aproximava, enquanto eu, me escolhia.

O abracei, agradecendo.

Ele me soltou e foi até a porta, chamando uma funcionária, que entrou logo em seguida, ficando sem graça quando me viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você poderia guardar esses porta-retratos para mim?

A moça me olhou e depois assentiu.

Todos foram retirados em um gesto que, apesar do egoísta, estava me fazendo muito feliz.

— Vou pôr fotos nossas, prometo — prometeu assim que a moça saiu levando todos.

E me beijou, me erguendo sobre a mesa.

O zíper do vestido foi aberto e suas mãos se encontravam ansiosas.

Subindo e descendo sobre meu corpo, sua boca soltou a minha e lambeu meu seio direito, segurando com a mão o outro em forma de carinho.

— Minha Íris...

Gemeu, lambendo meu seio e descendo a mão para dentro da calcinha.

— Pronta. Sempre pronta para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um segundo seu zíper foi aberto e a calça arriada, seu pau entrando com força em mim.

— Delícia...

— Arthur...

— Sim, minha. Ninguém vai mudar isso, Íris
— afirmou ele, segurando meu rosto enquanto batia dentro e fora. — Ninguém!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 59

Acordei na cama do Arthur, descabelada e com uma dona Julia me olhando feio.

Ele não estava comigo.

— Bom dia — falei para ela, me sentindo encurralada por seu olhar.

— Não deveria se envolver com ele, menina.
— Foram suas palavras e então saiu, me deixando sozinha.

Senti um arrepiou.

— Acordou a dorminhoca. — Arthur estava na porta do banheiro, olhando para a porta por onde a mulher havia saído. — Dormiu bem?

Perguntou, indo até a cama sem comentar a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cena que tinha acontecido com dona Júlia, embora eu tenha certeza de que ele ouviu.

— Poucas horas. Meu namorado é insaciável — brinquei. — Você não tem medo? Fico apreensiva.

— Vai ficar tudo bem. Estamos um passo a frente. — Piscou ele, beijando minha cabeça em seguida. — Não vou mais esconder você.

— E as ameaças? — Eu tinha medo de alguma coisa acontecer.

— Fica tranquila, estou resolvendo. Vai ficar tudo bem. — Sorriu. — Vamos tomar café?

— Um banho primeiro?

— Ok.

Entrei no banheiro, mas no caminho ele deu um leve tapa na minha bunda nua.

Ri e fui para o banho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já de volta, vestida com uma calça de moletom do Arthur e uma camisa folgada, encontrei a mesa do café na sacada do quarto.

— Você fica bem em minhas roupas.

Puxou a cadeira e eu me sentei.

— Lídia? — Expressei minha angústia.

Tinha várias frutas, pães, leite, iogurte, parecia café para um batalhão.

— Vou resolver. Ela não trabalha mais para mim. — Pôs café na xícara enquanto dizia, tranquilo. — Vou conversar com ela mais tarde. Tome o seu café tranquila, minha Íris.

Assenti,

A conversa mudou de rumo para Cibeles e a apresentação dela na Coletividade Helênica, falamos de nosso país, dos gregos que viviam no Brasil...

PERIGOSAS ACHERON

Menos de problemas.

Um dia depois...

— Íris? — Arion ligou.

— Oi, sumido.

— Preciso de um favor seu. — Estava em casa me preparando para sair. — Urgente.

Estranhei, pois ele nem brincou ou foi carinhoso comigo.

— Claro, pode falar.

— Pode passar em um endereço e pegar uma encomenda para mim?

— Passa o endereço.

— Mas tem que ser agora.

Estranhei ainda mais, porém, anotei o endereço e me despedi, ligando para o escritório em

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida e avisando que iria me atrasar.

O endereço era no mesmo prédio que me encontrava com Arthur antes.

Subi e bati no apartamento informado, por coincidência era no mesmo andar e ao lado do que antes frequentávamos.

Para meu espanto, foi dona Julia quem abriu a porta e atrás dela Yannis me olhava.

Era uma armadilha.

Afastei-me para o corredor e tentei lembrar-me de todos os golpes que aprendi com o professor de defesa pessoal.

— Olha quem veio... — Yannis sorriu, parecendo louco.

Segui correndo para o corredor e já chegando às escadas escutei o barulho da arma engatilhada chamando a atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se correr eu vou atirar. — Era a voz dele.
— Vai descer os degraus calada.

Poderia correr, mas aquele homem estava transtornado e, com certeza, me mataria.

Desci a sua frente, sendo seguida por ele e a senhora.

Já imaginava que eram cúmplices, mas ele estava preso na Suíça.

— Como saiu da cadeia? — perguntei, amedrontada.

— Ela pagou a fiança, temos amigos. — Sorriu, cínico.

— Vamos, Yannis, as coisas estão saindo do controle — Júlia resmungou. — Vamos acabar logo com isso.

— Eu não vou entrar no carro. — Segurei na porta para não entrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entra logo, sua vadia. — Um tapa foi desferido por ela em minha face.

A mulher olhava para todos os lados.

— Agora precisamos adiantar os planos, droga. O que veio fazer aqui?

Perguntou, puxando meus cabelos.

Uma dor lancinante subiu pelo meu rosto, devido o impacto.

Tentei girar para dominá-la, mas a voz do Arion me parou.

— Fui eu que a mandei.

Olhei para Arion, que parecia um anjo vingador, e tive certeza que fui isca para uma emboscada.

— Você sempre foi a pedra no meu sapato — Yannis resmungou.

— Por que, dona Júlia?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur desceu as escadas olhando para nós com olhos mortais de raiva, rancor, tinha muitos sentimentos naquele olhar e nenhum era bom.

A senhora me soltou e pôs a mão no peito, como se mortificada por ser pega.

— POR QUÊ? — ele gritou

Yannis me segurou como escudo, pondo arma na minha cabeça.

Mas já me encontrava com raiva de ser usada como escudo.

Com uma cotovelada no seu abdômen e um pisão no pé que o fez se dobrar, eu corri.

Arthur me recebeu e Yannis foi imobilizado por homens que não sei de onde saíram.

Provavelmente seguranças de Arion.

Mas a polícia também estava ali.

— Tudo bem? — Arthur perguntou, me

PERIGOSAS ACHERON

abraçando.

— **VOCÊ É UM INGRATO** — a mulher
soltou. — **MISERÁVEL!**

Gritou em grego.

— Não merecia nada, nem era filho deles —
choramingou. — Não era filho deles.

A polícia levou os dois e eu fiquei calada nos
braços do Arthur.

— Tome.

Um copo de água apareceu a nossa frente.

Bebi e tentei acalmar as batidas do meu
coração.

— Eu poderia ter morrido — choraminguei.

— Estávamos com tudo sob controle, *ágape*
— Arion assegurou.

Mas me sentia traída. Eles me usaram como
isca, e nem me avisaram para poder me defender,

se fosse necessário.

— Ninguém me avisou antes.

— Precisávamos que eles a vissem para sair da toca — Arthur defendeu. — Yannis queria muito você, então teria feito qualquer coisa.

— Mas eu não sou boba, precisava saber.

Afastei-me.

— Necessitava da veracidade dos fatos, Íris, assim vamos enquadrar todos por tentativa de sequestro aqui no Brasil — Arthur falou com voz cansada. — Temos que ir à delegacia.

— VOCÊS SÃO DOIS BABACAS, IMBECIS, PENSAM QUE PODEM ORGANIZAR OU MOVIMENTAR A MINHA VIDA COMO BEM QUISEREM.

No fluxo da raiva, movida pela adrenalina, levantei a mão fechada e soquei o Arthur no nariz. Arion fez um gesto de surpresa, mas que logo se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apagou, pois chutei seu saco.

— Isso que acontece com homens babacas!

Os dois gemeram e ficaram me olhando.

Os homens me olhavam torto, com sorrisos discretos.

— Qual a delegacia?

Gritei, desnorteada.

Um deles respondeu e entrei em meu carro, seguindo para o local.

Bando de idiotas!

Sei que era necessário, mas o descaso e não me contar era de doer para mim.

Não sou de porcelana, estava com muito ódio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 60

Cheguei à delegacia ao mesmo tempo que eles. Arthur veio pisando duro para meu lado, mas não olhei para ele e entrei no local.

Tinha vários policiais, parecia um pandemônio.

Vi dona Julia sentada numa cadeira ao lado de Yannis, os dois algemados e vários homens de gravatas os rodeavam.

— Delegado?

Arthur chamou e um homem alto, muito bonito, por sinal, apertou sua mão e sorriu para mim.

— Prazer, sou a Íris. — Ele apertou minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão quando o cumprimentei, e levou aos lábios de forma galanteadora.

— Prazer. Soube que teve um dia difícil. — Acabei sorrindo.

— Por aí.

— Depois que terminar de dar em cima da minha namorada, poderíamos conversar? — Arthur e sua falta de educação. Revirei os olhos e o delegado sorriu.

— Bom gosto, senhor Arthur — elogiou o homem e piscou para mim.

Era um descarado.

Retribuí o sorriso e a mão de Arthur rodeou minha cintura com possessividade.

— Vamos? — resmungou, me encaminhando para uma sala.

O delegado entrou, fechando a porta atrás

PERIGOSAS ACHERON

dele.

— Bem, já entramos em contato com a polícia de Nova York — contou, sentando-se na cadeira atrás da mesa e indicando as duas a sua frente para que nos acomodássemos.

Sentamo-nos e notei que Arthur estava com o semblante carregado. Dois policiais entraram junto com um homem que parecia um advogado.

— Arion? — perguntei, baixo?

— Ele e a polícia não são amigos, você sabe — disse, azedo. — Preferiu não arriscar.

— Entendi.

O nariz dele estava vermelho, pensei que tinha quebrado. Precisava treinar mais.

— Bem... — o delegado começou. — Os dois se negam a falar.

— Esperava por isso, mas as provas são

categóricas — o advogado rebateu. — Essa senhora armou para fazer com que o senhor Arthur achasse que estava sofrendo ameaças e perseguição.

O homem era bom, falava firme e com clareza, tinha um sotaque, devia ser americano.

— Além de tentar sequestrar por duas vezes a jovem namorada do meu cliente.

O delegado coçou a cabeça.

— O caso é complicado. Vão pedir a extradição dela e dele para a Suíça, já que tudo começou lá.

— Sim, a polícia dos Estados Unidos que estava investigando, e o rapaz saiu da suíça mesmo sendo proibido depois de alguém pagar sua fiança.

O advogado pontuou.

— Quero saber as motivações. Se não fosse o irmão da Iris reconhecê-la na foto, nunca ligaria os fatos. — Arthur parecia cansado. — Nunca

PERIGOSAS ACHERON

imaginei que ela faria isso. Tem anos trabalhando para a minha família. Desde os meus pais.

Pensei que fosse Lúdia a mulher que Klaus se referia, mas ele negou, dizendo que era mais velha, e que Yannis estava com ela no último dia que ela foi até ele.

Na hora veio a imagem de dona Julia na minha cabeça. Era a única pessoa que eu conhecia bem-educada e com cara de rica.

Pedi a Flávio uma foto dela pelo aplicativo de mensagem alegando que era para ganhar uma aposta da Cibele, e assim que recebi meu irmão confirmou que foi a mesma pessoa que o procurou.

Ela passava despercebida, tinha acesso a tudo da vida do Arthur, era alguém acima de qualquer suspeita, mas por quê?

Vários gritos se ouviam do lado de fora.

— O que está acontecendo?

O delegado nos deixou na sala e saiu junto com o policial.

Cinco minutos depois entrou Flávio segurando o nariz como se tivesse tomando uma pancada, e Lídia segurada pelos dois policiais.

— O que aconteceu? — Arthur se levantou.

— Essa louca ia fugir e me agrediu com uma chapinha de cabelo.

Flávio vociferou, revoltado.

— Bem, senhor Arthur, acho que achamos o X do problema — o delegado falou, entrando na sala e apontando para Lídia, que se debatia, falando em grego vários impropérios.

— Lídia? — Arthur parecia chocado.

— Ela que era a mente criminosa — Flávio resmungou. — Há tempos venho na cola dela. Mais precisamente depois que Íris conversou comigo, lembra?

Assenti para ele, lembrando o almoço, que foi a ocasião em que tocamos no assunto.

— Ela vivia entrando no seu quarto ou seu escritório quando você viajava, e fez algumas viagens para a ilha no helicóptero da empresa, sem ninguém ser comunicado — explicou. — Contratei um detetive para descobrir tudo sobre ela.

Arthur se sentou novamente, pasmo.

— Ela é a filha legítima do seu pai, Arthur. Filha da dona Julia.

Meu Deus!

Pensei, chocada.

Capítulo 61

Foi um choque para todos ouvir aquilo.

Arthur ficou perdido, se percebia pela postura, ao ouvir as palavras do Flávio.

Coloquei minha mão na sua.

E ele a apertou.

— Por que não contou, Lídia?

— Cala a boca! Você é um idiota! — ela gritou. — Você e essa miserável que entrou na sua vida.

Ele estremeceu.

— Ele gostava da minha mãe, ela disse, mas não podia largar a esposa e acabou me levando para

viver com eles. Pediu para não ficar longe e foi aceita na casa como governanta, sobre a promessa de nunca revelar a verdade para a amada esposinha. — Fez pouco caso. — Eu merecia ficar com a herança. Era eu quem deveria ter se casado com você.

Parecia perturbada e seu rosto bonito se formou numa máscara de maldade.

— Fui eu que mandei todas as cartas para você. — Riu. — Sabia que você ficaria amedrontado, ficaria longe dela.

Mostrou para mim.

— Estava tudo bolado até esse imbecil se meter. — Fez cara feia para o Flávio, que nem ligou.

— Ela e a mãe montaram um plano para atormentar o Arthur, o fazendo passar a direção de tudo para a Lúcia — contou Flávio. — Mas Lúcia

queria ser a senhora Marlus.

Revirei os olhos, pois isso estava na cara.

— E Íris era o impedimento. Desde que foi à ilha, ela percebeu a conexão dos dois — continuou. — Foi onde bolou para tirar a moça da ilha, afastando assim as chances de ficarem juntos.

— Diabólica. Éramos como irmãos, confiava em você — Arthur disse, derrotado. — Minha filha seria sua afilhada.

— **AFF, AINDA BEM QUE MORREU!** — Arthur se levantou, chateado, indo para cima dela, mas foi segurado por todos da sala. — **EU ODIAVA RACHEL, ODIAVA ESSA GRAVIDEZ.**

Gritou para todos ouvirem.

— Dei graças a Deus que ela morreu! — Ela se encolheu no canto da sala. — Você foi destinado a mim e aquela peste entrou em nossas vidas.

Depois que ela se foi pensei que iria ficar tudo bem, e veio essa pobretona cheirando a produtos de limpeza e levou você.

Flávio estava puto com tudo que ouvia e quase agrediu a Lídia, afinal, falava de sua irmã.

Virou uma gritaria sem fim, até o delegado mandar todos se acalmarem e voltarem para casa. No outro dia iríamos prestar os depoimentos.

Arthur parecia que levava o mundo nas costas.

Fomos para seu apartamento, os empregados todos pensativos, pelo que entendi, a briga entre Flávio e Lídia foi enorme, sendo necessário eles intervirem para conseguir levá-la à delegacia.

— Você está bem? — perguntei, pondo a cabeça do Arthur em meu ombro. — Um chá?

— Parece que as dores da minha vida nunca acabam — disse com pesar. — Fui adotado, não

pedi isso, não escolhi, não posso ser culpado pelo que meu pai adotivo fez.

— Você não tem culpa. — Afirmei fazendo carinho em sua cabeça.

— Eles foram bons para mim, não sei quem são os meus verdadeiros pais, mas o que tive foram excepcionais e com a Lúdia também, carinhosos e presentes. Não tenho nada ruim falar deles.

“Sofri muito com a perda deles, mas Rachel me ajudou bastante, foi meu porto na época, já tinha estourado como escritor mundialmente, era bem sucedido, mas a falta deles foi complicada”

Continuava a sentir ciúmes toda vez que ele trazia o nome dela para conversa.

— Não somos culpados pela personalidade ou escolha dos outros, Lúdia fez a escolha dela, assim como sua mãe verdadeira. — Beije o topo da sua cabeça — Não leve mais essa culpa com

você.

___ Ficamos separados por causa dela. —
Resmungou.

___ Mas também ganhei tantas coisas por causa disto, no fundo sou até grata. — Brinquei para aliviar — Agora tudo resolvido, podemos respirar.

___ Peço desculpas por não ter contado nossos planos. — Murmurou — Foi arriscado, mas eu estava ali do lado para te proteger se qualquer coisa saísse errado.

Não olhou para mim ao dizer isso.

___ Você entende que errou, que vocês ao me proteger me sufocam?

Levantei do sofá e comecei a andar pela sala.

___ Não sou mais a boba que você conheceu, posso me defender, como vamos criar algum relacionamento se na primeira necessidade o senhor
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decide por nós, sem me perguntar?

Fez uma carreta ao ouvir e se levantou.

__Você tem razão, fomos errados, mas em nossa defesa, foi para nos defender. — Levantou a mão para o alto se rendendo — Arion descobriu onde o Yannis se escondia, e era ao lado do nosso apartamento.

Comecei a rir.

__O que foi? — Ele perguntou sem entender minha crise de risos.

__Pelo barulho que fizemos lá entendo por que ele ficou maluco.

Arthur bufou e caiu na risada, começamos a gargalhar alto.

__Culpa sua que não sabe fazer silêncio. — Ele apontou o dedo para mim — Dias horríveis para ele em?

PERIGOSAS ACHERON

— Aff!

Caímos na risada de novo.

Ficando sério ele me tomou nos braços.

— Temi tanto por você hoje, temi tanto em te perder, foram horas intermináveis para mim. — Fez carinho em meu rosto — Desculpa pela bagunça que minha vida fez na sua?

— Tudo bem, estamos aqui e temos que ser gratos. — Fiz carinho em seu rosto — Sou muito grata.

— Tirei tudo da Rachel das minhas casas e coloquei em um depósito — Era um grande passo para nós isso — Vamos conseguir Íris, eu vou conseguir.

— Eu sei...

Pus a cabeça em seu peito e ele me acolheu.

Era complicado para ele se livrar do passado,

mas estava tentando, o nome disto era amor, mas ele não iria dizer, por tanto eu também não falaria mais essas palavrinhas até ele fazer o mesmo.

Sorri com a ideia.



— Meu Deus! — Isabel estava chocada com a história. — Beba um chazinho amiga.

Pois uma xícara fumegante na minha frente.

—Que víbora, se passar por mim taco o sapato nela. — André disse indignado — Dava um filme esta história.

— Difícil você conseguir bater nela, vai ser responder tanto processo que não vai sair tão cedo — Isabel resmungou — Conte como foi tudo.

Niza ouvia tudo em silêncio e os dois eufóricos com os detalhes.

Contei que Arthur e Arion descobriam que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

onde Yannis se escondia todo esse tempo, que estavam ao nosso lado, no imóvel alugado por Lídia.

Ela sabia do medo de Arthur com a morte da esposa e resolveu usar isso para desestabilizá-lo.

- Maldita, usando a dor do homem assim! — André não se continha de raiva.

Pagou a fiança do Yannis na suíça por meio de um advogado e o trouxe clandestinamente para o Brasil.

Sua mãe que fazia os contatos diretos. Ela nunca aparecia para não chamar atenção, tinha esperança que Arthur a visse.

Ficava triste pelo Yannis e sua família, foi isca fácil para elas com sua obsessão por mim.

Não me sentia culpada, pois nunca dei esperanças para ele.

Mesmo assim sentia pena, apesar de tudo, era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um ser humano digno de pena.

- Que povo louco! — Niza resmungou
balanço a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 62

Um mês depois...

As filmagens do filme Páginas da Vida estavam a todo vapor. Arthur passava horas escrevendo ou no telefone, com agentes e pessoas que nem fazia ideia de quem eram.

Fomos algumas vezes prestar depoimento na delegacia. A família do Yannis chegou ao Brasil, a mãe fazia pena, eram carentes e não tinha como resolver a situação do filho.

Fiquei com muita dor no coração quando sua mãe me abraçou e pediu perdão por tudo que o filho fez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Até o Klaus estava mais brando e já conseguíamos nos falar sem frieza. Não era uma coisa natural, mas estava bem melhor.

Passava mais tempo na casa do Arthur que na minha, até Cibebe se mudou para lá.

Parecia tudo tranquilo e em paz, se não fosse um pequeno detalhe: Arthur nunca tinha dito que me amava e parecia que eu estava grávida.

Havia comprado o teste de farmácia há dois dias, mas a coragem vinha me abandonando. Se fosse verdade, o que faria? Como ele iria reagir, se nada era certo entre nós?

Nunca mais disse que o amava e sentia na hora em que fazíamos amor sua ânsia de ouvir as palavras, mas me continha. Se ele não falasse também, não tinha por que me expor.

Tinha que ser recíproco, mas e se ele nunca dissesse?

PERIGOSAS ACHERON

Se nunca viesse a retribuir meu amor?

A dúvida me corroía, precisava tomar uma atitude sobre isso.

Peguei o teste de gravidez e fui para o banheiro.



Com o corpo trêmulo, segui para o escritório dele, bati na porta e aguardei.

— Entre! — gritou de lá de dentro.

Pus a cabeça na porta, apreensiva.

— Oi, minha Íris. Por que não entrou?

Seu sorriso era lindo, tanto que gravei na memória para não esquecer.

Em silêncio entrei e pus o teste na mesa, empurrando-o para ele.

Com olhar indagador, olhou a peça a sua

frente.

Nem tocou e ficou branco como um boneco de cera.

— Isso...

— Estou grávida.

— Como isso foi acontecer? Você toma remédio — acusou.

— Acho que falhou. — Dei de ombros.

Ele levantou-se, exasperado, nervoso, pondo a mão na cabeça.

— É uma armadilha para mim. Não precisava! — Apontou o dedo para mim, que estremeci sob a acusação do seu olhar. — Não era necessário um filho!

Jogou o teste na parede.

— Só achei que você precisava saber. — Virei para sair, já tinha minha resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma calma tomou conta do meu corpo, a certeza de que desejava meu filho me dominava. Ele não precisava de um pai.

— Vai aonde? Joga a bomba e sai?

— Não gosto de mentiras, Arthur. O filho é seu, nunca tive outro homem. — Me virei para olhar em seus olhos. — Mas eu e ele não precisamos de você.

— Engraçada. Agora vai ter um filho sozinha? — Riu sem humor. — Eu já tive uma mulher grávida...

— Ok, toda vez é isso. Você se esconde atrás da gravidez de sua falecida, atrás da morte dela, tudo é sobre ela... — resmunguei, magoada. — Sua vida vai ser sempre a Rachel, não tem lugar para mais ninguém e eu não vou viver a vida toda de migalhas, até o dia que você se cansar.

Ri por entre as lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me olhava, nervoso, em pé com as mãos ao longo do corpo.

— Não tem lugar para nós em sua vida, mas se um dia quiser viver com seu filho, não serei impedimento.

— O que isso quer dizer?

Saiu de trás da mesa vindo para diante de mim.

— Nada, não quer dizer nada. Desculpe por ter entrado em sua vida. — Voltei para a porta e a abri. — Não vai acontecer de novo.

— Íris. Ficou louca?

Em passadas longas ele estava ao meu lado.

— Vamos conversar? — pediu.

— Uma mulher até aguenta viver com falta de amor do parceiro, mas jamais com falta de amor e respeito pelo seu filho.

PERIGOSAS ACHERON

Saí do escritório e busquei minha bolsa para sair do apartamento dele.

Estava magoada. Mais comigo do que com ele. Arthur nunca escondeu que não sabia amar.

Eu que me iludi.

— **PARA COM ISSO, ÍRIS!** — gritou, vindo do escritório.

— Adeus, Arthur! Agora não estou saindo escondida na calada da noite, estou saindo na luz do dia, sem medo, como deve ser.

Deixei o apartamento e sua vida.

Já era sem tempo.

Suspirei quando cheguei perto do carro.

— Cibeles vai amar saber que será tia — falei, passando a mão em minha barriga.

Uma semana depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia que saí da casa do Arthur foi decisivo. Ele veio à noite, fez show na porta do meu apartamento, até eu dizer que chamaria a polícia, mas prometeu voltar.

Mandava mensagens, todas ignoradas.

Cibele estava nas nuvens com o bebê.

Todos os meus amigos apaixonados com a ideia de uma criança.

Arion no começo queria matar o Arthur, mas se acalmou e passou a comprar presentes o tempo todo, fazendo milhões de planos para o sobrinho.

Até o Klaus fez festa ao saber.

Pena que o pai era um babaca quebrado.

Marquei um obstetra e estava no aguardo da consulta.

Olhei a revista a minha frente esperando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hora de ser chamada.

Um vulto caiu sobre mim, olhei para cima para dar de cara com Arthur Marlus, vestido de calça jeans e camisa branca, óculos aviador.

Era o retrato da masculinidade, e acho que todas as grávidas presentes acharam o mesmo. Todas olharam para ele.

— O que faz aqui? — *Como ele sabia?*

— Sou o pai desta criança, goste você ou não. — Sentou-se ao meu lado e pegou uma revista, começando a folheá-la.

Preferi não discutir em público.

Meu nome foi chamado e seguimos para o consultório.

A médica era simpática, baixinha e bem receptiva.

Arthur continuava na minha cola.

PERIGOSAS ACHERON

Fiz todo o procedimento, um ultrassom e o som coração do bebê tomou a sala, me deixando emocionada.

Lágrimas de alegria molhavam meu rosto.

— Ainda não dá para saber o que é — a médica falou. — Mas parece bem forte, pelo barulho do coração.

Arthur riu, com os olhos vidrados na tela.

Apertou minha mão e eu deixei. Era um momento muito especial para nós, o primeiro contato com nosso filho.

Capítulo 63

— Precisamos conversar.

Ele enfatizou assim que saímos do consultório.

— Não temos nada a dizer. — Continuei andando, seguindo para a recepção, e marquei a próxima consulta e acompanhamento com a enfermeira responsável. — Obrigada.

Agradei quando ela finalizou. Arthur ainda estava em pé, por perto, parecia ansioso.

— Ficou marcado para quando? — perguntou.

— Dia cinco. — Não tinha porque negar. Se ele queria participar da vida do filho, não iria me

negar. — Você não precisa vir.

Fechou o semblante e me seguiu para a saída.

— Iris, até quando vai me castigar? —
Segurou meu braço. — Fui um babaca, ok?!

— Não é castigo. Juro que não estou castigando você. — Ri do comentário dele. —
Você foi um babaca, mas eu fui mais idiota que você nessa história.

— Juro que não entendo. — Soltou meu braço e passou a mão no cabelo, exasperado. — O que preciso fazer para você me perdoar?

— Eu já te perdoei. O problema é você, que não se perdoa — expliquei, indo até meu carro. —
Encontre a sua paz, Arthur. Você merece.

— Como se faz isso? — Senti pena de seu olhar perdido.

— Pelo menos pelo seu filho, se não pode fazer por você. — Abri o carro e entrei. — Seja
PERIGOSAS ACHERON

feliz.

— Eu sinto sua falta.

— Também sinto a sua, mas isso não é o suficiente para continuar um relacionamento, é? — Ele parecia um menino perdido. — Falta até da nossa cama a gente sente.

Liguei o carro e saí do estacionamento. Olhando pelo retrovisor, vi que ele continuava parado, como se não soubesse o que fazer.

Infelizmente só ele poderia resolver.

Uma semana depois.

— Você acha que dá para perceber? — perguntei a Cibele, me arrumando para ir a apresentação dela.

— Sua barriga está pequena, mas seus seios

PERIGOSAS NACIONAIS

estão enormes. — Riu alto. — Parece uma vaquinha.

— Engraçadinha.

— Vai ser uma menina — enfatizou. — Bem linda e com os olhos do Arthur.

— Será? — Prendi o cabelo com uma presilha.

— Falando nele... Vive ligando, perguntando se você comeu, se está bem, se enjoa e tal. — Sentou-se na cama. — Acho adultos bobos. Se amam e não ficam juntos.

— Adultos são bobos! — concordei com ela. — Mas o Arthur não me ama.

— Ama, mas é cabeção e tem medo — brincou ela. — Tem uma caixa na sala que chegou quando você estava no banheiro.

— Mais presente do Arion? — Revirei os olhos;

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que não.

A caixa era enorme.

Estranho.

Peguei o cartão e estava escrito:

“Não sabemos o sexo, por isso cores neutras.

Ass: Arthur.

OBS.: Sinto sua falta!”

Suspirei com as dificuldades da vida. Eu amava aquele homem, então por que não podia me amar também?

A caixa continha sapatos, roupas, brinquedos para bebê, tudo que parecia muito caro e fofo.

— Que lindo! — Cibeles olhava tudo, encantada. — Ele vai ser um bom pai.

— Sim, com certeza — afirmei.

Mas nunca seria um bom amor para mim.

Injusto.

PERIGOSAS ACHERON

Dois dias depois.

Sentei-me na beira do vaso sanitário, não aguentando mais enjoar. Parecia que minha alma saía do corpo.

— Sua mãe não vai aguentar isso, criança feia — falei para minha barriga. — Dá uma trégua!

— O que você está fazendo? Ainda falando sozinha?

Arthur... Ótimo! Devia estar parecendo uma louca, descabelada.

— O nome disso é seu filho — resmunguei. — Não faço outra coisa a não ser visitar esse vaso.

Tinha ido trabalhar, mas o enjoo não me dava uma folga e pela manhã era horrível.

— Enjoos? — perguntou ele, com cara

engraçada.

Assenti.

E outro enjoo me acometeu. Virei para o vaso, botando o que não tinha mais para fora.

Sua mão segurou meus cabelos para cima e ele ficou comigo até passar.

— Obrigada.

Agradei, ainda sentada no chão.

— Você está péssima. — Riu, sem graça.

— Valeu!



— Sim.

Depois de escovar os dentes e dar um jeito no cabelo, voltei para minha sala, onde Arthur me aguardava.

Seu olhar sondava o meu, desconcertado,

PERIGOSAS NACIONAIS

sentado na cadeira.

— Os presentes que você enviou são lindos — agradei para quebrar o clima.

— Passei no shopping e não resisti — falou com alegria. — Eu quero meu filho.

— Eu sei.

— Sei que pareceu que não, mas eu amo essa criança e estou feliz com a gravidez.

Arthur encarou os dedos das mãos, nervoso.

— Sou péssimo, falo sem pensar, fiquei nervoso.

— Tudo bem.

— Você é tão doce, Íris. — Ele suspendeu a cabeça para mim. — Está ainda mais linda grávida.

— Ah, obrigada... — Pus o cabelo atrás da orelha, sem graça. — Mas o que veio fazer aqui, além de me ver vomitar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrimos, parecendo dois adolescentes sem saber o que dizer um ao outro.

— Não quero que passe por tudo isso sozinha. Quero ficar com você, criar nosso filho. Sou o pai. — Entendia o que ele queria dizer. — Preciso e quero ficar perto do meu filho.

Pondo a mão em cima da mesa, segurei a sua.

— Não vou afastar você de seu filho. Isso nunca. — Apertei a mão dele entre meus dedos com carinho. — Sei que vai ser um bom pai.

— Mas não me quer em sua vida?

— Quero aquilo que você não vai poder me dar.

Com isso ele voltou a baixar a cabeça.

— Estou indo numa psicóloga — Contou eu fiquei feliz por ele.

— Vai ser bom, tenho certeza. — Sentia uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vontade enorme de acolhê-lo, beijar, sentir seu corpo no meu.

Tem noites que acordo suada, com ânsia por ele.

— Li em uma revista que na gravidez a mulher fica com muita libido — falou ele, me tirando dos devaneios.

— É? — Não iria entrar neste território.

— Sim, e não quero imaginar você fazendo isso com outra pessoa. — Fechou o semblante e cruzou os braços. — Sinto um ciúme insano.

— Bobagem, coisa de revista, e ando enjoada demais para pensar nessas coisas.

Ele se levantou.

— Mas se tiver com vontade, eu...

— Arthur!

Sorriu sacana e dobrou-se na mesa, beijando

PERIGOSAS ACHERON

meus lábios.

Acabei gemendo.

— Você é minha, Íris, e vou tê-la de volta.

Dizendo isso, saiu.

Capítulo 64

Arthur Marlus.

Na noite em que achei o corpo da Rachel dilacerado, caído junto ao nosso filho, foi como um pesadelo, como estar preso a página de um livro.

Quebrei. Quebrei em vários pedaços minha alma.

Senti como se um punhal fosse cravado em meu peito.

Culpa minha. Era tudo culpa minha.

Fui negligente com minha família. Por fama, poder, dinheiro, deixei todos para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me odiava por isso.

Durante anos aquela dor me acompanhava. Dormir à noite era quase impossível sem uma garrafa de bebida.

Sentia-me um miserável.

Até aquela grega de roupas puídas e de dança leve no meu jardim, sua voz doce, que acedeu meu corpo, e fez sentir desejo, vontade de ficar por perto.

Bebia sua presença como um obcecado, a observava o tempo todo, sentia sua falta nos fins de semana.

Ela emanava luz, paz.

Era grosseiro, a afastei de todas as formas.

Não merecia o que ela me oferecia, não merecia nenhuma redenção e nenhum tipo de amor.

Desde que descobri que ela me salvou na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beira da estrada, que era muito pobre, resolvi ajudá-la. Naquele dia iria me matar, então bebi o suficiente para tomar coragem.

Mas Rachel dizia “não” na minha cabeça, me pedia paciência.

Desmaiei antes de conseguir meu intento e só acordei no posto de saúde.

E soube quem foi minha salvadora, a levei para minha casa, mas não esperava aquele anjo.

Nada me preparou para a chegada dela em minha vida desgraçada e solitária.

Até que estava carregando um filho meu em seu ventre e não me queria em sua vida.

E mais uma vez me pegava sozinho, sofrendo por uma mulher, me sentindo o pior homem do mundo.

Fui cruel com ela e sabia o que desejava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas as malditas palavras não saíam.

E por conta disso a perdi e talvez para sempre.

Tão linda.

Tão minha.

Tão perfeita.

Olhei o cálice em minhas mãos.

— Lídia vai ser transferida para os Estados Unidos — Flávio falou, entrando no escritório. — E Yannis deve seguir para a Suíça ainda essa semana.

— Ótimo.

Respondi sem me virar, ainda admirando o cálice.

— Tomara que ela pegue prisão perpétua.

Ele continuou conversando.

— Acho que vou comprar um apartamento

PERIGOSAS ACHERON

maior para Iris e pôr a casa da ilha em seu nome — o cortei. Estava me lixando para Yannis, Lídia e sua mãe. Que a justiça os fizesse pagar. — Veja isso para mim.

— Hum, por quê? — perguntou e me virei para ele.

Gostava do Flávio, trabalhávamos juntos há anos, e mesmo quando sua irmã se foi, ele nunca me abandonou. Aguentou todos os maus momentos comigo, sem se abalar.

— Não pago a você para fazer perguntas!

Disse, grosseiro.

— Minha irmã iria amar a Íris, se a conhecesse. — Ele nunca se calava. — Rachel era boa e tenho certeza que choraria por ver jogar sua vida fora.

— Para! — pedi, indo para a janela.

— Elas não merecem isso, Arthur —

continuou. — Você faz as duas sofrerem.

— VOCÊ NÃO SABE DE NADA! —
vociferei, com raiva.

— VOCÊ É UM BABACA! CHEGA!

— Como?

Olhei para ele.

— **ISSO QUE OUVIU. CHEGA! PARA
DE ARRUINAR SUA VIDA E DAS**

**PESSOAS — gritou. — ELA MORREU
PARA VOCÊ VIVER E ELA QUER ISSO.
ELA DESEJA SUA FELICIDADE. RACHEL
MORREU!**

Aquilo me matava por dentro. Admitir um novo amor era perdê-la para sempre, era abandonar a mulher que eu amei com toda minha alma, que me fez feliz.

Que morreu por minha causa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não adianta se anular, porque isso não vai trazê-la de volta — disse ele com a voz mais branda. — Vai perder a Iris, porque outro cara vai encontrá-la e valorizar.

— O que você sabe?

Imaginar Íris seguindo era como a morte, imaginar outro a tocando fazia sentir vontade de matar alguém.

— Nada. Só que o amigo dela, que trabalha de frente, está louco para criar seu filho.

— NINGUÉM VAI CRIAR MEU FILHO!

Vou matar aquele desgraçado cheio de dedos.

— Então resolva isso, porque ela não vai aceitar menos que amor verdadeiro.

Flávio saiu da sala, me deixando indignado em imaginar outro homem com a minha Íris.



PERIGOSAS ACHERON

Cheguei em Atenas no meio da tarde. Era necessário fazer isso.

O carro já me aguardava e segui até o cemitério da cidade. Rachel era cristã, assim como meus pais, por isso foi enterrada em local cristão.

Olhei todas aquelas lápides a minha frente, tinha anos que não ia ali, não mandava flores, não me sentia digno.

Andei por entre os túmulos até o dela.

“Esposa dedicada, filha e mãe maravilhosa.”

Estava escrito ao lado de sua foto.

O bebê foi enterrado junto com ela.

— Oi, amor — falei com voz embargada. —
Quantos anos?

Sorri por entre as lágrimas, como se ela tivesse ali, sorrindo do momento de relapso.

“Saudades de você. Me sinto meio perdido

desde que você se foi. É como se tivesse perdido a estrada de casa.”

“Bem, conheci alguém e acho que me apaixonei. Você iria gostar dela. Tem uma luz, um brilho, um coração maravilhoso, às vezes me pergunto o que fiz para merecer mulheres tão maravilhosas.”

“Você me perdoa por isso? Por amar de novo? Mas não estou conseguindo evitar e tenho tanto medo de perdê-la, de vê-la morrer. Eu não suportaria, eu não aguentaria.”

Uma borboleta amarela, a preferida de Rachel, pousou em meu braço.

— Eu vou sempre te amar, mas também vou amar a Íris e meu filho. — Lágrimas grossas caíram de mim. — Você sempre será lembrada.

A borboleta pousou, voou e pousou em meu rosto, como se beijasse minha pele, e então voou

PERIGOSAS NACIONAIS

para longe.

— Adeus, Rachel!

PERIGOSAS ACHERON



Um mês depois.

Nem acreditava que estava indo para *Katos*.

Aproveitaria as férias de Cibebe para visitar minha casa. Pena que Klaus havia se negado a ir. Fiz a viagem antes de o bebê nascer, pois depois seria complicado viajar com uma criança. Ganhei as passagens do Flávio, como presente para Cibebe, pelas boas notas.

No barco, vendo a ilha se aproximando, minha irmã soluçou de alegria.

— Nunca imaginei conseguir voltar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como eu, ela também saiu daqui sem esperança.

O lugar parecia o mesmo.

— Íris?

Gritou um pescador conhecido assim que descemos da balsa.

Foi uma festa a nossa chegada.

SASSAS EFCHARISTÓ!

Agradei mentalmente por poder volta novamente.



Nossa casa continuava a mesma. Estava limpa, o que indicava que alguém havia passado por ali.

Olhei o velho fogão, o velho sofá puído.

Vivi tantas coisas ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais ficariam felizes com tudo que vinha acontecendo em nossas vidas, e tenho plena certeza de que amariam seu neto.

— Vamos olhar a praia?

Pedi Cibeles e eu atendi.

Estava vibrando alegria por estar ali novamente.

Olhei a imensidão daquele mar tão lindo.

Fechi os olhos e senti o vento.

— Íris?

Virei sem acreditar na minha visão.

— Arthur?

Não imaginava encontrá-lo ali. Ele se encontrava viajando a trabalho pelo que me informou ao me ligar, disse que passaria alguns dias fora.

Ele sempre ligava ou mandava mensagens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O filme estava em fase final e por isso os trabalhos de divulgação se intensificavam.

Já tinha perdido a esperança sobre nós, aprendendo a conviver com sua ausência.

— Foi nesta ilha que começamos — falou, se aproximando, vestido com uma bermuda velha, sem camisa. E aqui nos reencontramos.

— O que faz aqui?

— Vim buscar minha mulher e meu filho — disse com um sorriso

— Arthur... — Preferia não criar esperanças.

— Eu te amo, Iris!

Meu coração passou a bater descontroladamente.

Procurei Cibele, que nos olhava distante e sorria, com a mão na boca.

— Só preciso que diga que me ama também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu...

— Volte para mim, Íris. Sem você sou oco, vazio, só uma casca. Devolve meu coração?

Não conseguia conter as lágrimas, estava em choque por aquilo tudo.

— Eu te amo também.

Pus a mão na boca.

— Casa comigo? — pediu, ajoelhando-se na área molhada.

Meu Deus! Acho que vou desmaiar, pensei.

— Eu caso.

— Para sempre, dessa vez.

— Sim.

Ele levantou, me tomando em seus braços e beijando minha boca em um beijo apaixonado.

— Eu também te amo.

Disse baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Final

Olhei para Arthur deitado em nossa cama, parecia descansado, sem aquele ar de raiva contida.

Nosso casamento foi perfeito e rápido.

Só estavam os amigos mais próximos.

E o melhor lugar para a lua de mel era na minha casa da ilha, pois era minha, ele havia me dado de presente de casamento.

Quase tive um treco ao olhar as escrituras em meu nome.

Parecia um sonho da Cinderela que ganha uma fada madrinha. Não sei quem era a minha, mas a história parecia se repetir.

Não acreditava que aquele homem deitado,
PERIGOSAS ACHERON

lindo, cheiroso, era meu marido.

Às vezes me pegava me beliscando para ter certeza que não era sonho.

E toda vez que ele repetia que me amava, ficava mais emocionada e agradecida.

Nosso filho ainda não tinha apresentado seu sexo para nós.

Tinha a personalidade grega do pai.

Já se mostrava mesmo antes de nascer.

Ainda não sabia como seria o futuro, onde viveríamos de verdade, mas onde minha família estivesse, para mim estaria bom.

Só queria continuar ao lado de todos eles.

Olhei para minhas mãos bem cuidadas, que antes viviam corrompidas pelos produtos de limpeza, e quem diria que aquelas mãos trariam mais de trabalho árduo de quem teve de batalhar

PERIGOSAS NACIONAIS

para criar os irmãos.

Me orgulhava disso.

Niza assumiu a empresa e Isabel virou seu braço direito. Elas mereciam. Era chegada a hora de Íris descansar e curtir sua família.

Sorri.

Nunca imaginei descansar.

Passei então a pensar em viajar, conhecer o mundo, assim como Arthur havia me prometido.

Não que não pretendesse voltar para minha empresa. Só tirei um tempo para viver um pouco.

— Estou com saudades. — Sorri de sua voz manhosa.

— Estou aqui.

— Venha cá fazer carinho em seu marido.

— Meu marido. — O som era perfeito. —
Meu marido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, seu primeiro e único marido.

Continuava ciumento, possessivo como sempre.

Voltei para a cama, deixando-o subir as mãos por minha barriga.

— Estou curioso para ver sua carinha — disse.

— Também estou, mas acho que vai se parecer com você.

— Contanto que tenha sua personalidade.

Rimos e nos aconchegamos.

— Eu te amo, minha Íris!

Amava ouvir isso.



Estava louca procurando um vestido que coubesse em mim para a [première](#) do filme.

PERIGOSAS ACHERON

A mídia andava surtada ao descobrir que o autor havia se casado com a musa do filme.

Essa descoberta rendeu várias páginas nos jornais de todo país e muitas entrevistas do Arthur na TV.

Recusei-me a viver na mídia, preferia a discrição. Era chamada de Cinderela e muitas meninas suspiravam com a história de amor de uma faxineira com o autor famoso. Para o filme foi ótimo, mas para mim virou um transtorno.

Precisava de um vestido chique para participar da apresentação do filme no Brasil.

— Íris?

Virei, com minha barriga já aparecendo, para encontrar Lara.

Nossa amizade esfriou. Sei que estava se tratando para vencer o vício, e que a história dela e Arion não tinha acabado, os dois se amavam, mas

PERIGOSAS ACHERON

algo os impediam de ficar juntos.

Lara era uma pessoa boa, mas ainda me lembrava de sua voz chamando Arthur de *amorzinho*, sem contar que me usou para conseguir o papel.

Ficava bem chateada ao lembra-me disso tudo.

— Oi, Lara. — Aceitei seu cumprimento.

— Veio comprar um vestido? — Olhou a boutique a minha frente, onde pretendia entrar.

— Ah, sim. Preciso de algo que caiba nesta barriga — brinquei.

— Você está reluzente grávida — falou séria.
— Parabéns!

— Obrigada.

— Posso te ajudar a comprar o vestido? — pediu, desconcertada. — Eu sei que fiz merda, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

eu gosto de você, Iris. Foi a única coisa real em minha vida.

Era uma pessoa tão quebrada.

— Tudo bem, aceito sua ajuda. — Entramos na loja e os seguranças ficaram do lado de fora.

Andava com dois seguranças e um motorista. Surtei no começo, mas depois entendi o Arthur.

Haviam coisas que eram necessárias.

Não era mais Íris Callus, era Íris Callaus Marlus Senna, esposa de um homem rico e famoso.

Odiava essa coisa de comprar roupa.

Isabel sempre me ajudava, mas estava muito ocupada para me ajudar, se preparando para suas férias na Grécia com o Flávio. O namoro deles ia bem evoluído, e torcia bastante. Eles mereciam ser felizes.

Isabel mais que ninguém merece um

PERIGOSAS ACHERON

recomeço.

— Tem algo em mente, senhora Íris? —
perguntou a atendente.

Olhei para ela com dúvidas. Arion que fazia
isso por mim.

Mas estava viajando, creio que fugindo da
Lara. Desde meu casamento que andava estranho,
foi quem me conduziu ao altar, mas parecia
disperso.

Não convidei a Lara, a achei dispensável,
como as pessoas íntimas que desejava por perto.

Esperava que eles conseguissem se encontrar
em meio a tanta mágoa e dor que via nos olhos dos
dois.

— Um bem bonito, com cores vivas. — Lara
escolheu por mim.

— Pode ser.

Nisso não podia negar. Ela tinha bom gosto.

Olhei para ela agradecida e a mesma segurou minha mão, feliz.



— Vamos, Íris. — Cibeles estava em cólicas de curiosidade. — Qual o sexo do meu sobrinho?

Era uma moça linda e cada dia mais esperta, inteligente, só falava que seria aeromoça para poder viajar o mundo.

Arthur cuidava dela como sua filha e os dois tinham uma conexão invejável, eram inseparáveis, às vezes me deixando de lado para jogar algum jogo bobo ou falar de livros ou filmes.

Gostava de saber que minha irmã via nele uma figura masculina como exemplo, que tinha no Arthur alguém para se confiar.

— Curiosa! — debochei e ela bufou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Conta logo, amor — Arthur pediu, com pena dela.

Tínhamos voltado do médico com o resultado do sexo.

Abri a bolsa e entreguei o exame a ela.

— Um menino? — Pulou, feliz. — Temos que pensar em um nome.

Meu marido me abraçou por trás, contente, olhando a Cibeles tagarelar sobre o sobrinho.

— Feliz, marido?

— Sim, minha Iris. Abençoado. — Beijou meu rosto. — Acho que deveríamos comemorar — disse baixo e safadamente em meu ouvido.

Sorri discretamente para Cibeles não perceber.

— Concordo.

— Bem, vou tomar banho — falei alto e fui para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Corri para tirar a roupa, mas antes de chegar ao banheiro ele já entrava no quarto.

— Minha esposa?

— Oi marido!

Puxou a camisa para fora da calça e veio até mim.

— Perfeita!

Eu amava aquele homem, amava minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Os fotógrafos já nos aguardavam, o carro parou no tapete e uma multidão do lado de fora gritava o nosso nome.

Íris, linda em seu vestido vermelho, com meu filho no ventre.

Era a imagem mais perfeita que já havia visto.

Segurei sua mão para dar força, afinal não era o mundo dela, era o meu.

Ela me olhou, tímida.

— Vai ficar tudo bem.

Ela assentiu, dando a mão quando alguém falava com ela, e sorrindo discretamente para os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

flashes dos fotógrafos que não paravam.

— Senhora Iris, como é ser a musa de um livro? — perguntou um repórter quando passamos.

— Senhora Iris, como é ser casada com Arthur Marlus?

Seguimos com os seguranças, que abriam espaço para nossa passagem.

Eles não me queriam, queriam ela, pois vivia discretamente, simples, por isso os deixavam loucos para saber mais.

Várias pessoas nos cumprimentaram.

Lara estava belíssima. O ator que fez o meu papel no filme veio falar conosco, também o diretor, e várias pessoas do elenco.

Parecia que já havia visto tudo aquilo antes.

Sentia-me feliz, agraciado.

Tinha uma esposa linda, grávida, e uma

PERIGOSAS ACHERON

família maravilhosa.

Logo fui chamado ao palco, mas antes beijei a Íris.

— Senhores, é um prazer estar aqui hoje com vocês. — Aplausos. — Sou um homem de sorte.

Todos riram e eu olhei para Iris, que chorava, sentada na cadeira em nossa mesa.

— Perdi minha primeira esposa de forma trágica e achei que tudo tinha acabado para mim, mas o destino é tihoso e tinha novos planos. Trouxe a Íris para minha vida de uma forma avassaladora, me neguei, tentei fugir, relatei isso no livro. — Todos ouviam com atenção. — Entretanto, mais uma vez o destino tinha planos e eu percebi que sem ela não posso viver.

Mais aplausos.

— Tudo que acontece aqui hoje é por conta do meu amor por ela.

A plateia delirou e Iris chorava copiosamente.

— Iris vai me dar um filho, logo teremos em nossos braços o Arthur Junior. — Gritos de alegria por todos e assovios. — Hoje é um dia de festa e creio que o filme *PÁGINAS DA VIDA* será um grande sucesso.

Muitos mais aplausos e assovios.

Desci do palco e fui até ela.

— Arthur... — falou, chorosa, e mais linda que nunca.

— Eu te amo, minha Iris, e nunca mais vou parar de agradecer por dizer isso.

— Também te amo.

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dicionário Grego

1. *KATO* – PEQUENA ILHA DE KOUFONISA
2. KOUFONISA - ILHA GREGA!
3. SAS EFCHARISTÓ - OBRIGADA EM GREGO!
4. K'YPIE - SENHOR!
5. EVGNOMOSÝNI - GRATIDÃO
6. AGÁPI – AMOR
7. BOUGANVILLES - FLORES TÍPICAS DA GRÉCIA.
8. ÁNGELOS – ANJO
9. THEÓ – DEUS
10. KALINÝCHTA - BOA NOITE.
11. PAÍZE ME - TOCAR
12. THEÁ – DEUSA
13. COLETIVIDADE HELÊNICA-LOCAL DE ESTUDO E DIVULGAÇÃO DA CULTURA HELÊNICA;
14. SIRTAKI – DANÇA POPULAR GREGA;
15. KOUZINA – RESTAURANTE PAULISTA QUE SERVE COMIDA GREGA;
16. MALAKAL – BABACA EM GREGO
17. THIALO – INFERNO

PERIGOSAS NACIONAIS

18. GIOS ENÓS SKÝLOU! - A
TRADUÇÃO É INDEFINIDA, EQUIVALE A “FILHO
DA MÃE”

19. ÁTHLIA – MISERÁVEL

20. KARDIÁ – CORAÇÃO.

21. ILÍTHIOS – IDIOTA

22. AS TO THIALO - VÁ PRO INFERNO.

23. TI ZOÍ MOU – MINHA VIDA

PERIGOSAS ACHERON